

LUZIA

Rindo e chorando...



PORTUGALIA
EDITORA
73, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1922

40

29472

Rindo e chorando...

'Da mesma auctora :

OS QUE SE DIVERTEM (*A comedia da vida*), 2.^a ed.

BIBLIOTECA NACIONAL

12. 12. Maio de 1923

LUZIA

509470

A.F. 20148

R.P.L.
2391
B.3

Rindo e chorando...



PORTUGALIA

EDITORA

73, Rua do Carmo, 75

LISBOA

1922

Plus je songe à la vie humaine, plus je crois qu'il faut lui donner pour témoins et pour juges l'Ironie et la Pitié, comme les Egyptiens appelaient sur leurs morts la déesse Isis et la déesse Nephtis. L'Ironie et la Pitié sont deux bonnes conseillères ; l'une, en souriant, nous rend la vie aimable ; l'autre, qui pleure, nous la rend sacrée. L'Ironie que j'invoque n'est point cruelle. Elle ne raille ni l'amour, ni la beauté. Elle est douce et bienveillante. Son rire calme la colère et c'est elle qui nous enseigne à nous moquer des méchants et des sots, que nous pouvions, sans elle avoir la faiblesse de haïr.

ANATOLE FRANCE.

CONFIDENCIAS

Confidencias

Um quieto serão de provincia.

Ha uma meza de *bridge* onde jogam: José, o dono da casa, forte, trigueiro, cabelo grisalho, *toilette* pouco cuidada. Falla muito alto, de vez em quando atira um murro á meza, larga o seu palavrão e, apesar d'isso, tem um grande ar.

A Viscondessa, terrivelmente *démodée*, toda ella são rendas e laços. Penteado grotesco, em caracoés. Bastante parecida com o cãosinho felpudo que lhe repousa aos pés. Tem tambem um grande ar.

Padre João, pequenino, gordo, vermelho, anafado, dentro d'uma sotaina muito apertada. Baptisou a menina. E' um velho amigo da casa.

O Doutor Juiz de Direito, sobrecasaca, luneta doirada. Muito solemne. E' de Vizeu. Falla *axim*. . .

De roda d'uma larga jardineira, á luz suave d'um candieiro d'azeite, trabalham: Sophia, o cabelo branco, mas a pelle d'uma admiravel frescura, uma

pelle de vinte annos. Os olhos claros, limpidos, serenos como um ceo de verão. Eman a paz, bondade...

Josephina, envelheceu ainda... Dir-se-hia que o olhar se lhe tornou mais negro, mais profundo. Cavarão-se lhe mais as pregas aos cantos da bocca fanada... Só o corpo, que um vestido preto, simples e justo modela, conserva a sua perfeição de estatua.

Gracinha, vestida de branco, irradia mocidade, saúde... Mas ha uma sombra de tristeza no seu delicioso *minois* côr de rosa, os olhos parecem amuados com a vida; na musica do seu riso uma nota desafina.

D. Maria do Ó, mulher do juiz. Deslavada, balofa, de cabelleira. Borda a matiz com um eterno ar de consternação. Foge-lhe varias vezes do peito um suspiro magoado. Não tem desgostos. O juiz é um esposo modelo, incapaz da minima *rigolade*, o filho um portento d'intelligencia... Porém, nasceu assim, votada á melancholia...

Juca, o portento, amarello, esgrouviado, a cabeça, uma floresta, pelo menos semi-virgem de pente. As unhas, em geral, de luto. Tambem falla *axim*... Recita. Tem uma predileção pelos poetas romanticos.

D. Adelia, D. Adelaide e D. Adalina Araujo, redondinhas, córadinhas, tres maçãs camoezas. O genero da provinciana esperta, que sabe a ultima palavra sobre todas as coisas praticas; faz os bolos mais appetitosos, cultiva as begonias mais raras, conhece os melhores processos para o fumeiro. Discute-se a

morte do Albuquerque. Foi o ultimo acontecimento palpitante da tranquilla cidade. Ha quatro dias todas as senhoras abandonaram os seus habitos caseiros para ir fazer companhia á D. Anna, inconsolavel, coitada!

E D. Maria do Ó lamenta a relutancia de Sophia em sahir da quinta... A D. Anna tem reparado...

Sophia desculpa-se — Não lhe falta companhia...

— Toda é pouca n'uma occasião destas, minha rica senhora...

D. Adelia torna a contar o caso da luneta : aquelle extranho caso, que tanto arreliou e ainda arrelia a D. Anna. Já se vê, ella desejava que nada faltasse, que, depois de morto, o Albuquerque tivesse ainda tudo o que lhe era indispensavel em vida. Puzeram-lhe meias de lã, como sempre usou, mesmo no verão, por lhe arrefecerem muito os pés, a sua roupa muito bem engomada, com o rico cheirinho d'alfazema, o lenço de seda, com agua de Colonia, o prégo de ferradura na gravata, por ser um *porte bonheur* e a sua comenda da Conceição, em que elle, coitadinho, fazia tanto gosto... Mas, quando a D. Anna lhe quiz pôr a luneta, não houve meio de encontral-a... Procurou-se pela casa toda. Afastaram-se os moveis... Despejaram-se as gavetas... Um sumiço assim!... E teve que ir o pobre homem sem luneta para a cova... Aquillo tem feito uma confusão á D. Anna!... Sempre a scismar : — O Albuquerque hade dizer que foi descuido...

D. Adelaide censura asperamente o despauterio da mulher do Delegado :

— Pois a D. Josepha, no dia do funeral, senta-se no sofá!...

D. Maria do Ó nem podia acreditar...

D. Adelina, que é cheia d'indulgencia, lembra :

— Talvez a pobre senhora não reparasse... Vocês não concordar, a sala estava escura de mais, a gente não via onde se sentava... Ai! Eu estou desejando que passem os oito dias, para se abrir um boccadinho da janella... Ainda hontem, por um triz, o Coronel Serrão, não se me encaixou no collo...

— Tristes praxes! — suspira, profundamente D. Maria do Ó.

D. Adelia annuncia que é em S. Lourenço a missa da primeira sexta-feira. Cahe lá, decerto, o poder do mundo... A D. Anna, que ainda não recebeu o luto encomendado no Lopes de Sequeira, vai de mantilha...

— Que incommodo para os abraços, para os cumprimentos! — exclama D. Adelaide.

— Já todas lhe pedimos que fique em casa, rezando no seu oratorio, mas ella quer fazer tudo...

— Ah! lá isso, é a consolação que lhe resta... A não ser a luneta, nada faltou ao Albuquerque... — E D. Maria do Ó expande-se, em prolixas considerações sobre a longa doença, os cuidados, as exigencias, o que se gastou na botica, as vezes que era preciso mudar de roupa, o estrago que houve no rico

bragal da D. Anna... Coisas que nunca tinham servido e ella para ali poz tudo...

Depois D. Adelina refere-se ao testamento, aos legados... Inegavelmente o Albuquerque portou-se bem. Todos os amigos receberam uma lembrança...

— Oh! D. Maria, é verdade que a unha d'elephante, que elle trazia sempre como berloque na corrente do relógio, foi para o Doutor Juiz?

— Sim, o Doutor Juiz herdou a unha de elephante, que tanto o sensibilizava pelo seu valor estimativo.

Sophia já mil vezes ouviu, n'outros monotonos serões, aquella longa e funebre historia; mas, dona de casa perfeita, interessa-se amavelmente, pede detalhes, mostra-se encantada com a sagaz observação, o fino bom senso, a suprema arte de contar das senhoras da cidade...

Josephina faz *crochet*, distante e silenciosa... As mãos pallidas, movendo a lã, tem uma graça fragil de flôr...

Gracinha, impaciente, pergunta pela segunda vez: — Que horas são? — Parecem-lhe sempre infundáveis aquellas reuniões...

A conversa afrouxa... Fartas de repisar a morte do Albuquerque, as senhoras cahem n'uma vaga somnolencia... D. Maria do Ó levantou-se cedo, por ser dia de amassadura... As tres Araujos, que tambem estão de pé desde as sete da manhã, por causa da Novena ao Senhor Archanjo S. Miguel, começam a bocejar...

Na meza do *bridge* levanta-se uma discussão...

José exaltado, furioso, acusa Padre João de ter jogado como um pé.

Padre João, muito excitado também, responde: — Isso agora, com perdão de V. ex.^a...

A Viscondessa exclama: — «oh! menino! — e abana-se nervosamente com o seu leque de lentejoulas...

Sophia acode docemente reprehensiva:

-- Então, José...

Um silencio pezado cahe sobre a casa. Já a face deslavada de D. Maria do Ó mergulha no succulento peito. E D. Adelia tem de pregar um beliscão em D. Adelina, cujos olhos se fecham irresistivelmente...

O relógio marca apenas dez horas.

A *boleima* começa a aloirar no forno da cosinha. A água ainda não ferve para o chá...

Decididamente é preciso inventar qualquer coisa que acorde e divirta as senhoras. Sophia pede a Juca uns versinhos. Já tem saudades d'ouvil-o recitar...

Juca declara-se esquecido... O estro abandonou-o, quebrou a lyra em proveito das mathematicas...

Mas D. Adelaide, a mais esperta das Araujos, protesta logo energicamente: que não venha com desculpas d'estros e lyras partidas. Ainda ante-hontem, em casa do sr. Governador Civil, elle deliciou toda a gente com aquelle sonetosinho da amplidão celeste...

E Sophia insiste pelo soneto da amplidão celeste... Se Juca não as acha muito indignas d'aprecial-o depois do sr. Governador Civil...

Juca levanta-se, passa os dedos pela grenha indomável, crava um olhar assassino na loira cabeça de Gracinha, declama:

Longe, bem longe na amplidão xeleste...

D. Maria do Ó contempla-o enlevada...

As tres Araujos batem o compasso com a cabeça...

E, sob o olhar furioso de José, a Viscondessa poisa as cartas, abre o seu grande leque de lentes-joulas, ouve tambem, em extasis...

Pouco a pouco Juca enthusiasma-se, ergue a voz e é quasi aos berros que lança os ultimos versos:

Oh! nunca xaibas que axim foste amada,

Oh! nunca xaibas que eu morri d'amor!

Ha uma longa salva de palmas.

A Viscondessa murmura numa beatitude: — Que lindo! Fadou-o Deus para Luiz Fernandes, sr. Juca...

D. Maria do Ó resmunga: — Longe vá o agoiro...

O Doutor Juiz de Direito declara: — Muito bem...

Não é por ser meu filho...

D. Adelina pede a *Lua de Londres*... — Se não dá muito incommodo...

E D. Adelia, o *Noivado do Sepulcro*... — Se não tiver a gargantinha secca...

Atravez as portas abertas vê-se o terraço inundado de luar...

Então Josephina, depois de felicitar tambem o ju-

venil *diseur*: — que encantador o soneto e que bem recitado! — queixa-se d'uma horrivel dôr de cabeça. E' o calor do candieiro, decerto... Se lhe derem licença vai respirar um pouco no terraço... E de lá apreciará a *Lua de Londres*...

As senhoras acham uma imprudencia. As noites ainda são traiçoeiras, ha um andaço de constipações...

Mas Josephina levanta-se logo... Surrateiramente Gracinha segue-a...

Vão encostar-se á balaustrada onde, cada primavera, as glycinias e os jasmims se unem num abraço perfumado... A noite está infinitamente calma. Ouve-se apenas o murmurio doce da agua no repuxo do jardim... E Josephina sente que a mão pequenina de Gracinha procura a sua mão...

— Não é verdade que aquillo ás vezes acontece, Josephina?

— O quê, Gracinha?

— O que disse o Juca: Oh! nunca *xaibas* que eu morri d'amor!...

Josephina tem um sorriso amargo:

— São illusões de poetas... Ninguem morre d'amor.

— Pois eu...

— Dar-se-ha o caso?...

— Sim, dá-se o caso... Tenho um grande desgosto...

— O desgosto d'um passarinho, talvez...

— Não acreditam porque sou assim meia peque-

na... Parece que é preciso ter a idade da tia Barcellos para soffrêr...

— Conta-me as tuas penas, Gracinha...

— E a Josephina não ri de mim, como os outros?

— Nunca rio do soffrimento.

— Pois então, fique sabendo que talvez tambem eu morra d'amor...

— Não pelo Juca, espero...

— Antes fosse, que esse é feio, mas gosta de mim. Anda tudo desencontrado n'este mundo...

— A vida é um jogo de disparates tristes, minha pobre Gracinha... Como se chama o ingrato?

— Desculpe, Josephina... Eu não posso dizer o nome d'elle a ninguem... Digo-o... só para mim.

A' noite, antes de deitar-me, ponho-me á janella, quando está tudo assim muito poetico, a lua, as estrellas, os cometas, as arvores, as plantas, as rãs, os rouxinoes, chamo-o mil vezes: Pe... (atalha vivamente) Fulano! Fulano! Fulano! como se elle pudesse

ouvir-me, como se elle pudesse vir...

— Por uma escada de seda...

— Não é homem para essas coisas...

— E eu a julgal-o um heroe de romance...

— Parece-se com um heroe, infelizmente...

— Qual?

— A Carminho é que diz...

— Pois a Carminho está no segredo?...

— A Carminho sabe que eu amo uma pessoa, que ella não sabe quem é, nem hade saber nunca... Mas, pela descripção do que se passou entre nós...

— Então já se passou alguma coisa?

— Como elle não atava nem desatava dei-lhe a entender a minha paixão...

— E o... Fulano?

— Fez-se sempre de novas... Por isso a Carminho, que já tem prática d'essas' coisas...

— Uma longa prática...

— Não é verdade?... Disse: Pela certa que é algum D. José...

— D. José?! O do Terreiro do Paço?

— Não, o do Egypto...

— Esse não tinha dom, Gracinha...

— Pensei que tivesse... Como o caso era com a rainha D.... Ai! Já não me lembra o nome... E' tão exquesito!... Emfim, a tal rainha queria, á força, que o tal José lhe desse o seu coração, o José nem a pau lh'o queria dar... E ella que sim e elle que não, até que um dia, em que a rainha apertou mais com elle, o homem, na pressa de raspar-se, até perdeu a capa...

Contando estas extranhas coisas a voz de Gracinha tem uma tristeza tão magoada, que Josephina não ousa sorrir, afaga-lhe o cabello, murmura docemente:

— Elle ainda ha-de querer, verás...

— Não me resta a mais pequena esperança...

— E' preciso saber esperar, Gracinha...

— A Carminho diz que, quando elles são d'aquella qualidade...

E Gracinha deixando cahir a cabeça sobre o coração de Josephina, chora devagarinho as suas pri-

meiras lágrimas d'amor, leves e mansas como os orvalhos da primavera, enquanto Juca, cedendo enfim aos rogos das senhoras Araujos, recita despeitado e murcho :

Bae alta a lua na manxão da morte. . .

Lisboa, Abril de 1920.

SABER GOSTAR, SABER SOFFRER,
SABER ESPERAR. . .

L'amour ne mérite son nom que quand
il arrive à être une infinie bonté.

GUIDO DE VERONA.

Saber gostar, saber soffrer, saber esperar...

Em casa da Marqueza de Flôr da Rosa.

A' doce hora do chá, quando a sala toma um ar mais íntimo, mais aconchegado e a gente se esquece deliciosamente a conversar...

Marqueza — Josephina

Marqueza — Ora até que *Mademoiselle de Lespinasse* se dignou...

Josephina — *Mademoiselle de Lespinasse*? Não me arranjarás outro nome que diga melhor comigo?

Marqueza — Embirras com a pobre Julia?

Josephina (*sorrindo*) — Tomei o partido de *Madame du Deffand*, mas não é por isso...

Marqueza — Porquê, então?

Josephina — Porque a respeito de parecências...

Marqueza — Julia não devia nada á formosura, bem sei, e tu...

Josephina — Eu tambem já não devo...

Marqueza — *Fishing?* Pois deixa estar que não te faço cumprimentos... Mas, se Julia não tinha a belleza, tinha a graça...

Josephina (*sorriso triste*) — E sobretudo a desgraça, como eu... E' o nosso unico ponto de contacto...

Marqueza — Julia foi a grande amorosa do seculo XVIII... (*ironia doce*) Tu és a grande amorosa do seculo XX...

Josephina (*tristemente*) — Achas que me dou assim em espectáculo?

Marqueza — Perdão... A minha amiga *dix huitième* deu-se tão pouco em espectáculo, que nem sequer os mais intimos descobriram a sua paixão por Guibert... (*maliciosa*) O que me admira é que elle se calasse ..

Josephina (*maliciosa tambem*) — N'esse tempo os homens fallavam menos, talvez... Mas houve apenas um pequeno engano, uma confusão entre os intimos... Atribuiram todo aquelle luxo de lagrimas e queixumes e... *vapeurs* á saudade do Duque de Mora... E' que as paixões succediam-se rapidamente no coração da Lespinasse...

Marqueza — Porem d'Alembert...

Josephina — Esse vivia n'aquelle engano d'alma, ledo e cego, peculiar aos maridos de todas as epochas...

Marqueza — Estás d'um azedume!

Josephina — Para d'Alembert? Enganas-te. E' o

que acho mais sympathico de todos. O que eu teria escolhido...

Marqueza (*ironica*) -- Provaste-o bem... A tua escolha cahiu realmente sobre uma pessoa que lembra o grande amigo da Lespinasse, na bondade, na abnegação...

Josephina -- O que queres? Sonha-se com d'Alembert e encontra-se...

Marqueza -- Guibert...

Josephina -- Ai de nós!

Marqueza -- O teu não escreve tragedias. E' um pouco menos maçador do que esse enfatuado *Sire*...

Josephina -- Ora até que lhe encontráste um merecimento!...

Marqueza (*seccamente*) -- O primeiro e o ultimo, parece-me...

Josephina -- E's injusta, Maria... Todos teem qualidades e defeitos...

Marqueza -- As qualidades de Paulo devem andar muito escondidas... Mas voltamos ao seculo XVIII, sim? Concedes-me, pelo menos, que a Lespinasse sabia gostar...

Josephina -- Depende do que chamas saber gostar...

Marqueza -- Meu Deus! Não é assim tão difficil...

Josephina -- Gostar mal... Mas gostar bem... que sciencia!...

Marqueza -- E a minha pobre Julia...

Josephina — Gostava o peor possível... Com egoísmo, com caprichos, com exigencias, inundando Guibert n'aquellas tumultosas cartas...

Marqueza — E' isso a paixão...

Josephina — Paixão, furia, delirio... o que quizes... Em todo o caso não me parece a melhor fórma...

Marqueza — Explica então, como deve ser...

Josephina — Dar tudo e nada pedir em troca...

Marqueza — Muito bonito, mas falsissimo... a generosidade não costuma andar de braço dado com o amor...

Josephina — São maneiras de pensar...

Marqueza — Tambem não concordas que a Lespinasse soube sofrer?...

Josephina — Com essa parte ainda concordo menos...

Marqueza — Que injustiça! Pois alguém n'este mundo padeceu mais pelo amor de que essa desgraçada Julia?...

Josephina — Eu não duvido que *Mademoiselle* de Lespinasse soffresse horrivelmente. Contesto-lhe apenas o saber soffrer...

Marqueza — Estás d'uma transcendencia... d'uma subtileza!...

Josephina — Procuo só mostrar-te que as tuas ideias e as minhas, sobre essa tragica heroina, differem completamente; não acho que a sciencia do soffrimento consista em atroar o mundo, com gritos de dôr, que, atravez duzentos annos, ainda nos fazem

estremecer... Só soffrem bem, minha querida Maria, os que não se queixam... Saber soffrer é sobretudo saber calar...

Marqueza (*sorrindo*) — Não tenho remedio senão declarar-me convencida...

Josephina — E retirar-me d'uma vez para sempre, todo e qualquer parentesco com a apaixonada celebre...

Marqueza — Passas a ser...

Josephina — O que sempre fui... Uma pobre mulher...

Marqueza — Ah! quanto a isso, tem paciencia... E' uma das minhas manias. Transporto tudo e todos ao delicioso tempo...

Josephina — Já é preciso ter imaginação e boa vontade, para fazer d'esta banal Lisboa...

Marqueza — Um cantinho *ancien régime*... Assim de quando os ares começaram a toldar-se, estavam em moda os *fichus* de musselina, Rousseau, a santa simplicidade...

Josephina — Nós substituímos a musselina pela ganga... E quem pões tu no lugar de Rousseau?

Marqueza — Eu sei lá! Elles são tantos a inventar contractos sociaes!... Mas está encerrada a sessão... historica... Dize-me: por onde tens andado, por onde te tens perdido?

Josephina — Não me perdi... Encontrei-me entre as velhas arvores d'uma quinta... Estive no campo...

Marqueza — E nunca me escrevestes!... D'antes escrevias como...

Josephina (*rindo*) — Temos comparação... Vê lá não seja como *Madame de Graffigny* nas *Lettres Péruviennes*...

Marqueza (*rindo também*) — As cartas de *Madame de Graffigny*, quando não vinham do Peru, eram encantadoras... Mas, descança. Não te comparo. Escrevias... como tu... com esse encanto só teu. Porque te remetteste assim ao silencio?

Josephina — Já não tenho o sorriso. É carta a que falte o sorriso...

Marqueza — Ha naturezas privilegiadas, que a graça jamais abandona, mulheres que são bonitas quando choram...

Josephina — A amabilidade do seculo XVIII!...

Marqueza — E a curiosidade de todos os seculos... Conta-me o que fizeste...

Josephina — Mergulhei na mais doce preguiça — Dormi sobretudo... Dorme-se deliciosamente n'aquellas grandes camas de pau preto, á sombra dos alvos cortinados e na quinta, debaixo dos pinheiros, enquanto o cuco...

Marqueza — Sonháste?

Josephina — Já não sonho...

Marqueza — Fazes mal. Sonhar é viver, d'uma maneira melhor ainda... Os sonhos restituem-nos o que já não temos, dão-nos o que nunca tivemos...

Josephina — Dormir é quasi morrer. Prefiro o somno decididamente...

Marqueza — São gostos... Como ficou essa gente?

Josephina — Sophia vive numa actividade d'abelha, de tudo colhe o mel para tornar mais doce o seu lar. Sempre serena, de bom humor, accumulando bondade, indulgencia, enquanto José, accumula preguiça, extravagancia, infidelidades...

Marqueza — Continua então incorrigivel esse meu sobrinho?

Josephina — Sim, o mesmo... Mas tão encantador que a gente teria pena de vel-o emendado...

Marqueza — Talvez Sophia não seja da tua opinião...

Josephina — E' que tu não sabes... quando se quer muito a alguém, até os defeitos...

Marqueza (*ironica*) — Parecem virtudes?

Josephina — Parecem melhores de que as virtudes dos outros...

Marqueza (*encolhendo os hombros*) — Ai! eu já estou muito velha para essas subtilizas... No meu tempo um defeito era um defeito, uma virtude era uma virtude... E, se alguém me trocasse a teimosia do meu marido pela condescendencia d'outro qualquer, ficava muito satisfeita...

Josephina (*rindo*) — Era teimoso o Marquez?

Marqueza — Como um burro... Deus lhe perdoe... Dá-me noticias de Gracinha.

Josephina — Sempre educada *à la diable*... Cresce e desabrocha livremente como as rosas no jardim... Sophia é d'opinião que as flôres precisam apenas do ar puro e da pura luz do céu...

Marqueza — Talvez tenha razão... As de cá, com esse aparato de métodos inglezes e mestras inglezas e exercicios inglezes, sahem tão malcriadas...

Josephina (*ironica*) — Era melhor a educação no tempo em que Madame d'Épinay escrevia os seus famosos tratados?

Marqueza — Havia maneiras, pelo menos... Quando voltaste?

Josephina — Ha oito dias... mandei-te umas flôres...

Marqueza — Um ramo d'essas finas *bruyères* que atapetam de côr de rosa, as immensas planicies... Porque não vieste ver-me?

Josephina (*atrapalhada*) — Não tenho podido sahir...

Marqueza — Se não é segredo d'estado, dir-me-hás tambem porque não recebeste o Pedro, que já duas vezes...

Josephina (*cada vez mais atrapalhada*) — Nem sei, tinha que fazer talvez...

Marqueza — Ah! foram os afazeres... (*Um silencio*) Dar-se-ha o caso que o formoso Paulo tenha ciumes?... No coração ou antes na vaidade, é bom não confundirmos, de certos homens, o ciume sobrevive longamente ao amor...

Josephina (*amarga*) — Paulo não me faz essa honra...

Marqueza — Não foi por causa d'elle... vocês não reataram?...

Josephina — Não, descança...

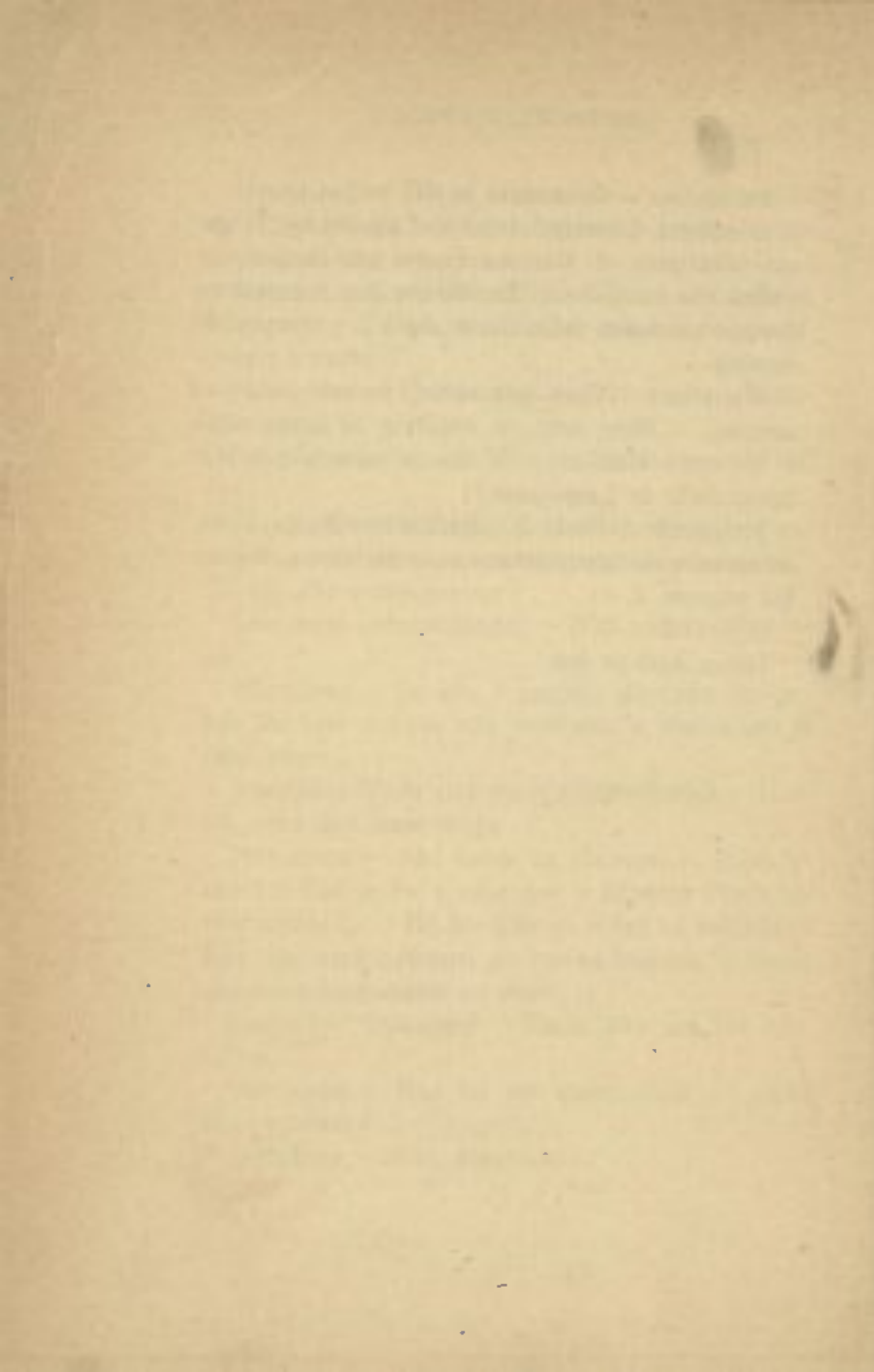
Marqueza — Realmente tu não podias querer...

Josephina (*bruscamente*) — Enganas-te. E' elle que não quer... Mas, no dia em que cheguei, escreveu-me um bilhete, dizendo-me que o esperasse, porque precisava fallar-me a sós e... como só foi hontem...

Marqueza — Com que então, durante toda uma semana: — *Mon ami, je souffre, je vous aime, et je vous attends...* E não te pareces com *Made-moiselle* de Lespinasse?!

Josephina — Nada... *Made-moiselle* de Lespinasse escrevia, impacientava-se, importunava. Não sabia esperar. E eu...

Lisboa, Abril de 1920.



A CONSULTA

Toutes les saisons sont belles, toute l'année, toute la vie...

MARIE BARRIRTSEFF.

A consulta

De tarde. A luz entra, suave e discreta, através os pezados reposteiros de vettudo côr de cereja. As poltronas são amplas e profundas. Sobre a meza recorta-se, elegante e fina, uma palmeira. Ha flôres nas jarras. Os quadros, paisagens claras, banhadas em sot, invocam doces villegiaturas. na ategria da convalescença. Cheira a lúia e a tabaco inglez.

O Doutor X, cincoenta annos. Cabello grisatho. Physionomia intelligente. Uns olhos que lêem, que perscrutam, que adivinham. Áquelle é escusado mentir. . .

Izabel, delgada, serpentina, linda d'expressão, de graça, de vivacidade. . . Trinta e cinco annos teves, como se fossem vinle e cinco apenas.

Margarida, patlida, fanada. com qualquer coisa de doloroso, de magoado. . .

Izabel (*alegremente*) — Oh! o encanto de consultorio! Nem a gente acredita que se lavrem aqui tantas sentenças de morte!

Doutor X (*sorrindo*) — Mas, minha querida se-nhora, aqui só se assignam decretos de saude. . .

Izabel — Tudo florido como uma capella...

Doutor X — Milagrosa .. E' que eu faço concorrência a Nossa Senhora de Lourdes...

Izabel — Até se perde o horror aos medicos...

Doutor X — Pois deveras, têm-nos assim tanto horror?

Izabel — Eu tenho, confesso... Lembram-me drogas, doenças e a mais odiosa coisa que se inventou: a morte...

Margarida — Comigo dá-se exactamente o contrario, embirro com os medicos porque teimam em prolongar o que mais me cança e peza: a vida...

Doutor X (*docemente reprehensivo*) — Então essa neurasthenia?...

Izabel — Ralhe com ella, Doutor... Está peor do que nunca...

Doutor X — Não segue o seu exemplo. Acho a mais alegre, mais brilhante ainda... E, se é possível, mais nova...

Izabel (*rinço*) — Realmente não tenho pressa nenhuma de envelhecer. O Doutor conhece algum elixir de eterna mocidade?

Doutor X — Não precisa...

Izabel — Ah! quem pudesse ter mil annos de vida! Talvez seja uma inferioridade, mas eu adoro este valle de lagrimas... Gosto do verão, do inverno, dos dias bonitos, dos dias de chuva, do sol doirado, dos nevoeiros cinzentos... Acho encanto em tudo... Se a gente chora hoje, melhor nos saberá sorrir amanhã... A lucta, o esforço que nos custa a existencia,

maior valor lhe dá ainda. Por uma illusão que se perde, outras mil se encontram... Meu caro Doutor soffro de optimismo agudo...

Doutor X — Deliciosa doença ! Não pretende que a cure decerto...

Isabel — E' incuravel. Seria em vão toda a sua sciencia...

Doutor X — Felizmente... (a Margarida) E V. Ex.^a onde tem estado que não a vejo ha tanto tempo ? Aceitou, enfim, o meu conselho, viajou ?

Margarida — Sou a mais docil das suas doentes...

Doutor X (*sorrindo*) — Quanto a isso protesto...

Margarida — Não tem razão... Enguli todos os seus brometos, sujeitei-me a todas as suas diabolicas electricidades, consultei todos os seus abominaveis collegas especialistas, e, durante mezes, passei pelo mundo o meu tormento, que, já se vê, voltou comigo...

Doutor X — Falta-lhe a fé, minha senhora... E, sem ella...

Margarida (*amargamente*) — Ninguem se salva, bem sei... Sou uma condemnada ás penas eternas... Começou já o meu inferno...

Isabel — E' isto que vê, Doutor... Multiplicaram-se-lhe os macaquinhos no sotão...

Margarida — Experimentei tudo. O sanatorio ia-me enlouquecendo. Aquelle socego, aquella disciplina, as duches de manhã, as horas infindaveis no parque, estendida sobre uma *chaise-longue*...

Izabel — Deixe fallar, Doutor... Era lindo o parque. Hei-de mostrar-lhe uma photographia da celebre *Allée des chênes*...

Doutor X — Tambem lá esteve?

Izabel — A minha maluqueira alegre fez sempre companhia á maluqueira triste de Margarida...

Margarida — Izabel tem sido o meu anjo bom... Sem ella eu não teria suportado um só dia d'aquelle horror...

Izabel — E' a tal mania de ver tudo pelo lado negro... Eu diverti-me immenso na Casa de Saude. Baptizei a logo de *Maboul City*. Ficou-lhe o nome... O Doutor Gervais prometteu-me que ia manda-lo gravar, em letras d'oiro, no portão... que homem encantador, o Doutor Gervais! E que pittorescos alguns dos nevropathas... E' assim que se diz?

Doutor X (*com um sorriso*) — Perfeitamente, minha senhora...

Izabel — Tomei duches por gosto. Ficava mais esperta depois...

Doutor X (*malicioso*) — Ainda mais?!

Izabel — E arranjei um *flirt*... Um extranho *flirt*... *Monsieur Gabriel*...

Doutor X (*galante*) — Feliz mortal!

Izabel — Pouco exigente sobretudo. Todas as suas ambições se resumiam em... sermos enterrados juntos...

Doutor X — Que animal!

Izabel — Ao principio... brr! quando o homenzinho repisava, beijando-me as mãos, que havíamos

d'ir no mesmo caixão, dava-me um arrepio cá por dentro...

Margarida — Izabel, lembra-te que o Doutor tem outros doentes, estamos a tirar-lhe o tempo...

Doutor X — São as minhas pequeninas ferias, minha senhora... (*a Izabel*) Continue, peço-lhe... E depois do arrepio?...

Izabel — Depois, nem ouvia... Sentia apenas o beijo e... sabia-me bem. Doutor, aprenda... E' preciso colher as rosas sem reparar nos espinhos...

Doutor X — Amavel philosophia! (*para Margarida*) V. Ex.^a não se demorou então no Sanatorio?

Margarida — Quizeram que eu experimentasse os Pyrineus... Ia morrendo de tristeza na solidão de Saint-Sauveur. Em seguida, aconselharam-me distrações, bulicio, Paris... Foi o peor de tudo. Parecia-me que tinha os miolos em fogo...

Izabel — Elles já andam a arder ha tanto tempo! Calcule, Doutor... Margarida queria que eu a levasse todas as manhãs ao cemiterio de Passy... Eternisava-se diante do mausoleu, onde dorme, emballada pelo verso de Theuriet, aquella extranha Marie Barkirtseff...

Doutor X — Que tanto queria viver...

Izabel — As cinzas da Princesinha russa nunca foram tão visitadas.. Ah! decididamente, a tristeza, não entra comigo! Fiquei á prova de fogo depois d'aquella villegiatura funebre...

Doutor X — E' que o cemiterio de Passy mais parece um jardim... E, nos dias de sol...

Izabel (*rindo*) — Mas nós iamos tambem nos dias de chuva. .

Doutor X (*para Margarida*) — Que excentricidade! (*a Izabel*) Não deve fazer-lhe todas as vontades, minha senhora. . .

Margarida (*vivamente*) — Se me contrariam é peor. . .

Doutor X — Vem então consultar-me, outra vez, e, já se vê, não me dá licença de contrariar-a. . .

Izabel — Ah! Doutor. . . Tinha-me esquecido, n'este prazer de tagarellar. . . Eu é que sou hoje sua cliente. . .

Doutor X — Está brincando comigo?

Izabel — Quasi. . . E' uma coisa que não vale a pena, decerto. . . Um insignificante *doe doe*. . . que nem sequer me *doe*. . .

Doutor X — De que se tracta, minha senhora?

Izabel — Tenho ha muito tempo um caroço. . . Oh! pequenino. . . mal se vê. . . mas hontem, por acaso, a minha mãe deu por isso e quiz, á força, que eu viesse consultar o Doutor. . .

Doutor X — Vou examinal-a, minha senhora. . .

Izabel — Como se fosse uma doença a valer? . . . Pois não lhe basta a minha descripção? . . .

Doutor X — Tenha paciencia. E' um momento apenas. . . Mostre-me esse famoso *doe doe*. . .

(Izabel desaperta o vestido, descobre o collo branco onde correm finas, delicadas veiasinhas azues).

Izabel — Por pouca coisa o incommodei, não é verdade, Doutor?

Doutor X (*que empallideceu de leve, mas sorri*)
— Realmente...

Izabel (*sorrindo tambem*) — Não é preciso cortar?

Doutor X — Não, descance...

Izabel — E' que eu tenho um tal amor ao meu rico corpinho... Chega a ser peccado... E, se me visse com uma cicatriz, nunca mais me consolava...

Doutor X — Querem ver que preferia a morte?

Izabel — Tambem não, Doutor. Prefiro viver inteira, perfeita, como Deus me fez... Receita-me alguma coisa?

Doutor X — Uma pomada (*escreve*).

Izabel — Que não cheire muito mal... Desfaz-se o *doe doe*?...

Doutor X — Sem duvida...

Margarida — Agora vamos, filha. E' tarde. Já nos demorámos de mais... O Doutor tem que fazer...

Izabel (*levantando-se*) — A culpa é d'elle. Arranjou um consultorio tão agradável, tão bonito, que a gente não tem animo de se ir embora...

Doutor X — Não sou eu que as mando...

Izabel — O Doutor é a galanteria em pessoa... Adeus. E, quando fôr a sério, prometto voltar, para o milagre... Dá licença que lhe roube um cravo?

(Tira um cravo vermelho da jarra, enxuga-lhe delicadamente a haste, prende-o na cintura).

Margarida (*um pouco embaraçada*) — Vae descendo, sim? Eu preciso dizer uma palavra, em particular, ao Doutor sobre as minhas manias...

Izabel — O classico segredinho da neurasthenia... Já estou habituada... Pois dize. E, metta-a na ordem, Doutor... (*sae rindo*).

Margarida (*anciosa*) — Doutor, a mãe de Izabel está na maior inquietação. Ambas as irmãs ihe morreram com... O Doutor sabe, que as tratou... A Izabel, graças a Deus, nem se lembra... Mas nós, quando vimos aquelle carço e ella nos confessou que o tem ha tanto tempo... Doutor, diga-me tudo... Conhece a minha coragem nas grandes occasiões... Os nervos dão-me para ahi... E'... o que receiamos?...

Doutor X (*depois de hesitar um momento*) — Infelizmente...

Margarida (*muito pallida*) — E ella com tanto horror a operações, coitadinha!

Doutor X — Não terá que fazel-a... E' inutil, minha senhora. Veio tarde de mais...

Margarida (*a voz treme-lhe*) — Então a Izabel está perdida?!... A Izabel vae morrer?!!

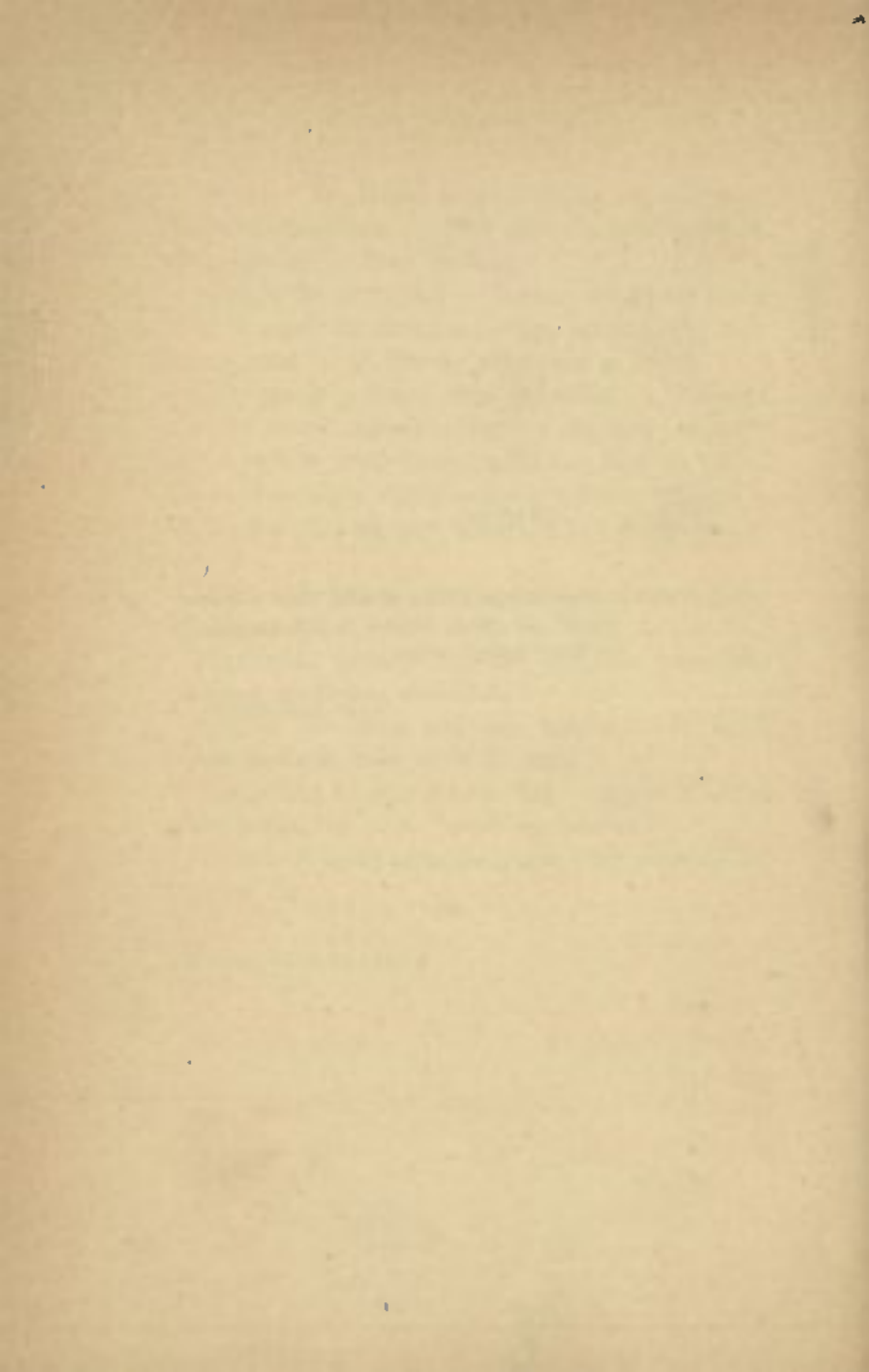
(Doutor X deixa cahir os braços n'um gesto de desolação...)

Lisboa, Abril de 1920.

VIVER...

Mon corps pleure et crie, mais quelque
chose qui est au dessus de moi se réjouit
de vivre quand même!

MADIE BARKIRTSOFF.



Viver . . .

Um quarto de dormir arranjado com requintada elegancia.
Penumbra. Vago cheiro a desinfectantes. Izabel dorme
livida, sob um doce! de rendas. Sentada junto á cama
Margarida scisma, um roزاری entre as mãos finas.

Izabel — Margarida

Izabel — Margarida . . .

Margarida — Izabel . . .

Izabel — Dormi . . . E d'um somno tranquillo . . .

Não tive pezadello . . . Nem sequer sonhei . . . Estou
melhor.

Margarida — Ainda bem.

Izabel (*impaciente*) — Parece que não dizes isso
convencida . . .

Margarida — Convencida e muito contente . . .

Izabel — Abre a janella.

Margarida (*docemente*) — Para quê? Ficas me-

lhor assim... Está um dia claro de mais, d'aquelles que ferem a vista...

Izabel — Gosto da claridade. Para escuridão basta quando...

Margarida — Não vaes dizer tolices...

Izabel (*impaciente*) — Vocês querem enterrar-me viva... que pressa! Sufa! Nunca julguei...

Margarida — Não te zangues... Eu abro já. (*entre-abre as persianas*)

Izabel — Mais... Mais... Assim...

(Margarida escancara a janella, o sol entra a jórros, brinca sobre as flôres do tapete, semeia de palhetas d'oiro a colcha de danasco vermelho... E, na luz crua, apparece mais assustadora, quasi cadaverica, a pallidez de Izabel).

Margarida — Estás satisfeita?

Izabel — Adoro o sol. Queria que não anoitecesse nunca. A noite lembra-me outra noite de que não se acorda mais. (*nervosa*) Vocês é que teem culpa, tu sobretudo. Pareces uma ave agoireira... Sempre vestida de escuro... E com essa mania d'andar nas pontas dos pés...

Margarida — Para não te fazer barulho. Queixaste-te ha pouco que te doía a cabeça...

Izabel — Como se fosse uma coisa do outro mundo têr dôres de cabeça!... E esse roزاری sempre nas mãos... (*sarcastica*) Já rezas pela minha alma?

Margarida — Rezo pela tua saude...

Izabel — Dir-se-hia que tenho uma grande doença...

Margarida — E rezo sobretudo por mim... Só Deus me consola...

Izabel (*ironica*) — Com a promessa dos bens do céu?... Prefiro os da terra, eu...

Margarida — Não duram...

Izabel — Vão e voltam... Renovam-se como as folhas das arvores. N'isso está o seu encanto. Dize lá; o que imaginas tu que se faz no céu?

Margarida — Descança-se... E' a infinita paz...

Izabel (*imperiosa*) — Dá-me o espelho...

Margarida (*suplicante*) — O Doutor não quer que te mexas...

Izabel — Já sabes que nunca estamos d'accordo, o Doutor e eu... Mas, confessa, tu tens medo que eu parta o espelho, como hontem...

Margarida — Excitas-te. Ficas peior depois...

Izabel — Socega... Não torno... Foi um dos meus antigos repentis... Sempre tive mau genio... (*com um sorriso*) Por isso não me casei...

Margarida (*sorrindo tambem*) — Eras capaz de fazer zo coração do marido o que fizeste ao espelho...

Izabel — Não julgo assim tão fragil o coração dos homens...

Margarida — *Cela dépend*...

Izabel — Discutiremos isso depois... Dá-me o espelho...

Margarida — Promettes-me que não te impacientas, que não te afliges... se te achares... um pouco abatida...

Izabel (*vêga no espelho, com um movimento nervoso que logo reprime*) — Fizéste bem preparando-me . . Não estou em belleza esta manhã. Mas depois dos trinta, a gente tem dias assim. . . Basta uma contrariedade, uma enxaqueca, uma noite mal passada. . . O remedio é carregar-lhe nas tintas . . Põe-me sobre a cama todo esse arsenal de guerra . . .

Margarida (*afflicta*) — Vaes cançar-te. . .

Izabel (*amarga*) — Descanço depois no céu. . .

(Margarida traz-lhe varias caixas e frascos, ajuda-a carinhosamente a sentar-se, arranja-lhe as almofadas, e, n'uma anciedade, segue-lhe os gestos nervosos, sacudidos).

Izabel (*pondo crême e depois carmin*) — Pelle côr de leite em que se afogaram rosas. . . Vê se está na conta. . . Santa invenção a da pintura! . . Com ella é facil fingir de nova, de bonita e até. . de viva. . . (*Não pode mais. Deixa cahir a cabeça sobre as almofadas. Uma lagrima rola-lhe pezada e lenta, pela face. . .*)

Margarida (*suplicante*) — Já estás muito bem, asseguro-te. . .

Izabel (*n'um grande esforço*) — Ainda falta a bocca . . Vermelha como uma cereja madura. . *Invitation au baiser* . . E a pontinha da orelha. . . Ah! tu não sabes. . . A orelha deve acabar côr de rosa. . .

Margarida (*procurando tirar-lhe o espelho*) — Presumida!

Izabel — Espera. Ainda não *mascarrei* os olhos... Procura-me o lapis... Os olhos, Margarida, devem parecer magoados, profundos... Olhos de pensativa, olhos de amorosa... Aprende... Aprende... Assim é que se engana a humanidade... Assim é que se impinge gato por lebre... (*Vê-se demoradamente ao espelho que entrega depois a Margarida*) Agora já não melto medo...

Margarida (*tentando sorrir*) — E's sempre bonita...

Izabel — Sabes o que me está lembrando? A impressão que me fez ha annos uma flôr... um daquelles maravilhosos cravos *malmaison* da collecção do Antonio... Acabara apenas de desabrochar... Dir-se-hia que nem o pó lhe tinha tocado. Colhi-o e, quando ia pô-lo no peito, reparei que um bicho qualquer, não sei quê de horrivel e pegajoso, se escondera entre as folhas e começava já a devoral-as...

Margarida (*pallida*) — Não percebo a que proposito...

Izabel (*amarga*) — Percebes muito bem... Sou como a flôr...

Margarida — Que mal me fazem essas tuas ideias negras!

Izabel — Pois fallemos de coisas mais alegres. Que dia é hoje?

Margarida — Quinta feira.

Izabel — Vem a *manicure* arranjar-me as mãos...

Margarida — Se quizeres recebel-a...

Izabel — Já se vê que quero... Deixa ver as tuas

mãos, Margarida... São bonitas como as minhas... Mais esguias, mais finas talvez... E tão expressivas! Tristes, carinhosas. Feitas para consolar, para afa-
gar... Dizem contigo...

Margarida — Gósto mais das tuas...

Izabel (*sorrindo*) — Não me consolava se as tivesse feias... As mãos são a belleza mais delicada na mulher. E a ultima que envelhece... Repara, Margarida... Ha mãos novas, leves, cheias de graça, em corpos todos enrugados... Ultimas a morrer tambem... Já os olhos se fecharam, já a bocca se cerrou para sempre, já a grande, a horrivel immobilidade paralysoou todos os outros membros e ainda as mãos do moribundo se estendem e agitam procurando... a vida, decerto...

Margarida — Quem te diz que ellas procuram?...

Izabel — Diz-me o meu instinto, o meu coração... Ouve, Margarida: quando vires as minhas mãos fazerem aquelle gesto, o *tal*... o ultimo, tem a certeza que é ainda a vida, a preciosa, abençoada vida que ellas tentam agarrar..

Margarida — Izabel! Izabel! Por piedade... Lembra-te da minha neurasthenia...

Izabel — Tens razão. Estou a ficar neurasthenica tambem. E' este quarto, esta clausura... Quando me deixam sahir?

Margarida — Logo que estejas um bocadinho melhor...

Izabel. — Já sinto saudades do campo e do Chiado... sobretudo do Chiado... A gente acha-o um

horror, chama-lhe nomes, imagina que o detesta e um bello dia percebe que lhe tem amizade. E' tão portuguez, tão nosso! Ah! Margarida, olho para traz e tudo me parece uma festa... Aquellas tardes de compras... A proposito; como vae o Tátá?...

Margarida — De saude perfeita... Sempre melifluo entre os seus carros de linhas...

Izabel — E os bolos da Garrett? Está mesmo a appetecer-me um *méringue à la vanille*...

Margarida — Não ha nada mais facil. Manda-se buscar...

Izabel — Para comel-o aqui? Não tem graça nenhuma. Lá é que sabe bem... Ali pelas seis, tarde e a más horas, á moda de Lisboa, quando está immensa gente e os criados servem mal... A musica toca um alegre *maxixe*, todos fallam ao mesmo tempo...

Margarida (*docemente*) — Voltaremos á Garrett... descança...

Izabel — Que flôres há agora nas *vitrines*? Estavam cheias d'azaleas quando as deixei...

Margarida — Ha rosas, anemonas, ervilhas de cheiro... Ainda hontem te trouxe um ramo...

Izabel — Não é a mesma coisa, aqui tudo fica feio, murcho, tudo cheira mal... E as joias do Leitão?

Margarida — Ireinos vel-as logo que sahires...

Izabel — Quero comprar outro colar de perolas. Já não gôsto das minhas. Hei-de fazer extravagancias para festejar a convalescença...

Margarida — Sim, sim... Farás extravagancias...

Izabel — É o cego de bigode loiro que vende botões e atacadores?

Margarida — Lá está... Um infeliz, coitado!

Izabel (*pensativa*) — Mas vive... (*pequeno silencio*)

Izabel — Dize, Margarida, ha mezes quando fomos ao Doutor X, para eu lhe mostrar... lembra-te?... elle percebeu logo que se tractava de... que eu tinha... a minha conta?

Margarida (*muito perturbada*) — Izabel! Izabel! Não é o que julgas...

Izabel (*irritada*) — Não sou eu que julgo... Vocês é que julgam... Eu sei que me curo. Tenho a certeza. Só morre quem quer... Eu não quero morrer...

Margarida — Para que fallas então n'isso constantemente?

Izabel — Vocês é que teem a culpa, repito-te... Andam todos com cara de caso. Parecem gatos pingados de roda de mim. Suggestionam-me. Endoidecem-me. A mãe até foge para que eu não a veja chorar...

Margarida — A tua mãe chora porque tu soffres...

Izabel (*cada vez mais irritada*) — É' mentira, não soffro. Amarraram-me a esta cama... não sei porquê...

Margarida — Para te pôres boa mais depressa... Tem um bocadinho de paciencia... (*Beija-a ternamente na testa*)

Izabel (*mais serena*) — Estou insupportavel. É'

falta de habito... Não sabia o que era doença...
E tu, com os teus pobres nervos, a aturares tud
isto...

Margarida — Muito mais me aturaste ainda...

Izabel (*sorrindo*) — Em Pau, lembras-te?

Margarida — Em Pau, em Biarritz, sempre...

Izabel — Havemos de viajar juntas, outra vez...
cueres?

Margarida — Quem me déra!

Izabel — Vamos no outono á Charente visitar o
formoso Dr. Dubois...

Margarida — E as *colchiques* roxas...

Izabel — E o bosque da Vestal...

Margarida — E os choupos delgados...

Izabel — E a sumptuosa *Madame Pinel*...

Margarida — *Née de Sénancourt*... (*ficam am-
bas a sorrir de mãos dadas*)

Izabel (*como quem acorda d'um sonho*) — Mar-
garida...

Margarida — Izabel...

Izabel — Costuma ser muito longa a agonia n'estas
doenças?

Margarida (*embaraçada*) — Não sei a que te re-
feres ..

Izabel — Viste morrer a tia Maria Carlota, a tia
Emilia ..

Margarida — Era outra coisa... (*com a maior
ternura*) Mas não tenhas medo... Se fosse... que
não é, não é, juro-te... eu não te deixava soffrer ..

Izabel (*desvairada, gritando quasi*) — Mas d'isso

é que eu tenho medo. Ouve, ouve bem. Quero, exijo
que me prolonguem a vida o mais que puderem.
Dêem-me espartina, cafeina . . Tudo, tudo... E
deixem-me sofrer... Sofrer é ainda viver!

Lisboa, Maio de 1920.

O ENTERRO DE IZABEL

Et, que tu aies vécu ici bas, joul de mille voluptés et supporté mille tracas, sera la même chose exactement que si jamais tu n'avais existé.

ANDRÉ BEAUNIER.

O enterro de Izabel

O quarto cheira a violetas.

Coberla de violetas, brancas, escuras, avermelhadas, d'um roxo que se esbate em suavidades de lilaz e de rosa, azues como pervincas, singelas, dobradas, de Parma, dos jardins, com longas hastes esguias, e as pequeninas, baixinhas, do campo, que se escondem entre as folhas, Izabel repousa enfim...

Sobre os olhos, os seus claros olhos ávidos de ver, cerraram-se, para sempre, as palpebras delicadas...

As mãos, as suas brancas, frívolas mãos, que joias enfeitaram, cruzam-se, para sempre inérrtes, nuas, como as mãos das eslualas...

A bocca, que em sorrisos floria, a sua linda bocca, onde passaram as vãs palavras e os beijos ainda mais vãos, para sempre emrudeceu, desboiada, murcha...

Os pés, os seus pésinhos leves, que correram em tão inu-
leis caminhos, para sempre pararam...

E, sobre todo o corpo, o seu voluptuoso corpo, em que baleu, tão ardente, um ephemero coração, para sempre desceram, profundos, elernos, infinitos, o silencio, o mysterio da morte...

Amigas, inimigas, parentes, admiradores, íntimos e os que desejam passar por íntimos — aquella mulher foi tão *chic*! — Toda a Lisboa elegante e a que prelude ser elegante, rodeiam o caixão em que Izabel jaz, pallida, sob as violetas...

Martha (*que acabou de collocar, junto ás pequeninas mãos immoveis, duas rosas brancas*)—
 Afinal a morte não mette medo... Imagino que Izabel dorme...

Margarida — Mal expirou, a sua physionomia tomou uma doce expressão de paz...

Martha — Mas ella não queria morrer...

Margarida — Coitadinha, estava muito agarrada á vida...

Martha — E achas que perceberem ?

Margarida — Creio que sim...

Martha — Fallou ?

Margarida — Até ao fim...

Martha — Devia ter sido horrivel...

Margarida — Menos do que eu receava... Depois da pavorosa noite, em que não cessou de gritar, pedindo, exigindo a saude, a vida, Izabel pouco a pouco socegou .. De manhã quiz confessar-se... Ficou, muito serena, a rezar... Pelas tres horas — os soluços da agonia começavam a suffocal-a — disse-me: «Já que não ha outro remedio...» E pareceu-me que sorria...

Martha — Morrer é facil, talvez...

Margarida — Muito mais custa viver...

.....
 Maria da Luz (*a Maria do Céu*) — Tu não trouxeste flores ?

Maria do Céu — Oh! filha, nem nisso pensei... Hontem, quando soube, estava a vestir-me para o jantar da Thereza... Calculas como fiquei... mas não

podia deixar d'ir... á ultima hora não havia de pregar á Thereza a partida de fallar... Tinha tenção de safar-me logo que engulisse o café... Mas começou o *bridge* e a minha classica *macaca*... Para mais a jogar mal, impressionada com este caso... que a gente não é de pedra... E sempre com a ideia de desferrar-me, de não deixar todos os cobres na algibeira do Carlos, fui jogando, fui ficando, e.. não te digo nada, eram tres horas da manhã quando sahi de casa da Thereza... Já se vê, acordei hoje estremunhada... Custou-me a saltar da cama... Mal tive tempo de vestir-me, quanto mais de comprar flores... E tu?...

Maria da Luz — Eu ha duas semanas não faço outra coisa senão gastar dinheiro com presentes a mortos... A corôa para a tia Victoria custou-me uma continha calada, os cravos para a Maria Antonia, a dois mil e quinhentos cada cravo... Resolvi pôr termo, porque francamente, isto de toda a gente desatar a morrer e uma pessoa a comprar flôres, é a ruina completa... De mais, eu não devia assim tantos favores á Izabel...

(Entra a sr.^a Viscondessa, vestida de preto dos pés á cabeça, traz um grande ramo d'azaleas e orchideas)

Joanna (a Maria da Luz) — Repara.. Parece que lhe morreu o marido outra vez .. Só lhe falta o véo de viuva...

Maria da Luz — E' para todos ficarem sabendo do seu parentesco com a Izabel...

Maria do Céu — Parentesco!... Só se fór por parte de Adão e Eva...

Joanna — Apurou-se que o trisavô do Visconde era primo, em trigesimo grau, da trisavó de Izabel...

(Risinhos rapidamente abafados entre os lenços).

Maria da Luz — E a respeito de flôres ella é que não esteve com meias medidas...

Joanna — Não fez a coisa por menos de oitenta mil réis...

Maria do Céu — *Noblesse oblige*...

(Entram *madame* Santos e Mariquinhas. Mariquinhas sobraça um enorme mólho de lilazes).

Joanna — E'na Pae! Aquelle é que leva a palma a todos!...

Maria da Luz — Que admiração! Se eu tivesse a fortuna do Papá Santos até trazia uma arvore...

Maria do Céu — Com raizes e tudo...

Joanna — Um pinheiro d'oiro...

Maria da Luz — Com pinhas de brilhantes...

Maria do Céu — Depois, o Paulo sempre foi intimo da Izabel...

Joanna — E olha que se elle chegou a gostar d'alguem...

Maria da Luz — Mas a Izabel não lhe ligava a minima...

Joanna — A gente sabe lá!...

Maria do Céu — Não, filha... Lá isso, eu só lhe conheci um fraco: o Gonçalo ..

Joanna — A proposito: elle esteve hontem em da casa Thereza?

Maria da Luz — Já se vê que estive...

Joanna — Homens! ..

Maria da Luz — N'esse ponto, desculpo-o... O pobre Gonçalo tinha mandado dizer que não ia... Mas faltaram parceiros... A Thereza insistiu...

Maria do Céu — Realmente quem anda na sociedade tem obrigações...

Maria da Luz — Por uma pessoa morrer não se hade desmanchar uma partida...

Maria do Céu — O sentimento está no coração são escusadas manifestações exteriores...

Joanna — D'accordo, filha... Ninguém, mais do que eu, tem o horror de dar na vista...

.....

Tole (*olhando para Izabel*) — Para tudo acabar n'isto, não vale a pena viver...

Alexandre — Eu não penso assim...

Tote — Como pensa, então?

Alexandre — Penso que, exactamente porque tudo acaba n'isto, precisamos gozar a curta vida, ás mãos cheias, e sem perder tempo...

Tole — Gósos mais ephemeros de que o fumo...

Alexandre — Crédo! Você já falla como no Ecclesiastes. Parece o Rei Salomão...

Tote — O Rei Salomão sabia o que dizia...

Alexandre — Era um maduro... Eu prefiro as doutrinas de Tournebroche...

Tote — Não conheço esse sujeito...

Alexandre — Um discipulo de Jérôme Coignard...

Tote — Tambem não tenho a honra...

Alexandre — Vocês só leem tolices...

Tote — Ora essa! Então eu não li de fio a pavio, o ultimo livro que me emprestou, a tal *Passion*, de Binet Valmer?

Alexandre — Quer que lhe conte uma historia de Jacques Tournebroche?

Tote — Se não fôr maçada...

Alexandre — Eu costume ser maçador?!

Tote (*sorrindo*) — Quando lhe dá para a litteratura é d'alto lá...

Alexandre — A minha historia encerra um sábio conselho...

Tote — Pois bem, diga... Mas falle baixo... A Margarida já duas vezes olhou para nós...

Alexandre — Não somos os unicos que falamos...

Tote — E tambem de nada serve á poôre rapariga estar a gente para aqui embezerrada...

Alexandre — Já se vê que nada se remedeia... Não podemos dar-lhe vida outra vez...

Tote (*de novo pensativa*) — E se pudessemos, quem sabe se Izabel a quereria?

Alexandre — Mais ideias tristes!... Você decididamente precisa ouvir a historia...

Tote — Conte...

Alexandre — Era unha vez uma linda mulher... Eu nunca a vi, mas estou certo que se parecia consigo...

Tote — Muito amavel da sua parte...

Alexandre — E tinha uma virtude tão feroz como a sua...

Tote — Fazia ella muito bem...

Alexandre — Não fazia tal... Martyrizava um perfeito rapaz que se consumia d'amor...

Tote (*ironica*) — Coitado!...

Alexandre — Por causa do mariola d'um frade que não cessava de prégar-lhe moralidade, desprezo dos bens da terra...

Tote — O frade conhecia-lhes o valôr...

Alexandre — O frade era um desalmado... Nem se contentava com a conducta exemplarissima da linda senhora, queria, não só que ella renunciasse ao amor, mas tambem ao inoffensivo *flirt*, á innocente galanteria, á *toilette*, ao pó d'arroz, ás rendas... e, veja lá a monstruosidade, até lhe aconselhava que partisse o espelho...

Tote — O espelho faz parte das pompas de Satanaz... Ella obedeceu?

Alexandre — O patife tinha uma d'estas lábias! Prometteu que lhe dava outro muito melhor, um espelhinho todo calita, que mais fielmente reflectiria os seus encantos... A pobre senhora com a mira na offeria... zás!... fez em pedaços...

Tote — E o que recebeu em troca?...

Alexandre — Recebeu... Imagine o quê... Uma caveira...

Tote — Que horror!

Alexandre — Com a recommendação de olhar para ella muitas vezes e de meditar: Vaidade das vaidades! .. N'isto é que eu heide tornar-me...

Tote — E depois?

Alexandre — Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro . . A formosa mulher á força de meditar, chegou á seguinte conclusão: já que d'aqui a dois dias eu heide transformar-me n'esta coisa horrenda, toca a servir-me dos meus lindos olhos, da minha ardente bocca . . . E se bem o disse, melhor o fez, em proveito do gentil rapaz . . . Moralidade do caso . . .

Tole — Perdão, immoralidade . . .

Alexandre — Chame-lhe como quizer, mas lembre-se que é ephemera a belleza e que, só pelo amor . . .

Marianna (*inquieta para Mathilde*) — Não achas perigoso estarmos a respirar esta atmospherá? Para mais não ha desinfectantes . . . Eu já tenho dôres de cabeça . . .

Mathilde — Tambem não me sinto bem. Detesto estas scenas . . .

Marianna — Se eu soubesse que o caixão estava aberto, não me apanhavam cá . . . Bilhetinho á porta e toca a andar . . .

Mathilde — Coitada! E' a ultima coisa que se lhe faz . . .

Marianna — A nossa saude está primeiro do que tudo . . . Os meus nervos não são para estes espectaculos . . .

Ritinha — Nem os meus . . .

Marianna — Cada vez que vejo um defunto fico semanas sem dormir . . .

Mathilde — Não dá geito nenhum chamar defunto á Izabel . . . Vocês já repararam como ella está bonita ?

Ritinha — Realmente dir-se-hia que veio d'um baile...

Marianna — Eu não ólho, tenho medo que me faça impressão... Mas a Julia disse-me que lhe vestiram o celebre modelo côr de rosa da Martin...

Ritinha — Que lhe custou os olhos da cara...

Mathilde — Mal sabia a Izabel quando fez aquella extravagancia...

Ritinha — Que estava escolhendo a mortalha, mas ao menos vae ao seu gosto para a cova...

Marianna — Hade ganhar muito com isso...

Ritinha — Sabe-se alguma coisa do testamento?

Marianna — A Margarida é, com certeza, bem contemplada...

Ritinha — Por'isso não lhe arredou pé do quarto...

Mathilde — A Margarida era amicissima da Izabel...

Marianna — Cantigas! Se a Izabel fosse uma pobretona...

Mathilde — Eu, como nunca faço nada por interesse...

Marianna — Nem eu... Mas a gente infelizmente não pode julgar os outros por si...?

Ritinha — E olhem, vocês, que a Margarida, com aquelles ares de santa, sempre soube levar a agua ao seu moinho...

Marianna — E' beata e basta...

.....
 Madame Carneiro (*a Madame Santos*) — Eu não posso comprehender esta moda das flôres naturaes.

Gasta-se um dinheirão com ramos que, d'ahi a uma hora, murcham ..

Madame Santos — Ora ainda bem que a minha amiga pensa como eu... ha lá nada que se compare ás coroas de *biscuit*...

Madame Carneiro — E ás rosas artificiaes, aos amores perfeitos de velludo. .

Madame Santos — Coin a sua folhagensinha prateada... Tudo guarnecido com um bonito laço de fita...

Madame Carneiro — E' outro arranjo n'um jazigo...

Madame Santos — Outra decencia...

Mariquinhas — Quantas parelhas levará o carro?

Madame Santos (*desdenhosa*) — A julgar pela urna, não hade ser coisa de estadão...

Madame Carneiro — Enterro que me enchesse as medidas, que eu desejasse para mim ou para pessoa da minha familia, o do Comendador Montalva...

Madame Santos — Esse foi de geito... Eu acho que, em pompas funebres não se deve olhar a despesas...

Madame Carneiro — E' ainda uma maneira da gente não se confundir com o vulgo...

.....
Marqueza da Flôr da Rosa (*a Pedro*) — Corta o coração ver morrer uma rapariga...

Pedro — Eu nem acredito... Olho para o caixão e imagino que a Izabel está ali por engano... que vae levantar-se...

Josephina — Se eu pudesse trocar com ella...

Marqueza — Tu não... É's muito nova ainda... mas eu, que vivi tanto, podia ceder-lhe o meu lugar...

Josephina — Tu amas a vida...

Marqueza — Sim, como um lindo passeio, um pouco comprido, porém... Já andei muito... Não dei por isso... O caminho pareceu-me tão agradável, todo bordado de flôres...

Josephina (*amarga*) — É de espinhos...

Marqueza (*com um sorriso*) — Só reparei nas flôres... Mas devo estar cansada...

Josephina — Ha quanto tempo eu me cancei!...

.....

Vae fechar-se o caixão... Calam-se as inuteis palavras de pena. É calam-se as frivolas conversas. . Uma sensação de terror arrepia os nervos, confrange os corações... Martha aconchega mais as rosas brancas contra as brancas mãos de Izabel. Margarida dá-lhe um ultimo beijo na testa. Um soluço corta o opprimido silencio. . É a sinistra tampa cae para sempre, sobre o corpo fragil, coberto de violetas...

D'ahi a pouco sae o enterro...

As senhoras despedem-se apressadas... Ouvem-se ainda vagas exclamações: — que tristeza! que horror! que dó d'alma! É que maçada! Eu nem almocei... É eu com tanto que fazer!...

.....

Dias, semanas passam...

No estreito caixão o corpo decompõe-se, desfazem-se em pó as violetas .

Na Lisboa elegante já mal alguém se lembra que Izabel viveu, que Izabel morreu . . .

Funchal, Março de 1921.

A AMIZADE D'ELLA

Perfida como a onda...

SHAKESPEARE.

A amizade d'ella

Ella, branca, gordinha. Olhos d'um cinzento esverdeado.
Parece-se com uma gala *Angora*...

Ruy, um bom rapaz. Não tem nada de espiat.

Na sala d'*Ella*. Damascos vermelhos, franjados d'ouro velho. Mil bujngangas preciosas. Sobre um contador arabe, entre jarras cheias de lyrios, uma fragil *tanagra* incutina o pescoço delgado como uma haste: o pescoço que *Ella* desejaria ter... — Ninguem está satisfeito com a sua sorte!...

Ruy (*entrando, radiante*) — Emfim!

Ella — Posso dar-lhe os parabens?

Ruy — Póde... Mas custou...

Ella — O que quer você? Não se toma assim, de repente, uma resolução tão grave...

Ruy — De repente?! Ha mezes que andamos n'isto...

Ella — Bem vê, na idade da Beatriz precisa-se reflectir...

Ruy (*sorrindo*) — Ora, na idade... A Beatriz...

Ella (*atalhando vivamente*) — *Au soleil couchant .. on dirait qu'elle a vingt ans...*

Ruy — E mesmo antes do pôr do sol... Se a visse ha pouco, quando me deu o *sim*... Com um d'aquelles sorrisos...

Ella (*ironica*) — Só d'ella...

Ruy (*ingenuo*) — Como adivinhou?

Ella — E' que vocês costumam dizer sempre... aquellas mãos só d'ella, aquelle pé só d'ella, aquelle nariz, etc., etc., só d'ella...

Ruy — E eu que julgava ter inventado...

Ella — Não se metta a inventor. Em amor tudo está dito ha muitos seculos. Nós repetimos apenas...

Ruy — Mas parece sempre novo...

Ella — A si, que atravessa a phase deliciosa da iniciação... Eu e a Beatriz porém, já recapitulamos...

Ruy (*inquieta*) — A Beatriz nunca pensou em casar...

Ella — Em casar... não digo... Mas, emfim, você não pretende, decerto, que uma mulher chegue aos quarenta annos...

Ruy (*pasmado*) — Quarenta annos!...

Ella (*confusa, afflicta*) (?) — Ai! que horrivel *gaffe!* Ainda que você tinha de saber... quando se tratasse da certidão do baptismo... Creio que n'essa papelada não é assim tão facil fazer trapaça...

Ruy (*uma sombra de tristeza*) — A Beatriz escusava de mentir... Com trinta, com quarenta, com cincoenta até, gosto d'ella da mesma maneira .

Ella — Emfim, como eu ia dizer-lhe, não se passa toda uma mocidade — porque a primeira mocidade da Beatriz passou... Você, já se vê, não se importa... E ha muitos homens assim, que preferem a mulher no outomno, exactamente porque ella já viveu, já sentiu, porque lhe encontram qualquer coisa de mysterioso, que os attrae, inquietando-os...

Ruy (*ligeiro sobresalto*) — Oh! quanto a isso, a vida da Beatriz não tem mysterios para mim...

Ella (*falsa surpresa*) — Contou-lhe tudo?!...

Ruy (*receoso*) — Tudo... resume-se em pouco...

Ella — O tempo, a distancia diminuem, apagam... Ha coisas de que a gente quasi se esquece... Um bello dia nem já se sabe se se passaram comnosco, se foram realidade ou sonho apenas...

Ruy — Conhece a Beatriz ha muitos annos, não é verdade?

Ella — Conheço-a de sempre. Ainda você não tinha nascido já eramos amigas.

Ruy (*timidamente*) — A Beatriz foi muito amada?

Ella — Assim, assim... Nem por isso...

Ruy — Julguei...

Ella — Tinha um feitio muito sentimental, ficava logo pelo beijo... os homens aborreciam-se...

Ruy (*cada vez mais nervoso*) — Então ella apaixonava-se...

Ella — Por dá cá aquella palha...

Ruy — Acho extraordinario...

Ella — Calcula lá o que lhe aturei! .. Chorava, queria morrer...

Ruy — Phantasias de rapariga muito nova...

Ella — Para phantasias era grande de mais o espalhafato. A's vezes até me assustava...

Ruy (*tentando gracejar*) — Mas passava-lhe depressa...

Ella — Valia-lhe a sua inconstancia... Como na cantiga: «Este foi-se, outro virá!...»

Ruy — Tolices que não teem a minima importancia...

Ella — Vamos lá... A Beatriz fez algumas imprudencias...

Ruy — Estava longe de pensar...

Ella (*ingenuamente*) — Então não lhe contou tudo?...

Ruy — Disse-me que eu era o primeiro homem de quem gostava a sério, a valer...

Ella (*sorrindo*) — Isso é exactamente como «a mão só d'ella, o pé só d'ella, o nariz, etc., etc...» Uma phrase obrigatoria... Mas socegue... Eu creio que a Beatriz gosta muito de si...

Ruy — Não sei... Parece-me que n'um instante tudo mudou. Ha qualquer coisa que me assusta, que me desnor-teia...

Ella — O amor não é um estado de repouso, quem ama atormenta-se fatalmente. Você segue a regra geral...

Ruy — Toda esta demora, esta hesitação...

Ella — Já lhe disse: o casamento não se decide assim à *la légère*... E quando se tem um genio difficil, exquisito...

Ruy (*protestando*) — Acho a Beatriz encantadora de bom humor, de condescendencia . . .

Ella — Como todas as noivas . . . Depois é que são ellas . . .

Ruy — Desejava saber em que consistem essas exquisitices . . .

Ella — Não vá agora suppôr coisas por ahí alem! . . . A Beatriz foi amimada de mais, ficou ferrivelmente senhora do seu nariz . . . Ah! lá isso, tenha paciência . . . Hade andar muito direitinho, fazendo só o que ella quizer . . .

Ruy (*com uma profunda ternura*) — Somos tão amigos, entendemo-nos tão bem . . . Estaremos sempre d'accordo . . .

Ella — Deus o permitta, mas com aquelles nervos . . .

Ruy — Nunca percebi que a Beatriz fosse nervosa . . .

Ella — Uma pilha! Até estive n'uma Casa de Saude . . .

Ruy (*espantado*) — N'uma Casa de Saude! Quando? . . .

Ella — Ha dois annos. Pois não sabia? Julguei que ella lhe tivesse dito . . .

Ruy — Contou-me apenas que passou o inverno na Suissa . . .

Ella — Ah! . . . Fui indiscreta, talvez . . . Mas como ninguem me pediu segredo . . . De resto é naturalissimo . . . Filha d'uma mãe completamente *détraquée* . . .

Ruy (*que vae de surpresa em surpresa*) — A mãe da Beatriz? . . .

Ella — Isso é uma coisa mais do que sabida! .
Nem podia deixar de ser. Todas aquellas tolices, todas aquellas aventuras... puro hysterismo!

Ruy — Ignorava...

Ella — Era o unico então... A Julia de Mello deu brado em toda Lisboa. E, nem se comprehende que o marido não lhe tirasse a filha...

Ruy (*pálido*) — A Beatriz parece-se com a mãe?

Ella (*curta hesitação*) — Vagamente... Resente-se, está claro, do contacto com uma pessoa quasi doida. Tem uma sensibilidade doentia, um humor muito caprichoso... Ha dias em que chora sem razão, outros em que ri por tudo... Mas hade melhorar... O casamento, o interesse pelo *home*...

Ruy — A Beatriz já tem a sua casa ha muito tempo...

Ella (*rindo*) — Casa que, por signal, marcha à *la diable*...

Ruy — Encontro sempre tudo n'uma ordem perfeita...

Ella — Porque nunca passou da sala... Oh! Eu não a censuro... A Beatriz está sempre cansada, levanta-se tardissimo, sae immenso... Resultado: os creados fazem só o que querem...

Ruy — Attribuia-lhe outros habitos...

Ella — Hade adquiril-os depois de casada. A gente muda, ainda que, decerto, vocês continuam a frequentar a sociedade...

Ruy — Não tenciono...

Ella — Coitada da pobre rapariga! Muito vae estranhar! Ella que não passa uma noite sem o seu *bluff*! Isso herdou do pae... que era um jogador! Lembra-se d'elle?

Ruy — Não o conheci . .

Ella — O verdadeiro typo do estroina *grand seigneur*. Que linha, que maneiras! Ia espetando tudo na Banca franceza... Enfim, eu não estou ao facto... Essas coisas interessam-me pouco, mas a sua noiva não deve ter ficado rica...

Ruy (*seccamente*) — E' o que menos importa . .

Ella (*ironica*) — O teu amor e uma cabana?! Que poesia!

Ruy — O que tenho chega para dois...

Ella — Tanto melhor... A Beatriz foi educada com muito luxo. Veste-se nas primeiras casas de Paris, e, desde a meia até á luva, usa tudo o que ha de mais caro . . Realmente se... o seu bom senso... e o seu coração, bem entendido, não lhe aconselhassem este casamento, nem eu sei como havia de continuar...

Ruy — A *toilette* d'ella é sempre d'uma extrema simplicidade...

Ella — Como a de toda a mulher de bom gosto. . Mas ahi é que está o engano, meu caro... Aquella simplicidade custa o dobro, o triplo dos vestidos espalhafatosos das outras...

Ruy — Nunca usa joias...

Ella — Prefere as rendas, as pelles... Em todo o caso julgo que está agora a enthusiasmar-se tam-

bem pelas perolas... Disse-me que ia comprar um colar...

(Silencio constrangido).

Ruy — Já a macei de mais, querida amiga...

Ella — Que ideia! Fallámos de alguém que nos interessa, que ambos conhecemos tanto!

Ruy (*tristemente*) — Que eu não conhecia...

Ella — Para os homens, que nos amam, somos sempre qualquer coisa de perfeito, de inverosímil... Porém, um dia, fatalmente, a illusão tem de cahir... Não gosta menos d'ella por'isso, pois não?

Ruy — Gosto o mesmo, mas soffro mais ..

Ella (*com um riso cantante*) — Ora, deixe se d'isso! Os pequeninos defeitos... e são pequenissimos os de Beatriz... se é que os jem .. dão graça ás mulheres, como os espinhos dão graça ás rosas...

Ruy despede-se, sae cabisbaixo. *Ella* fica ligeiramente pensativa, endireita os lyrios nas jarras, demora-se a contemplar o pescocinho frágil da *tanagera*, senta-se ao piano, preludia, em surdina, uma valsa lenta... Beatriz entra, vestida com a mais sóbria elegancia. A ventura illumina-a, rejuvenesce-a, embelleza-a. Tem os olhos brilhantes. Sorri... Mal a vê, *Ella* ataca os compassos triumphaes da «Marche nupcial de Mendelssohn», depois levanta-se e abrindo os braços:

— Dia de festa, hoje! Dia para marcar com uma pedrinha branca! Sahiu ha pouco d'aqui o Ruy. Admira-me que não o encontrasses... Trouxe-me a grande novidade...

Beatriz — Rendi-me...

Ella — Após uma resistencia heroica...

Beatriz — Queria ter a certeza que o Ruy gostava de mim... Como o acháste?...

Ella — De perfeita saude...

Beatriz — Não é isso...

Ella (*delicioso sorriso*) — Achei-o feliz... D'uma tranquilla, calma felicidade... A unica que dura...

Beatriz — Pois olha que, quando lhe dei hontem a resposta favoravel, não estava assim tão calmo... Mostrou-se doido d'alegria... O que te disse elle?

Ella — Que querias tu que elle dissesse?! Repeitiu-me o que eu já sei: que tem por ti uma profunda amizade...

Beatriz (*desconsolada*) — Só amizade?...

Ella — Emfim... affeição... Não vamos medir as palavras...

Beatriz — Não falou em amor?

Ella — Talvez... Não me recordo. Em todo o caso fallou longamente de ti, da confiança que lhe inspiras, das garantias que lhe dás e nunca poderia esperar d'uma rapariga mais nova...

Beatriz (*inquieta*) — Referiu-se á minha idade?

Ella (*vivamente*) — Da maneira mais lisongeira, declarando: «Até estimo que a Beatriz seja mais velha do que eu...»

Beatriz — Não percebo...

Ella — E' facil de perceber, filha... O Ruy deseja entrar definitivamente n'uma vida de socego, de paz, com uma pessoa que não o inquiete, em quem, pelo

contrario, encontre apoio, conselho, um sentimento quasi maternal...

Beatriz — Não julguei que elle gostasse de mim d'essa maneira. Tem sido sempre tão exclusivo, tão ciumento!

Ella — Desconfiança tua... Ainda ha pouco, comparando o que sente por ti, á sua paixão pela Maria Thereza...

Beatriz (*amargamente*) — Lembrou-se da Maria Thereza, hoje!

Ella — Oh! Apenas para amaldiçoar a febre, o tormento, o inferno em que viveu... Minha querida Beatriz, o amor não dá ventura a ninguem.

Beatriz — Jurei-me tantas vezes que a Maria Thereza foi apenas uma aventura...

Ella (*conciliadora*) — E' possível que fosse... Mas, mesmo só aventura, com uma mulher linda, perigosa como aquella, não se passa assim n'um már de rosas...

Beatriz — É não é facil d'esquecer...

Ella — Isso dizia-me elle ..

Beatriz (*sobresaltada*) — O Ruy confessou-te que não podia esquecer a Maria Thereza?

Ella — Alto lá! Distingamos: o Ruy confessou-me apenas que nunca poderia esquecer, perdoar o mal que ella lhe fez. E é justo. Olha que o pobre rapaz andou doente, meio louco...

Beatriz — A Maria Thereza tambem estava muito apaixonada...

Ella — Assim, assim... Nem por isso .. Tu

hasde concordar: o Ruy é um excellente rapaz, tem as melhores qualidades, é capacissimo de fazer a felicidade d'uma mulher sensata, razoavel, mas para se perder a cabeça por elle...

Beatriz -- Vejo-o com outros olhos, então...

Ella — Todas as noivas teem illusões...

Beatriz — Tu não podias gostar do Ruy?

Ella — Sou muito sua amiga...

Beatriz -- Com amor... É' o que eu pergunto...

Ella (*rindo*) — Isso francamente, não...

Beatriz -- Porquê?

Ella — Não é o meu typo... Admiro um homem alto, bem construido, que me dê uma impressão de força...

Beatriz (*zombeteira*) -- Um hercules?...

Ella -- O teu noivo faz-me o effeito d'uma especie de alfenim... Depois preciso d'intelligencia...

Beatriz — É achas...

Ella (*atalhando*) — Acho-o muito agradavel, com muito boas maneiras, mas, emfim, parece-me que não é exactamente uma aguia...

Beatriz (*vivamente*) -- O Ruy conversa bem, tem muita cultura, viaja, lê immenso...

Ella (*ironica*) -- Sim... Não ha duvida que está sempre ao facto de todos os *potins*, o que realmente diverte. E já viu o Arco do Triumpho, já ceou em Montmartre... Apprecia muito os romances de Willy... Se achas isso d'uma suprema intelligencia e d'uma maxima utilidade...

Beatriz — Administra a sua casa...

Ella (*como acima*) — Quer dizer; recebe e...
gasta ainda melhor, o dinheiro que lhe entrega o fei-
tor...

Beatriz — Estás enganada. Visita as proprieda-
des...

Ella — No tempo da caça...

Beatriz — Constantemente...

Ella (*categorica*) — Oh! filha, não insistas. Eu
conheço o Ruy como os meus dedos. Nunca fez
nada, absolutamente nada. Mas pode ser que tu con-
sigas transformal-o... por milagre...

Beatriz — Temos planos tão agradaveis, tão do-
ces!...

Ella — Bem sei... Vão receber immenso...

Beatriz — Qual! Vamos fugir do mundo, viver
um para o outro...

Ella — Então, já vejo que n'isso discordam. O Ruy
declarou-me: Para *tête à tête* não me convidem.
Preciso de gente, de movimento...

Beatriz — E' impossivel. Não ouviste bem...

Ella — Graças a Deus não sou surda.

Beatriz — Pois elle ainda hontem...

Ella — Os homens são assim... Dizem um dia
uma coisa, no dia seguinte já dizem outra. E é a
gente tomal-os como Deus ou o... Diabo os fize-
ram... E não lhes dar mais importancia do que me-
recem...

Beatriz — Até aqui nunca o apanhei em contra-
dição...

Ella — Não reparaste, naturalmente. Quando se

está apaixonada... (*Pequeno silencio. Depois de olhar attentamente para o tailleur de Beatriz*)

Esse é o vestido que o Ruy detesta?

Beatriz — Ao contrario, acha-o muito elegante...

Ella — Ah!... Julguei... Pareceu-me .. Como elle me disse que era pena não te vestires d'uma maneira um pouco mais feminina, mais garrida... E com a tua fortuna... Imagina-te muito rica...

Beatriz (*anciosa*) — O quê? estás certa?

Ella — Certissima. A proposito de tudo repetia: «A Beatriz que pode gastar, a Beatriz que tem um lindo rendimento, etc., etc.». Os homens, mesmo os mais desinteressados, pensam muito na parte pratica da vida. E fazem bem, afinal... Não se vive do ar...

Beatriz (*n'uma angustia*) — E' então porque tenho dinheiro que o Ruy casa comigo?!...

Ella — Oh! minha filha, pois tu querias que fosse só pelos teus lindos olhos?!...

Lisboa, Maio de 1921.

COMO ELLES COMEÇAM . . .

Le meilleur moment des amours,
N'est pas quand on a dit : Je t'aime !
Il est dans le silence même
A demi rompu tous les jours.

SELY PRUDHOMME.



Como elles começam...

Em Pau. Um terraço do Hotel Gassion. Primavera. O sol illumina os cumes brancos dos Pyreneos. O Gave susurra apenas... E' a hora mais concorrida no lindo *boulevard*, a hora do passeio antes do chá elegante, *chez Bousson*.

Martha, vinte e seis annos. Pequeninna, delgada, cabello castanho com reflexos doirados. Os olhos d'um castanho doirado tambem, uns extraordinarios olhos, repuxados como os das japonezas. Parece-se com Sada Yacco.

Rodrigo, trinta annos. Alto, elegante. Mãos muito esgulas, muito cuidadas, muito brancas, quasi femininas...

Rodrigo (*á porta do quarto*) — Posso entrar?
Martha (*alegremente*) — Pode...

Rodrigo — Olhe' que não trago *chaperon*...

Martha — Estou no terraço. E' menos perigoso...

Rodrigo — Venho interromper o seu idyllio com os Pyreneos...

Martha — Negro condão de todos os idyllios: serem interrompidos!

Rodrigo — Quer que me vá embora?

Martha (*sorrindo*) — Ainda que eu o mande tenho a certeza que fica...

Rodrigo — Sou assim tão desobediente?

Martha — Tem todos os defeitos...

Rodrigo — Por isso gosta tanto de mim...

Martha — Fôrte topete! Quem lhe disse que eu gósto de si?

Rodrigo — Foi um sonho que tive...

Martha — Parece-me que ficou combinado encontrarmo-nos, esta tarde, no Parque Beaumont...

Rodrigo — Julguei que me tinha dado licença para vir busca-la...

Martha — Isso foi outro sonho...

Rodrigo — Talvez... Estou sempre sonhando comsigo...

Martha — E o *rendez-vous* era ás cinco horas, São qualro apenas...

Rodrigo — O meu relógio anda adiantado...

Martha — Pois trate d'acertal-o...

Rodrigo — Arrangei este *truc* para que cheguem mais depressa as horas que passo perto de si... Diga lá: não tinha saudades minhas?

Martha (*ironica*) — Não nos vemos ha tanto tempo!

Rodrigo — Ha um seculo...

Martha (*como acima*) — Muito mais... Ha uma eternidade...

Rodrigo — Deixei-a hontem na rua do Lyceu, entre as rosas de Madame La Case...

Martha — Oue foi encantadora, participo-lhe, offereceu-me uma soberba *Captain Christy*...

Rodrigo — Martha é a sua melhor fregueza...

Martha — Faço loucuras pelas flôres...

Rodrigo — Faça-as antes por mim...

Martha — Decididamente prefiro as flôres.

Rodrigo — Tem muito mau gosto...

Martha — Não é isso o que me dizia hontem...

Rodrigo — A gente muda...

Martha — Não generalise. Os homens é que mudam. As mulheres nunca.

Rodrigo — Então Francisco I, quando escreveu...

Martha — *Souvent femme varie...*? Estava despeitado, naturalmente...

Rodrigo — E eu?

Martha (*rindo*) — Você é outra coisa... Não sabe o que diz...

Rodrigo — Assim me passa um diploma de pateta!

Martha — Os homens intelligentes adoram que se lhes chame patetas...

Rodrigo — Obrigado. Ainda ha outra razão: Os homens intelligentes, quando amam...

Martha — Ponto final. Não quero confidencias.

Rodrigo — Bem, bem... Já aqui não está quem fallou...

Martha — O que fazemos esta tarde?

Rodrigo — Se me deixasse escolher...

Martha — Pois escolha...

Rodrigo — Tomávamos chá no seu terraço...

Martha (*intencional*) — Não prefere ser servido pela linda Denise ?

Rodrigo (*ingenuo (?)*) — Quem vem a ser essa linda Denise ?

Martha — Faça-se de novas... *A vendeuse* de Bouzon, por quem vocês todos dão o cavaquinho...

Rodrigo (*com a hypocrisia peculiar ao seu sexo*) — Nunca reparei n'essa beldade... Mas, ficamos, sim ? Ha uma paz deliciosa aqui...

Martha — Paz armada... como reina sempre entre nós...

Rodrigo — Tenho tanto que dizer-lhe...

Martha — Desde hontem?...

Rodrigo — Hontem, hoje, amanhã, depois, sempre...

Martha — *In secula seculorum*...

Rodrigo — E' uma historia sem fim...

Martha (*com uma pontinha de melancholia*) — A historia sem fim, conta-se ás vezes, n'uma hora apenas... E mal se acaba...

Rodrigo — Recomeça-se com mais encanto ainda...

Martha — Nenhum homem a contou duas vezes á mesma mulher... Mas, está decidido, passamos a tarde no meu terraço.

Rodrigo (*terno*) — Sós como...

Martha — Veja lá o que vae dizer...

Rodrigo — Como dois bons amigos... E' o que sômos, parece-me...

Martha — Já se vê...

Rodrigo — Desde que resolvemos provar que pode existir a amizade entre um homem e uma mulher...

Martha — Sem a mais leve suspeita de galanteria, de *flirt*...

Rodrigo — Tal e qual...

Martha — E' o que ha de mais simples, de mais natural, mas em Lisboa não se percebe...

Rodrigo — Estamos muito atrasados...

Martha — Os nossos homens imaginam logo coisas...

Rodrigo — As nossas mulheres tambem...

Martha — Ouando a maior parte das vezes nenhum tem vontade de fazer tolices...

Rodrigo — Hum!

Martha — O que diz você?

Rodrigo — Eu só disse: hum!

Martha — Bem. Mudemos de assumpto. O que fez hontem quando me deixou?

Rodrigo — Pensei em si...

Martha — E depois?

Rodrigo — Tornei a pensar...

Martha — E depois?

Rodrigo — Fui á gorda *Madame Varrichon*, comprei aquella fina estatueta que se parece comsigo...

Martha — Não parece tal... E' uma figura de mulher alta, *élancée* e eu...

Rodrigo — Acho-a parecida. De resto, tudo o que é fragil e bonito e gracioso e fino invoca-me logo Martha...

Martha — Eu queria ser grande, forte, branca como uns Rubens...

Rodrigo — Tem muito mau gosto...

Martha — E' a segunda vez que m'o diz esta tarde...

Rodrigo — E talvez ainda não fique por aqui...

Martha — Então para que me vem com tretas: que só eu sinto a belleza das coisas e que só gosta do que eu gosto?

Rodrigo — Isso foi a proposito de Pau...

Martha — Que o Rodrigo pretendia detestar. E agora... Não é verdade que Pau tem o *não sei quê* de certas mulheres, que á primeira vista julgamos feias e um bello dia descobrimos que são encantadoras?

Rodrigo — Nunca fiz essas descobertas. Não costumo perder o meu tempo com as mulheres feias...

Martha — Está a perdel-o comigo...

Rodrigo — Como se trata d'uma simples amizade...

Martha — Podia ao menos protestar, pela fórma... E parece-me que não sou um monstro por ahí alem...

Rodrigo — Por ahí alem, não... (*terno*) Ah! sua grande *coquette*!

Martha — Seriamente... quem me dera ser bonita!...

Rodrigo — Ainda mais?! Para quê?

Martha — Para meu prazer. . .

Rodrigo — Para o meu basta que fique como é. . .

Martha — Se fallassemos n'outra coisa? . . . Esta maçada de estar sempre a discutir a minha pessoa. . .

Rodrigo -- Fallamos do que quizer. . .

Martha — Sahiu hontem á noite?

Rodrigo -- Fiquei no hotel. Sabia que não a encontrava. . .

Martha — Leu?

Rodrigo — Comecei. . .

Martha — E porque não continuou?

Rodrigo — Abri as *Fleurs du Mal* n'aquelle verso: *Même quand elle marche on dirait qu'elle danse*. . . Lembrei-me de si. . .

Martha — Mau, mau. . . Voltamos á vacca fria. . .

Rodrigo — Quer dizer: lembrei-me d'uma mulher que eu conheço, que tem um andar harmonioso, leve. . . E fiquei a scismar n'ella. . . a vel-a. . . Não li mais em toda a noite. . .

Martha — Como Paulo e Francesca? . . .

Rodrigo — Oh! se fosse como elles! . . .

Martha — Pois eu aborreci-me. . .

Rodrigo -- Bem feito. . . Não quiz a minha companhia. . .

Martha — Ia tocar, o piano estava desafinado, ia fazer *crochet*, quebrei a agulha, ia escrever, a penna não prestava. . .

Rodrigo — E os livros que lhe mandei?

Martha — Podia guardal-os para si. Abomino Bourget. Atirei *Némésis* ao tecto. . . *Laurence Al-*

bani pela janella fóra... Quiz recorrer a Maurras, não entendi patavina do *Avenir de l'Intelligence*... Emfim, nada me interessou...

Rodrigo — Ainda hade chegar á conclusão de que só eu sou interessante...

Martha -- A' falta de melhor...

Rodrigo — Essa agora!...

Martha -- Para portuguez realmente é dos mais supportaveis...

Rodrigo — Que falta de patriotismo!! Prefere os estrangeiros?!

Martha — Mil vezes. (*coquette*) Tenho pena que não esteja agora em Pau um rapaz francez com quem viajei o anno passado. Gostava de lh'o apresentar...

Rodrigo (*frio*) — Não faço o minimo empenho.

Martha — François d'Hardaucourt é um camarada encantador. Percorremos juntos a Bretanha. Foi um tempo delicioso... que boa intimidade!

Rodrigo -- Elle, já se vê, nunca pensou... coisas, como os homens de Lisboa...

Martha (*maliciosa*) — Hum!

Rodrigo — O que diz você?

Martha -- Eu só disse: hum! (*batem á porta*)

- Temos maçada. Entre.

- A criada — Vieram dizer que está na sala a sr.^a condessa de Loriol...

Martha (*furiosa*) — Aqui tem. Para isto ficámos no hotel.

Rodrigo — Não a receba...

Martha — Posso lá!... Ella decerto, viu-nos...
Sabe Deus o que imaginou...

Rodrigo — Ah! quem me dera que fosse verdade!

Martha — O quê?

Rodrigo — O que o monstro de Loriol imaginou...

Martha — Estou fartissima d'atural-a. Vou declarar-lhe que sou republicana, socialista, bolchevista, que leio Anatole France, que adoro Caillaux, os judeus... Veja se se lembra de mais alguma coisa que a assarapante...

Rodrigo — Não sei...

Martha — Tambem nunca sabe nada!

Rodrigo — Eu espero por si...

Martha — Está bem arranjado! Ouando a Loriol vem é como Mac-Mahon...

Rodrigo — Oual Mac-Mahon?

Martha — Ora! Oual?! O da guerra, do cerco, na China, na Russia, em cascos de rolhas... Enfim: *J'y suis, j'y reste...*

Rodrigo — Que horror! Mas volto depois do jantar. Deve ser lindo, com a lua, este terraço!...

Martha — Não ha lua, hoje.

Rodrigo — Pois então, com as estrellas... Diga *sim*... Seja boa, seja bonita...

Martha — Você sahiu-me um maçador!

Rodrigo (*supplicante*) — E' que eu não posso... Agora é muito serio... Juro-lhe que não posso viver até amanhã de tarde sem vel-a... De que serve sermos assim fão amigos e estarmos sempre separados?!...

Martha — Pois acabou-se. Venha. Do mal o menos. Se heide ler Bourget... *(estende-lhe a mão que Rodrigo guarda longamente entre as suas)*

Rodrigo — Custa tanto dizer-lhe adeus!

Martha *(sorrindo para dissimular uma ligeira emoção)* — Jesus! como isto vae depressa!

Rodrigo *(muito terno)* — E tem pena que... isto... vá assim depressa?

Martha *(pensativa)* — Tenho medo que se cance de correr tanto! . .

...O sol continua a afagar, com beijos d'oiro, os alvos cumes da montanha. . . Demora-se, preguiçosa e lenta, a branda tarde de primavera. . .

Lisboa, Maio de 1920.

O QUE ELLES PROMETTEM...

N'aquelle engano d'alma ledo e cégo...

LUIZ DE CAMÕES.

O que elles promettem...

Em Pau. No chá *Bouzon*. Um corredor estreito onde se alinham pequenas mezas, cobertas com toalhas brancas. Mullos aviadores. Muitas inglezas velhas. Todas as elegantes profissionaes. Perfumes d'*Houbigan*, de *Cottie*, de cigarros russos e d'aquelle delicioso chocolate *à la vanille*, especialidade da casa.

Rodrigo e Martha occupam uma das mezinhas da entrada. A rosa vermelha, que flori a botoeira de Rodrigo, é igual ás duas rosas, que põem uma nota brilhante e viva no vestido claro de Martha.

Denise, a linda *vendeuse* trigueira, que acaba de trazer-lhes o chá, pergunta:

— *C'est tout ce que Monsieur et Madame désirent ?*

Rodrigo (*devorando Martha com os olhos*) — *Merci. Je n'ai besoin de rien...*

Martha (*com um sorriso ternissimo para Rodrigo*) — *Merci. J'ai tout ce qu'il me faut...*

Rodrigo (*mal a vendeuse se affasta*) — Tens tudo o que queres?

Martha — Tudo... E... não deseja mais nada?

Rodrigo — Mais nada. Mas, porque não me tractas por tu ?

Martha — Não me dá geito...

Rodrigo — E' porque não gostas de mim...

Martha (*sorrindo*) — Realmente eu tenho provado de mil maneiras, que não gosto (*hesita, accrescenta depois muito córada*) de ti...

Rodrigo — Dize outra vez...

Martha — Que não gosto...

Rodrigo — Tira-lhe o não...

Martha — Que gosto... (*maliciosa*) Ai! lá me esqueceu o resto!

Rodrigo (*supplicante*) — Não sejas má... Dize, de quem gostas tu ?

Martha — De ti... Está contente ?

Rodrigo — Põe-lhe o S...

Martha — Valha-me Deus! Tão depressa tenho que tirar como tenho que pôr... Achas sempre palavra a mais, letra a menos... E's d'uma exigencia!

Rodrigo — Sou exigente porque te adoro...

Martha (*séria*) — Ah! se eu pudesse acreditar!

Rodrigo — Digo-te como o velho Shakespeare :
Duvida do sol e... dos outros astros... duvida...
Não me lembro de que mais elle mandava duvidar...
Esta cabeça, por tua causa, anda a razão de juro!
Emfim... duvida de tudo, mas não duvides do meu amor...

Martha — O velho Shakespeare era *volage*. Usava e abusava d'essas cantigas...

Rodrigo — Então eu não me pareço com o velho Shakespeare...

Martha — A quantas mulheres terás dito?!

Rodrigo — A uma só...

Martha — Desde quando?

Rodrigo — Desde sempre...

Martha — Conhecemo-nos ha cinco mezes, apenas...

Rodrigo — Quando eu comecei a viver...

Martha — O que fazias antes?

Rodrigo — Vegetava, sem alma, sem coração...

Martha — Mas tinhas *flirts*...

Rodrigo — Nenhum...

Martha — Tu até me contaste que aquella rapariga ruiva...

Rodrigo — Essa foi por engano... e tu?...

Martha — Eu tambem me enganei algumas vezes... Fôrte desconsolo! A gente pensar: Agora é que sim... Cá está a tal coisa... e, logo depois, perceber que... ainda não...

Rodrigo — Quero saber o que sentiste quando os nossos olhos se encontraram...

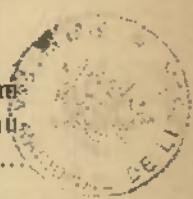
Martha — Senti... Bumba! D'esta vez não ha que duvidar. Tenho a minha conta...

Rodrigo (*encantado*) — E tinhas?...

Martha (*muito doce*) — D'alto lá com ella...

Rodrigo — Mas tu affirmavas que era só amizade e que a amizade entre um homem e uma mulher era... isto e mais aquillo e mais aquelle outro...

Martha (*sorrindo*) — Para disfarçar...



Rodrigo — Então é mais do que amizade?

Martha — Um bocadinho mais...

Rodrigo — Só um bocadinho?...

Martha — Um bocadão...

Rodrigo — E quanto tempo hade durar?

Martha — Muito...

Rodrigo — Muito?!... Acho pouco...

Martha — Se eu não fivesse medo da palavra sempre...

Rodrigo — E porque tens medo?

Martha — Ninguém deve dizer nunca. Ninguém deve dizer sempre.

Rodrigo (*impetuoso*) — Digo eu. Eu sei que heide querer-te até á morte. Até depois...

Martha — Ora! A gente nem sequer sabe para onde vae depois...

Rodrigo — Seja para onde fôr... Para o ceo, para o inferno...

Martha — Crédo!

Rodrigo — Assim é que se gosta a valer...

Martha — E gosta?

Rodrigo (*em ponto de rebuçado*) — Tanto, tanto... como um doido, como...

Martha — Jura?

Rodrigo (*solemne*) — Juro.

Martha — Hade ser por uma coisa muito sagrada, para eu ter confiança...

Rodrigo — Pela claridade dos teus olhos...

Martha — Isso não é bastante sagrado...

Rodrigo — Pela doçura das tuas mãos...

Martha — Ainda não basta...

Rodrigo — Pelos teus divinos pés...

Martha — Partes do corpo, decididamente, não me servem. Infundem pouco respeito... Jure pela alma d'uma pessoa da sua familia...

Rodrigo — Dize tua...

Martha — Pois sim, tua... Mas jura...

Rodrigo — Pela alma da minha avó...

Martha — Sempre é de maior confiança...

Rodrigo — Acreditas?

Martha — Quasi...

Rodrigo — Hasde ter a certeza...

Martha — Quando?

Rodrigo — Eu te provarei...

Martha — Como?

Rodrigo — Dando-te todos os minutos da minha vida, todas as pulsações do meu coração... Estando constantemente ao pé de ti...

Martha — Até que te aborreças...

Rodrigo — Nunca me aborrecerei. E, previno-te, desde já, sou insaciavel... quererei sempre mais, infinitamente mais... Se não pensas como eu é porque não gostas ..

Martha (*sorrindo*) — Eu gosto... Tu gostas... Ainda não conjugámos outro verbo esta tarde...

Rodrigo — Eu é que o conjugo sempre... Tu não disseste...

Martha — Já repeti mil vezes...

Rodrigo (*supplicante*) — Repete mais uma, então... e melhor, de maneira que eu perceba...

Martha (*hesita, sorri, depois n'um murmurio*)
— Meu amor!

Rodrigo (*no setimo céo*) — Assim, assim... outra vez... Só mais uma...

Martha — Meu amor...

Rodrigo (*apaixonadamente*) — Meu bem, minha alma, minha vida, minha...

Martha (*sorrindo*) — Minha... mais o quê?

Rodrigo — Minha... sem mais nada... *My own*, á doce maneira ingleza...

Martha — Realmente é a lingua em que melhor se exprime a ternura...

Rodrigo (*inquietao*) — Tu sabes por experiencia... decerto amaste algum...

Martha — Inglez?! Nem de barro á porta...

Rodrigo (*ironico*) — Continuas a preferir os francezes? Aquelle rapaz que viajou contigo na Bretanha...

Martha (*rindo*) — Isso foi d'antes, no tempo dos enganos... E tu, quando estiveste em Londres, não houve uma loira *miss*?...

Rodrigo — Nem loira, nem trigueira. E' genero que não me agrada.

Martha (*coquette*) — Qual é o genero que te agrada?

Rodrigo — O teu.

Martha — Porquê? Em que sou eu melhor do que as outras?

Rodrigo — Não sei se és melhor, se és peor. E's tu... E a mim, porque me escolheste?

Martha — Porque sim...

Rodrigo (*rindo*) — Grande razão!

Martha — O amor não conhece razões... E' como uma doença que dá na gente...

Rodrigo — Martha, eu estou doentissimo.

Martha — Ai! Tambem eu me sinto muito incommodada!...

Rodrigo — Deus agrave a tua enfermidade, Martha!

Martha — Deus torne incuravel o teu mal, Rodrigo!

Rodrigo — Como havemos de ser felizes!

Martha (*tristemente*) — Mas tantas coisas nos separam!...

Rodrigo — O amor é mais forte do que a morte.

Martha — Mette-me tanto medo a volta a Portugal!...

Rodrigo — Medo de quê? Lá como aqui, eu viverei só para ti, tu viverás só para mim...

Martha — Em Lisboa tens outros amigos, outros interesses...

Rodrigo — Tenho só o meu amor.

Martha — A intriga começará logo a tecer de roda de nós...

Rodrigo — Nem sequer a ouviremos.

Martha — A sociedade hade condemnar...

Rodrigo — Estaremos trancados a sete chaves, n'uma torre de marfim, inacessivel á turba...

Martha — Oh! se fosse possivel!...

Rodrigo — Verás, verás, minha bem amada...

Martha — Mas, d'aqui a annos, quando eu envelhecer...

Rodrigo — Tornar-te-ha mais querida ainda o longo passado do nosso amor...

Martha — E' verdade, Rodrigo ?

Rodrigo — Tão verdade como o sol que nos alumia...

... N'este momento reparam ambos que é quasi noite. Na sala de chá ficaram apenas as *vendeuses*, que olham curiosamente aquelle par, esquecido diante de duas chcaras intactas...

Denise aproxima-se, exclama, com uma ligeira malicia: — *Monsieur et madame n'ont rien pris...*

Rodrigo (*atrapalhado*) — *Je n'ai pas faim...*

Martha (*envergonhada*) — *Moi, je manque d'appétit...*

... O relógio da igreja de Saint Martin bate pesadamente as sete horas. Grupos alegres de raparigas, vestidas de claro, *raquette* na mão, descem o *boulevard*, a caininho do Gassion. Uma bruma leve envolve os Pyreneos... E a noite — a primeira do outono de França — começa quasi tão tépida, tão linda como as noites de Portugal...

Lisboa, Agosto de 1920.

COMO ELLES ACABAM, . .

Ce n'est guère l'usage d'aimer ce qu'on a.

ANATOLE FRANCE.

Como elles acabam . . .

No Monte Estoril. A varanda d'uma *villa* sobre um pequeno jardim, florido de geranios vermelhos. Tarde linda. O ceo sem nuvens, d'um azul purissimo, reflecte-se no mar, parado e limpiço como um espelho Martha lem, entre as mãos, um livro que não lê. A cada instante os seus olhos voltam-se anciosamente para a estrada. Há mais d'uma semana que Martha espera, em vão, Rodrigo . . .

Tormento de esperar! Tormento de esperar! Minutos que parecem horas, horas que se demoram como seculos, o bater desordenado do coração ao ouvir um ruido de passos que se julga reconhecer . . . Depois o desolado : — Não, ainda não é . . . — O tremulo, medroso : — Virá?! — Depois o inexoravel: — Já não vem . . . — O cruel: — Porque não viria?! — Ah! Tormento d'esperar! Tormento d'esperar! . . . E tão defeituosa, tão mal feita é a alma humana, que quer á esperanza como ao supremo bem!

Mas, ahí está Rodrigo, enfim! Altravessa o jardimzinho sem se apressar, colhe negligentemente um geranio, que põe na boloeira . . .

Illumina-se o olhar de Martha, como se, diante d'ella, se abrisse o ceo . . .

Rodrigo beija-lhe a mão, com a mais risonha indifferença.

Martha córa, empallidece, treme, não sabe se é a vida ou a morte que vem... porque elle veio — pobre, insensato, absurdo, exaggerado coração das mulheres! — exclama :

— Pensava que nunca mais te via!...

Rodrigo — Pois aqui me tens, em carne e osso, em corpo e alma... Deves agradecer-me... Por tua causa perdi a toirada...

Martha — Foi um grande sacrificio?

Rodrigo — O programma é esplendido: José Casimiro. Perspectiva de chinfrim republicanô, com o famigerado Pintor, o impagavel Cara Linda, o... em fim, esses senhores que nos governam... Toiros valentes. Calor de rachar. Uma tarde que nem de encomenda...

Martha (*sorrindo*) — Prefiro o meu programma. A divina paz, longe do Cara Linda, sob a incomparavel luz do Estoril... E, em vez do calor de Lisboa, a brisa que vem do mar, fresca e perfumada... Para substituir a desordeira *Portuguesa*, a musica das ondas, melancholica, emballadora... É logo, o pôr do sol, a semeiar de rosas o horisonte... (*ternamente*) Não se está melhor aqui do que no Campo Pequeno?

Rodrigo (*ironico*) — Realmente a paz, a luz, a brisa, o horisonte, as rosas... Vê lá se esqueci alguma coisa...

Martha (*coquette*) — Esqueceu-te a minha companhia... Dize: não vale um bocadinho mais do que a toirada?

Rodrigo (*sem a minima convicção*) — Oh! de certo!

Martha — Isso é do coração, bem lá de dentro?

Rodrigo — Das profundidades... Nem tu calculas o que tive de mergulhar para trazer á superficie...

Martha — Vieste por obrigação ou por devoção?

Rodrigo — Por devoção...

Martha — Tinhas saudades minhas?

Rodrigo — Deus do céu, que interrogatorio!

Martha (*supplicante*) — Dize: tinhas saudades?

Rodrigo (*irresistivelmente*) — Oh! minha filha, ainda ha dois dias te vi...

Martha (*amarga*) — Pareceram-te dois dias e foi mais d'uma semana...

Rodrigo (*com uma pontinha d'impaciencia*) — Pois então contei mal... O que queres? Como o meu pensamento está sempre contigo...

Martha (*ironia triste*) — Já não dás pela minha ausencia, nem pela minha presença... Deve ser commodo sentir assim ..

Rodrigo — Sabes o que não é nada commodo? Aturar uma mulher exigente como tu...

Martha — D'antes achavas-me desapegada, indifferente, querias que te pedisse mais, sempre mais... que me apoderasse de todos os teus instantes... Julgavas a vida inteira curta para estares ao pé de mim, precisavas d'uma eternidade, agora...

Rodrigo — Marthásinha, não percamos o nosso

tempo em recriminações. Gosto de ti. Tu gostas de mim. Só isso importa...

Martha — Só isso... mas justamente...

Rodrigo — Justamente... o quê?

Martha — Nada... Uma tolice...

Rodrigo — Então ainda bem que a guardáste...
(*n'outro tom*) Vamos lá a saber, o que tem feito a menina por cá?

Martha — Tenho esperado por ti, todos os dias, a todas as horas...

Rodrigo (*atrapalhado*) — Foi-me impossível sair de Lisboa...

Martha — Porque não me preveniste? Podias ao menos ter-me poupado a tortura...

Rodrigo — Qual tortura?

Martha — A impaciencia, a incerteza, a desillusão...

Rodrigo — Tenho lá culpa que tu dramatises as coisas mais simples da vida! Se não venho é porque não posso. Já devias estar habituada...

Martha (*tristemente*) — Tens feito tudo para habituar-me, mas ainda não me habituei...

Rodrigo (*philosofico*) — Hasde aprender com o tempo, verás...

Martha — Quando gostar menos de ti...

Rodrigo — Quando gostares d'uma maneira mais calma, menos nervosa...

Martha — Sem amor... E' isso que desejas?

Rodrigo (*constrangido*) — Tu bem sabes que o teu amor é uma das maiores alegrias da minha existencia...

Martha — Uma das maiores! Pensei que fosse a unica...

Rodrigo — Se vaes pegar por cada palavra...

Martha — Não pégo, descança... Mas, ao menos, conta-me, o que te prendeu em Lisboa, porque não vieste?

Rodrigo (*impaciente, embaraçado*) — Negócios . No Banco Ultramarino...

Martha — Os bancos fecham ás cinco da tarde, creio eu...

Rodrigo (*cada vez mais atrapalhado*) — E depois aquella estopada do Tauromachico...

Martha — Qual estopada?

Rodrigo (*que apesar da sua longa pratica de mentiroso, não sabe o que hade inventar, fallando com a maior volubildade*) — Não calculas... Foi d'alto lá com ella... A's quatro horas da manhã ainda estavamos no Club... E, jantavamos lá... Ninguem sequer tinha tempo d'ir a casa...

Martha — Mas enfim, o que aconteceu?

Rodrigo (*que continua sem ideias*) — Uma d'estas alhadas! Ai! não me quero ver mettido n'outra assim.

Martha — Estou cheia de curiosidade...

Rodrigo (*finalmente inspirado*) — Foi um duello... de morte ..

Martha — Um duello de morte no Tauromachico?! E' extraordinario... Os jornaes nada disseram.

Rodrigo — Como o caso era melindroso, conseguiu-se que os jornaes se calassem...

Martha — Não foi contigo, espero...

Rodrigo — Não, felizmente. Mas esteve por um triz... Vi chegado o momento em que me ensari-lhavam também.

Martha (*sobresaltada*) — Pensaste em bater-te, Rodrigo! Que horror!

Rodrigo (*pimpão*) — Oh! senhores! Parece-me que não era nenhuma coisa do outro mundo... Eu já me bati mais de mil vezes.

Martha (*humilde*) — Bem sei que és muito valente, mas não fica mal a uma mulher ter medo, tremer pelo homem que ama ..

Rodrigo — Por isso me aborrece fallar a vocês n'estes assumptos... Começam logo os *tremeliques*..

Martha — Vamos ao que importa, d'esta vez...

Rodrigo — O caso esteve sério...

Martha — Morreu alguém?

Rodrigo (*ingenuamente*) — Crédo! Tens cada ideia!

Martha — Ficou alguém ferido?

Rodrigo — Ninguém, graças a Deus.

Martha (*espantada*) — Disseste que o duello tinha sido de morte...

Rodrigo — Força de expressão... Não heide estar a medir todas as palavras...

Martha — E o que deu motivo a essa... tenebrosa pendencia? Quem foram os adversarios?

Rodrigo (*outra vez atrapalhado*) — Oh! filha, a coisa passou-se á capucha, resolveu-se que nad^e transpirasse fóra do Tauromachico. Eu não posso,

nem devo dizer nomes . . . E' uma questão de honra. Tanto mais que se tracta de pessoas em evidencia, altamente collocadas. . . Quanto ao motivo. . .

Martha (*vivamente*) — Mulheres, apósto. . . Vocês não pensam noutra coisa. . .

Rodrigo — Estás muito enganada. . . Isto é. . . (*falha-lhe outra vez o genio inventivo, começa a metter os pés pela cabeça, e a cabeça pelos pés*) Não houve mulheres. . . ou, se houve, foi indirectamente, historia muito remota e que, só por si, não teria importancia alguma, se. . . se. . . (*não encontra mais nada que diga*).

Martha — Se. . . ?

Rodrigo (*resoluto*) — Se a politica não se mettesse. . .

Martha -- O caso envolve politica e mulheres. . . Deve ser muito interessante!

Rodrigo (*inspirado*) — Umas allusões pouco respeitosas que alguém se permittiu fazer á ultima aventura galante do Sr. D. Duarte. . .

Martha (*rindo*) — O Sr. D. Duarte, com doze annos, já tem aventuras galantes?

Rodrigo (*furioso*) — Pois se não foi o Sr. D. Duarte foi outro senhor dom qualquer. . . E não me arrancas nem mais uma palavra sobre o assumpto. . .

Martha (*timidamente*) — Eu só queria saber. . .

Rodrigo — Sufa! Quando as mulheres começam a esgravatar. . .

Martha — E quando os homens começam a enganar. . .

Rodrigo (*digno*) — Dou a minha palavra...

Martha — Oh! não é preciso tanto...

Rodrigo — Já me parece que estou no tribunal diante d'um juiz...

Martha — Juiz indulgente, prompto a perdoar...
(*com a mansa, invencivel teimosia das mulheres*)
Mas eu queria saber...

Rodrigo — Eu é que, se soubesse que era para isto, não punha cá os pés...

Martha (*humilde*) — Não te zangues...

Rodrigo — Não te zangues... é bom dizer...
Tu gostavas que eu começasse tambem a perguntar o que fizeste, o que pensaste, o que viste, por onde andaste, com quem fallaste?...

Martha — Oh! se gostava! Mas, ouve... E' só isto...

Rodrigo — Vá lá, desembucha...

Martha (*entre supplicante e ironica*) — O duelo... de morte... por causa do senhor dom... qualquer, durou... enfim, eu já admitto que durasse trez dias e trez noites, sem um momento apenas para correres ao telephone, para me escreveres uma palavra, mas ha mais d'uma semana que não te vejo... Segunda feira mandaste-me dizer, pelo Alexandre, que estavas occupadissimo e preoccupadissimo, que era uma maçada de todos os instantes e depois me contarias... de que se tractava então?

Rodrigo (*áparte*) — Temos outra!... (*alto*) Tractava-se... Vamos lá a ver se me lembro...

Martha — Pois tu não havias de lembrar-te d'uma coisa tão importante?!...

Rodrigo — Ah! já sei... Foi a guitarrada...

Martha — A guitarrada?...

Rodrigo — Sim... a guitarrada no Tauromachico. Ninguém parava. Ninguém tinha um minuto de socego. Ensaiaava-se. Afinava-se. Ah! que trabalho, que azafama! N'outra não caio eu...

Martha — De modo, que, no Tauromachico, succedem-se agora os acontecimentos de sensação... Duellos, serenatas...

Rodrigo (*muito sério*) — Tem havido immenso que fazer...

Martha (*ironica*) — A guitarrada foi para algum fim de beneficencia ou simplesmente por amor da arte?

Rodrigo — Por uma coisa e outra.

Martha (*como acima*) — O util e o agradável... (*n'outro tom*) Meu pobre Rodrigo, aprende ao menos a mentir um pouco melhor, arranja historias menos infantis...

Rodrigo (*formalisado*) — Não admitto que se duvide da minha palavra...

Martha — Preferia que me confessasses...

Rodrigo — Apre! E's maçadora!

Martha — Achas?

Rodrigo — Se fallassemos n'outro assumpto?... Tenho horror a discussões...

Martha (*friamente*) — Como quizeres... (*Pequeno silencio. Nervosismo d'ambos. Martha abre e fecha o livro. Rodrigo accende um cigarro.*)

Rodrigo (*affectando naturalidade*) — Realmente

faz um lindo tempo. O Estoril é agradável n'este principio de verão...

Martha (*no mesmo tom*) — Enquanto não ha vento e o odioso pó...

Rodrigo — Sim, com vento e pó torna-se uma sécca. Quem está por cá?

Martha — Pouca gente, ainda... A Thereza...

Rodrigo — Então tremendas sessões de má lingua...

Martha — Não sei... Pouco a tenho visto... Como não jôgo o *bluff*... Chegou tambem, ha dias, a Maria da Luz...

Rodrigo — Encontrei-a. Viémos no mesmo comboio. Estava nos seus dias de telha. Gritou, mal me vio: Salvé! Rodrigo das bellas mãos!

Martha — Mais uma admiradora das tuas mãos...

Rodrigo — Deu-lhe para ali...

Martha — Podia dar-lhe para peor...

Rodrigo (*rindo*) — Não digo o contrario... (*pensativo*) Tem um *chic* de todos os diabos!

Martha — Quem? A Maria da Luz?...

Rodrigo — Não achas?

Martha — E' original. Veste-se bem. De resto não lhe vejo nada d'extraordinario.

Rodrigo — Os homens são d'outra opinião, não encontras um só que...

Martha — Tu tambem?

Rodrigo — Oh! eu... é por puro diletantismo... Contento-me em admirar-a...

Martha — Como belleza?

Rodrigo — Depende do que chamas belleza... Se te referes á regularidade das feições, á bocca minúscula, ao nariz grego, ás formas esculpturaes, n'esse caso evidentemente a Maria da Luz não é bonita... Mas é peor... E depois, que elegancia, que flexibilidade n'aquelle corpo de *fausse maigre*! Porque ella é com certeza, uma *fausse maigre*....

Martha (*seccamente*) — Não sei, nunca averigui...

Rodrigo — E o andar! Só o andar vale um império! Nunca a vejo que não me lembre o verso de Baudelaire: *Quand elle marche on dirait qu'elle danse*...

Martha (*sarcastica*) — O verso tornou-se uma especie de circular...

Rodrigo — Não percebo...

Martha — Já o tens applicado varias vezes...

Rodrigo (*cruel*) — Então appliquei-o mal, decerto... a maior parte das mulheres não sabe andar...

Martha — O anno passado em Pau... (*tristemente*) Mas tu já não te lembras de Pau...

Rodrigo — Uma cidadezinha seccante, com pretensões d'elegancia, ruasinhas estreitas, escuras...

Martha — Pareciam-me claras e largas, porque as atravessei contigo...

Rodrigo (*como se não ouvisse*) — A *Place Royale*...

Martha — Onde te fallei a primeira vez... Para dissimular um ligeiro embaraço, contei-te que achava horrenda a estatua do *Vert Galant*...

Rodrigo — Na verdade, deixa a desejar como monumento... E mesmo o celebre castello...

Martha — E' só d'isso que te lembras?

Rodrigo — E dos Pyrineus e do Gave...

Martha (*n'uma anciedade*) — De mais nada, Rodrigo?

Rodrigo — Pretendes tambem que eu te diga o numero dos habitantes, a profundidade do rio, as vantagens do clima?

Martha — Oh! como tu mudaste!

Rodrigo — Pois não percebes que estou a brincar contigo?

Martha — Deve ser assim que os tigres brincam com a preza...

Rodrigo (*vendo o relógio*) — Já passa das sete horas... Tenho que deixar-te, minha joia...

Martha (*surpreza triste*) — A Maria conta contigo para jantar...

Rodrigo (*embaraçado*) — A tua irmã é muito amavel porém eu não devo abusar...

Martha — Asseguro-te que a Maria...

Rodrigo (*impaciente*) — Eu sei, eu sei... E agradeço muito e tenho a maior pena... Mas prometti jantar hoje em Cascaes, com o Alexandre... Temos depois uma partida de *bridge*, partida ri-ja...

Martha (*com uma grande ternura*) — Rodrigo, peço-te...

Rodrigo (*no cumulo da impaciencia*) — Já estivemos juntos toda a tarde, e mesmo por ti, minha fi-

lha, pela tua reputação, não devo... Enfim, tu comprehendes...

Martha — Começo a comprehender... e já não é sem tempo...

Rodrigo — Tenho sido assiduo de mais... n'uma terra como esta, em que tudo se critica, de tudo se falla... Mas heide voltar amanhã ou depois...

Martha (*hesita, enchem-se-lhe os olhos de lagrimas e como quem toma uma grande resolução*) — Não voltes, Rodrigo, mais vale que não voltes ..

Rodrigo — Ora essa! Porquê?

Martha — E' inutil. Tu já não gostas de mim.

Rodrigo — Não sei o que te faz crêr... que desconfiança é essa tua... Porque razão não heide gostar de ti como d'antes?

Martha (*infinitamente triste*) — Porque não hasde gostar de mim como d'antes? Ah! vou dizer-te... A culpa é minha, só minha, toda minha... Dei-te de mais... Dei-te tudo... Perdi'o encanto, o interesse da novidade, da conquista... Só me quizeste emquanto não me tinhas...

... Lentamente morre a tarde... A brisa é mais leve, mais perfumada... As ondas cantam de manso... E já o pôr do sol semeia de rosas o horison-te...

O QUE ELLES DIZEM DEPOIS...

O que elles dizem depois . . .

Rodrigo não foi jantar a Cascaes. Nunca fez tenção d'ir. Jantou no Miramar, onde está aquella franceza loira, que lhe dá um *sortão* . . . E demorou-se até tarde, defronte da chicara do café, fumando um charuto maior do que elle e lançando olhares conquistadores para a meza, onde *mademoiselle Solange* fumava tambem perfumados cigarros, na consideravel companhia do banqueiro, gordo e calvo, que chama *son rat chéri*.

Passava das onze quando Rodrigo chegou a casa de Alexandre. E, já da porta, onde este veio recebê-lo, resmungando: — Maçada! Maçada! — ouviu a vozinha irritada de Marianna, a invectivar o Conselheiro, que se tinha esquecido de furar o forte . . .

Na pequena sala, tão alegre, com a frescura dos seus moveis pintados de branco, dos seus cretones côr de palha, semeiados de papoulas rosadas, Maria Luiza, muito bonita ainda, sob os castos, severos bandós, que contrastam com a malicia do sorriso, trabalhava no seu eterno *crochet* . . .

E, abancados á meza do *bridge*, Marianna, o Conselheiro, a Viscondessa de Barcellos e Julinho de Paivá, mais pareciam os exercitos inimigos em dia de grande offensiva ou os... aliados depois de assignada a paz.

O Conselheiro, como sabemos já, esquecer-se de furar o forte. E, em vez de confessar, fãõ funestõ, lamentavel erro, reponfava apoplefico, que a sr.^a Viscondessa é que tinha jogado mal. A sr.^a Viscondessa devia metter a Dama sobre o seu Valete...

— Não faltava mais nada... Para a Marianna lhe pregar com o Rei em cima!

— Mas abonava o meu dez, minha senhora, abonava o meu dez...

— O defeito da sr.^a Viscondessa é sempre não metter a Dama — observou Julinho de Paiva.

A Viscondessa respondeu furiosa: que isto de metter a Dama era uma coisa muito delicada, que dependia de mil eventualidades e jámais poderia estabelecer-se como uma regra geral...

Em voz baixa, Maria Luiza explicou a Rodrigo:

— Tem havido mosquitos por cordas...

— O costume...

— Peior, muito peior... O Conselheiro veio sem ser esperado... Já se vê, não houve remedio senão convidal-o para jogar.. Ninguém queria...

Alexandre exclamou logo: — Pudara! Ha lá direito d'estragar assim uma partida!

E apezar do *chut!* severo da mãe, continuou quasi em voz alta: — Um homem que joga como uma bota!

— A Maria da Luz quando o viu, declarou imediatamente que lá com elle é que não... Antes ficar sem *bridge*...

— E a minha mãe offereceu-me em holocausto — accrescentou Alexandre, com ar de martyr.

— O que fizeram vocês da Maria da Luz? — perguntou Rodrigo.

— Está no terraço, ao luar... Sentia-se em disposição sonhadora...

— Faz versos, talvez...

— E tem hoje um vestido... ou antes um *despido!*

Rodrigo disse então: — Como vocês já são cinco... Para não desmanchar a *chouette*...

— Bem te entendo, patife!

— Vou fazer companhia á Maria da Luz... Sinto-me tambem com tendencias para a poesia...

— Sae d'aqui hoje um poema...

No pequeno terraço, que o luar inundava, Maria da Luz, decotada até á alma, como se diz nos livros do sr. Julio Dantas, parecia contemplar pensativamente as mansas ondas...

— Ah! é você?...

— Sou eu... Se não me acha de mais...

— Veio para o *bridge*?

— Sim... Preparava-me para uma partida valente...

— Ai de nós! O homem põe e Deus dispõe. Terá d'aturar o pastel do Conselheiro...

— Não aturo. Já declinei a honra.

— Eu tambem... Preferi jogar o sisudo com o Oceano.

— Tem razão. Quer-me para parceiro ?

— Se conhece o jogo...

— Ora se conheço! Mas como você está elegante! que lindo vestido!

— Não podem ver uma camisa lavada a uma pessoa...

— Diga lá: quem fenciona estontear? O Alexandre, decerto...

— Porque hade ser o Alexandre?...

— E' o menino bonito de Cascaes...

— Pois nem a elle nem a outro qualquer. E convençam-se vocês, d'uma vez para sempre... não é por sua causa, nem em sua honra que nos vestimos, que nos enfeitamos. Estamos fartas de saber que os homens, de *toilette*, não petiscam nada...

— Então todo esse luxo...

— Para prazer meu, em primeiro logar... E, em segundo, para que as outras vejam, admirem e... se mordam de inveja...

— Má!

— Má... porque digo as verdades... Ora confesse... se lhe perguntarem, você nem pode explicar de que é feito o meu vestido...

— Explico que é d'uma coisa que lhe fica a matar...

— É a peste da Marianna, o veneno da Viscondessa, só com uma olhadella, de revez, já constataram a excellente qualidade do setim e o talhe de grande casa...

— Não me espanta; ellas vêem sobretudo o seu vestido, e eu vejo-a sobretudo a si. Toda essa trapáda...

— Trapáda?

— Emfim, todos esses lindos *chiffons*, n'outra qualquer me passariam despercebidos, nem dava por elles...

— Então quando *Madame Crysanthème*, com aquelle *chic* tão original, tão seu...

— Acha? Pois olhe, francamente...

— Veja lá o que vae dizer...

— O que penso, apenas... A Martha, que você chrismou de *Madame Crysanthème*, é tão insignificante, tão pequena que a *toilette* não brilha n'ella. E depois, com aquella pretensão de explorar o typo japonéz...

— Que faz o seu grande encanto...

— Para quem aprecia o genero...

— Você tem sido um dos maiores apreciadores...

— Que ideia!

— Negue... se é capaz...

— Já se vê que nego... e a pés juntos.

— Intrusão!

— Oh! que feia palavra em bocca tão bonita!

— Ainda esta tarde ia direitinho para casa da Martha...

— Mesmo suppondo que fosse, que não ia...

— Mentiroso!

— Calumniadora! Mas repito: ainda que fosse, o que significa isso? A Maria da Luz nunca faz visitas?

— Algumas vezes, por mal dos meus peccados...

— E quem lhe diz que não era por mal dos meus peccados...

— Que teceu o perfeito amor, até depois das onze da noite, com a japoneza?!...

— Deus do céu! O que vocês gastam, desperdiçam a palavra amor!

— Nós é que a desperdiçamos... não ha duvida!

— Ao mais leve *flirt*, ao mais insignificante capricho, a não importa que bagatella, chamam logo: amor!

Maria da Luz riu, ironica: — Uma palavra tão sagrada!

Mas Rodrigo respondeu, grave, convencido: — Para nós é sagrada... Pelo menos não a empregamos a torto e a direito...

— *Je te crois!*

Dentro ouvia-se a voz esganiçada da viscondessa:

— Agora, Conselheiro, guarde o az de cópas...

E o Conselheiro muito formalizado: — A Sr.^a Viscondessa, queria então que eu largasse a *fourchette*?

— Era um cabide a menos e para quem já apANHOU duzentos!

Maria Luiza assomou ao terraço, murmurou com o seu lindo sorriso: — Pegaram-se outra vez. A Annica já deita fogo pelas narinas...

— E nós aqui, n'esta santa paz...

— Com uma noite tão bonita!

— O mar muito socegado, com o seu arzinho sonso de quem nunca quebrou um prato...

— Depois de ter estado dois dias furioso, atirando as ondas por ahí além n'um fragor...

— O mar é inconstante...

— Como as mulheres... Rodrigo, toma cuidado...

E scintillante de malicia, sob os seus castos bandós, Maria Luiza entrou na sala, rindo...

Imediatamente Maria da Luz interpellou Rodrigo:

— Com que então, Sr. D. Rodrigo, V. Ex.^a não emprega, a torto e a direito, a sagrada palavra: Amor?

— Jamais, minha linda senhora.

E Rodrigo estendeu solemnemente a mão como para um juramento...

— Heide perguntar á japoneza...

— Pode perguntar a todas as japonezas desde Jedo até Kioto...

— Perguntarei só á de cá...

— Como quizer...

— Você nunca disse á Martha que gostava d'ella?

— Meu Deus! Gostar é um verbo muito elastico, que se pode applicar a tantas coisas! Gosto do *brid-ge*... sem o Conselheiro, bem entendido, gosto do mar, sobretudo... em tão boa companhia, gosto...

— Refiro-me a gostar n'um sentido apenas: No sentido d'amar...

— Oh! Eu certamente nunca disse á Martha que a amava!

— Amar, já se vê que não. E' verbo que só costuma usar-se no theatro D. Maria, exactamente como as saias de gomma... Mas fallemos a sério... A noite está para confidencias... E eu tenho um geito!...

E sou d'uma discreção! Segredo que ouça é, como no confessorio, pedra que cahe n'um poço...

— Pois confesse-me... Se isso lhe dá tanto prazer...

— Hade pôr tudo para ahi...

— Promette-me a absolvição?

— Veremos... Conforme fôr o peccado. A respeito da Martha...

— Da Martha, porquê?

— Porque é a mulher que o preoccupa presentemente.

— Como você se engana!

— O quê?! Terá o descaramento, o topéte e o desplante de me affirmar que, entre si e a japoneza, não houve... não ha...

— Sim, tenho o descaramento, o topéte e o desplante de lhe affirmar que, entre a minha pessoa e essa senhora, não houve, não ha...

— Nem sequer um idyllio japonéz, á maneira de Pierre Loti?

— Nenhuma qualidade de idyllio...

— Mas você veio de Pau pelo beíço... até se dizia que casava...

— Muito se inventa n'esta terra!

— Mas, enfim, em Pau...

— Eu aborrecia-me terrivelmente entre o *golf* e o *bridge* do Gassion, com inglezas velhas... Encontrei aquella rapariga...

— Bonita...

— Bonita, não. Simplesmente agradável. Muito li-

vre, um pouco... levantadinha, que, na verdade, me fez boa companhia... Démos alguns passeios juntos, jogámos o *tennis*, trocámos tolices alegres diante duma chicara de chá, no *Bouzon*, dansámos um ou outro *fox trot* no *Palais d'Hiver*... E eis tudo.

— Pois olhe que a comprometteu bastante.

— Perdão, minha querida amiga. Ponhamos as coisas no seu logar. Foi sobretudo ella que se comprometteu...

— Concordo. A Martha pregou um d'estes pontapés nas conveniencias!... As mulheres, coitadas, são assim, quando gostam... É ella tem uma verdadeira paixão por si.

— E' possível...

— E' certo. Sei por pessoa de toda a confiança. A pobre da japoneza adora-o, está convencida que o Rodrigo lhe paga na mesma moeda...

— Tenho lá culpa que se lhe mettesse isso na cabeça!...

É... assim por diante... Trez vezes cantou o gallo quando S. Pedro renegou Jesus Christo. Se os gallos desatassem a cantar cada vez que os homens renegam as mulheres que amaram, tínhamos ahi um *cócóricó* que nunca mais acabava...

A RECITA DE CARIDADE

A recita de caridade

Thereza vae promover uma recita de caridade para um asylo de surdos. Surdos, mudos ou gagos é o que menos lhe importa... Promove a recita, unica e simplesmente, porque a Joanna, sem lhe dizer nada, arranjou um beneficio no Polytheama e teve um successo doido, representando a *Dama das Camélias*, com o Visconde no papel de Armand Duval.

Thereza foi logo a casa d'aquelle veneno da Maria do Céu, que odeia a Joanna, porque esta, o anno passado, quando veio de Biarritz, não quiz emprestar-lhe o vestido *beige*. Disseram da Joanna o que o diabo não disse de Mafoma e o que o Sr. Dr. Afonso Costa não disse do Sr. Dr. Antonio José d'Almeida. Maria do Céu, que tem immensa graça e imita todos na perfeição, arremedou Joanna na scena em que Margarida Gauthier, depois de despedir Armand, desata a berrar por elle como uma possessa.

Thereza, entre frouxos de riso, já supplicava :

— Cala-te, filha, que eu não posso mais. Dá-me para ahi alguma coisa de nervos...

E combinaram metter a *Dama das Camélias* n'um chinello...

Thereza expoz os seus planos: A Joanna representara no Polytheama... Pois ellas representariam em S. Carlos. A Joanna convidara um Presidente.

— Nós devemos convidar pelo menos dois..., atalhou Maria do Céu, rindo, Millerand e o da America... que não me lembro como se chama...

Thereza respondeu com um ársinho de triumpho:

— Qual Millerand nem meio Millerand!... Upa! Upa! Um rei é que hade ser...

— Tu estás doida, Thereza! Tu não fallas a sério...

Thereza não estava doida e jamais lallara com maior seriedade, convidariam um rei...

— Mas, onde vae a gente desencantal-o, n'estas alturas? — exclamou Maria do Céu pasmada.

— Com boa vontade tudo se arranja. E um qualquer serve... Logo que tenha corôa authentica... Por exemplo: o de Hespanha, que fica aqui mesmo ao pé da porta, neutro, de bem com toda a gente...

— Sim, por esse lado estava a calhar, mas achava Thereza assim tão facil ir buscar o Rei de Hespanha como se se tractasse apenas de *Madame Carneiro*, a dos Palitos?...

A proposito de *Madame Carneiro*, Thereza recommendou que precisavam metter na commissão essa odiosa tyra dos Palitos; depois, com a maior naturalidade:

— Minha lilha, Affonso XIII é antes de tudo um

gentleman. Fica encantado com o nosso convite. Aceita...

— E vem? — perguntou Maria do Céu, entre ansiosa e incredula.

Thereza hesitou: — Talvez não venha por causa da maçada da viagem... Mas dá homens por si... O efeito é o mesmo. Bastará a Joanna ler no «Illustrado»: D. Fulano de tal, y tal, y tal... muitos y tal... , representava Sua Magestade Catholica, para desmaiar de raiva.

— Desmaiar acho pouco... Eu preciso que ella morra — declarou, muito séria, Maria do Céu.

E continuaram em grandiosos projectos... A Joanna finha-se atirado a Alexandre Dumas. Tinha escolhido, a *Dama das Camélias*. Pois ellas atiravam-se a Shakspeare. Escolhiam o *Hamlet*.

— O *Hamlet*, filha?! Não será uma grande estopada?

— E' uma peça de folego... Tu fazes d'Ophelia, o Visconde de Hamlet...

E só com a ideia do Visconde a dizer: *to be or not to be*, Thereza cahiu para cima d'um *fauteuil*, rindo tanto, que, outra vez, quasi lhe dava a coisa de nervos... Depois extasiou-se, lembrando que linda ficaria Maria do Céu, com a sua silhueta d'adolescente, as suas fabulosas tranças loiras e os seus divinos olhos azues, no papel d'Ophelia...

— Tu é que devias ser o Hamlet — disse Maria do Céu.

Mas Thereza regeitou logo a ideia. Era preciso

que fosse o Visconde quem mandasse Ophelia para o convento. Só assim apoquentariam bastante a Joanna... Thereza, n'um dos intervallos, viria com um vestido lindo — tinha já a sua ideia — um vestido de brocado antigo, genero sumptuoso, genero Sarah Bernhard na Cleopatra, recitar versos de Lecomte de Lisle, muito maçadores, mas sumptuosos como o seu vestido...

S. Carlos, o Hamlet, Affonso XIII, Lecomte de Lisle, Thereza d'imperatriz romana... Cleopatra era romana?... Romana, troyana, grega ou holandeza... Não se tratava da nacionalidade de Cleopatra... Tratava-se d'esborrachar a Joanna e haviam de esborrachal-a, ainda que se gastasse dinheiro a rôdo, que a receita não cobrisse a despeza e o asylo dos surdos ficasse a ver navios...

Hontem, de tarde, reuniu-se a commissão, em casa de Thereza, na sala onde está a mobilia Luiz XVI, herdada dos seus antepassados francezes, porque Thereza tem antepassados francezes, em que faz o maior *filé*, sobretudo n'aquella Marqueza de Moraes, a do retrato de Latour — Thereza possui um Latour authenticos! — a linda dama empoada, com uma *mouche* tão atrevida no canto da bocca e o olhar garoto de quem se divertiu tanto! oh! certamente não perdeu o seu tempo, a linda dama empoada, que tem, na mão pequenina, uma rosa vermelha do jardim de Versailles!

A comissão é tudo quanto ha de mais escolhido, de mais aristocratico. Como Joanna convidou para presidente a Marqueza de X, que ainda conheceu a Sr.^a D. Maria II, está paralytica, tem noventa annos e ha cinco não sahia do seu palacio do Lumiar, Thereza resolveu convidar a Duqueza de X, que ainda se lembra do Sr. D. Miguel e vive, quasi em estado de mumia, no seu palacio de Santa Engracia. A Marqueza foi n'uma cadeira de rodas a casa da Joanna. A Duqueza, a mumia — que raiva! — dá-lhe a fontice para não sahir, com medo d'encontrar no Rocio, o Sr. D. Pedro IV, de jacobina memoria... Porém accitou a presidencia e fez-se representar pelo sobrinho D. Jayme, miguelista ferrenho, com ideias antiquadas, absurdas, pyrrhonicas, que logo creou a primeira difficuldade, recusando energicamente conhecer *Madame Carneiro*, a dos Palitos... Palitos cheiravam-lhe a democracia, a ideias novas... E foi precisa toda a eloquencia de Thereza para resolver-o a transigir com os Palitos!..

Apenas saneado este incidente, outro surgiu a proposito de *Hamlet*. O Visconde teimava em não rapar o bigode, queria á força representar o *Hamlet* de bigode á americana, até achava mais novidade... E só quando Thereza o ameaçou que daria o papel a D. Jayme é que elle se decidiu ao sacrificio.

Depois Maria do Céu observou que, como Shakspeare era assim... um pouco pezado e Lecomte de Lisle... assim um pouco... um pouco classico

de mais, precisavam de qualquer coisa, n'outro genero, para amenisar a noiteada...

Ritinha lembrou a comedia dos irmãos Quinteros: *A la luz de la luna* e como falla bem o hespanhol — filha de mãe andaluza! — offereceu-se para o papel de Elena. Thereza, com um sorriso amavel, proclamou logo Ritinha digna de representar Quintero, diante de Affonso XIII. Alexandre faria o papel de Carlos.

E já Ritinha gorgeava docemente, a Alexandre: — *Adios... caballero del bosque...*

E já Alexandre murmurava, n'um enlevo a Ritinha: — *Adiós... rayo de luna...* — quando Maria da Luz, com uma pontinha de mau humor, resolveu que a comedia prolongaria de mais o espectaculo e que, farto de hespanholadas, andava Affonso XIII... Parecia-lhe melhor arranjarrem uns quadros vivos... Não ha nada mais elegante e mais facil para uma recita d'amadores.

— Ah! lá isso, a Maria da Luz tem razão...

— Como se fez ha annos, em Cascaes... Vocês lembram-se...

— Oh! filha! Que saudades! Nunca me diverti tanto...

— E como você estava bem, com o seu habito negro! Que freirinha d'appelite!

— E a Mary, vestida de cocheiro?...

— Para imitar a Princeza de Matternich...

— Ella sempre teve a mania de macaquear toda a gente...

— Oh! meninas, eu não estou aqui para ouvir as tolices que fizeram e as pessoas que macaquearam. Vim cá por causa dos surdos e o meu tempo é muito precioso... declarou, no seu tom, que não admite réplicas, a austera tia Fontenella.

— Desculpe tia, quando a gente começa a lembrar-se...

— Vamos ao que importa.

Todos achavam excellente a ideia dos quadros vivos.

— Em que genero?

D. Jayme aconselhou o genero biblico...

— Sim... na Biblia ha quadros encantadores, em que uma pessoa pode vestir-se com originalidade, parecer bem... — disse Maria da Luz.

— Sobretudo quando se é delgada e trigueira como Rebecca.

— Quem era Rebecca? — indagou *Madame Carneiro*, muito interessada.

— Não estou bem certa..., respondeu Maria da Luz, uma d'essas que iam á fonte, com a bilha á cabeça.

Madame Carneiro esbugalhou os olhos n'um pasmo.

— Usavam-se então bilhas em vez de chapéus — explicou amavelmente Maria do Céu.

D. Jaime propoz: Judith cortando a cabeça a Holo-phernes. Parecia-lhe d'um grande effeito theatral.

Sim! Tinha um certo *chic*, era de muita sensação aquelle quadro de Judith. Mas nenhum homem

quiz representar Holophernes. Desconfiavam de facas em mãos de senhoras... E ás senhoras tambem o gesto de cortar fazia uma coisa lá por dentro...

— Pois escolhamos outro assumpto... Na Biblia não faltam, louvado seja Deus. Por exemplo: Esau vendendo a Jacob os seus direitos de primogenito por um prato de lentilhas. E' intimo, é familiar. Presta-se a uma especie de interior hollandez.

— Ora, D. Jayme! Lentilhas n'estas alturas! E interiores holandezes no Velho Testamento!...

Maria do Céu desatou a rir. D. Jayme embatucou.

Julinho de Paiva aconselhou um quadro da revolução franceza: a morte de Marat.

— Vocês estão sanguinarios! Só se lembram d'assassinatos... — observou Alexandre.

— A era que atravessamos é tragica, de violencias... acudiu D. Jayme.

— Pois então, para não discordar da epoca, demos cabo de Marat... — accrescentou Alexandre, sorrindo.

— Quem era Marat? — perguntou *Madame Carneiro*, em voz baixa, a Thereza.

— Um mariola d'um republicano...

E *Madame Carneiro* approvou immediatamente a execução de Marat. Os outros applaudiram tambem. Thereza distribuiu logo os papeis: o Julinho de Paiva em *maillot* côr de rosa, dentro d'uma banheira velha, a Gabriella de Charlotte Corday...

— Hade ficar-lhe tão bem o penteado!

— E o vestido côr de pulga, com um *fichu* de cassa branca...

O Visconde bateu as palmas. Sim, sim! Coisa em que entrassem *fichus* e cassas e penteados, tinha toda a sua *sympathia*.

Maria do Céu exclamou alegremente: — Vá pelo vestido côr de pulga!

Armando de Lima, glorioso auctor do *Cysne Azul* e do *Jupon da Duqueza*, dignou-se achar muito original, muito ousado... mas deviam fechar o espectáculo com um quadro risonho, galante, para que todos sahissem com ideias cor de rosa: qualquer coisa do seculo XVIII, uma scena de leque antigo, muitas *pastoras Watteau*, muitas ovelhas, muitos laços... O Visconde, vestido de Marquez, contando *fleurette* á pastorinha mais bonita... Um idyllio de Florian ou, se preferirem quadro mais suggestivo, poder-se-ha fazer, sempre com o sabor galante do seculo, um embarque para Cythara...

Outra vez todos applaudiram entusiasticamente.

O Visconde, que já se via de Marquez, exclamou:

— O idyllio! O idyllio! — arregalando para Maria do Céu, um guloso olhar que a consagrava a pastorinha mais bonita...

— Cythara, Cythara! — berrou Julinho já fóra de si.

Então D. Jayme, muito grave, pediu a palavra: Sentia profundamente ter de declarar, que, perante a apparição de banheiras, *maillots* côr de rosa e embarques para sitios inconvenientes, a sr.^a Duqueza retirava o seu patrocínio.

Para não perder patrocínio tão precioso desistiu-se da morte de Marat e do Embarque para Cythara. Inventar-se-hia outra coisa...

Discutiu-se o preço dos bilhetes, as pessoas que irjam á primeira recita, as despezas a fazer com o scenario, as flôres...

— Tratem as meninas, em primeiro lugar, de resolver o espectáculo, aconselhava a tia Fontenella

Mas Maria da Luz muito alegre, muito excitada, desatou a dizer extravagancias, queria que se desse uma ceia, a valer, como as das actrizes, em que todos perdessem a cabeça, todos fizessem loucuras, Ophelia dansasse o *Maxixe* com Hamlet e a interprete de Lecomte de Lisle, no seu vestido de brocado...

— Eu no fim, não estou com o vestido de brocado, atalhou Thereza, muito séria, ando a planear outro, para vir agradecer, como promotora da festa. Um vestido de velludo verde — o velludo é sempre o que veste melhor — a saia curta, muito curta, francamente curta e estreitissima, o corpo de gaze cõr de carne, muito *flou*: uma rosa a sahir da haste...

Maria da Luz confessou que tambem idejava já um vestido preto, muito simples, muito decotado, um nadinha inconveniente, preso apenas nos hombros por fitas de velludo e tendo, como unico enfeite, uma orchidea esverdeada...

Maria do Céu só lhes annunciava que haviam de vel-a longa, esguia, bysantina, qual figura de Puvís de Chabannes...

E, apesar dos furiosos protestos da tia Fontenella

— Oh! meninas, larguem os trapos! — as senhoras lançaram-se em ruinosos planos de *toilette*, em re-nhidas discussões sobre modas, figurinos, costurei-ras... Quando a reunião acabou já a longa tarde de primavera morrera suavíssima, já as estrellas abriam no céo, os olhos luminosos.

No azylo dos surdos, escusado será dizer, ninguem pensou...

Lisboa, Abril de 1920.

INDEPENDENCIA

Nous sommes tous esclaves de quelqu'un ou de quelque chose, d'une manie, d'une circonstance, d'une affection, d'une habitude, d'un préjugé, d'une dévotion, d'un amour ou d'un souvenir . . .

GÉRARD D'HOVILLE.

Independencia

Em casa de Gabriella. Originalidade ou preocupação de originalidade. Ultra modernismo. Gostos emancipados. Quadros, estaluas e livros tudo quando ha de mais ousado...

Gabriella — muito original tambem. *Toilette* moderna, ousada... No genero da sala.

Beatriz — Bonita, simples, vestida como toda a gente.

Gabriella — Sentes-te então, muito bem na gaiola?...

Beatriz (*ingenuamente*) — Qual gaiola?

Gabriella — Ora, qual hade ser?! Essa em que te metteste, a do casamento...

Beatriz (*sorrindo*) — Sinto-me perfeitamente.

Gabriella — As grades são doiradas, ha um pouco d'alpista e uma alface para o passaro comer, um ninhosinho fôfo para o passaro dormir, o dono gosta de ouvil-o cantar... Basta-te isso?

Beatriz — Basta-me.

Gabriella (*muito d'alto*) — Tenho pena de ti.

Beatriz — Empregas mal a tua pena.

Gabriella — Tu que eras completamente independente...

Beatriz — Preferi depender. E' tão bom ter alguém que pense, que decida por nós!

Gabriella — Todos os meus pensamentos me pertencem, todos os meus actos obedecem apenas á minha vontade...

Beatriz — Porque ainda não encontraste alguém que soubesse agradar-te.

Gabriella — Nem encontrarei. Em cada homem eu vejo apenas o carcereiro...

Beatriz — Pode ser tão doce a prisão!

Gabriella — Para as mulheres que nasceram escravas... Eu, graças a Deus, nasci livre, com azas...

Beatriz — As azas cortam-se...

Gabriella (*desprezadora*) — A's gallinhas e a vocês... Não a mim.

Beatriz — E' impossivel que te não doa muitas vezes a tua solidão...

Gabriella — A minha solidão é um vasto campo, que eu povôo de sonhos largos, de largas ambições...

Beatriz — Os sonhos tornam-se mil vezes mais lindos quando sômos dois a sonhar...

Gabriella — Nos sonhos, como em tudo, eu quero ser uma só.

Beatriz — Cada alma precisa d'outra alma para completar-se..

Gabriella — A famosa theoria das metades!...

Minha querida, ha almas que nascem inteiras, completas, promptas a libertar-se de todo e qualquer jugo.

Beatriz (*com um sorriso*) — Ainda não encontrei nenhuma.

Gabriella — Porque não me conheces, então...

Beatriz (*ironia doce*) — Quem sabe se és tu que não te conheces?

Gabriella — Não troco a minha sorte pela de ninguém. E' como se todo o mundo fosse meu... Posso ir para onde me appetitece...

Beatriz — Sinto-me tão bem onde estou que só me appetitece ficar.

Gabriella — E coitada de ti se assim não fosse! Agora, minha rica, não mexes um pé sem licença. A mim, se me der na cabeça partir para a China, é só arranjar as malas e lá vae ella!

Beatriz — Consideras isso o cumulo da ventura...

Gabriella — Isso e tudo o mais... Por exemplo: a respeito de fortuna, tu já não és dona de coisa alguma, nem sequer um alfinete é teu...

Beatriz — O que é meu, é do Ruy, o que é do Ruy é meu e tudo nosso...

Gabriella — Não podes vender, não podes comprar... Papelinho em que não appareça a assignatura do teu marido não tem o minimo valor. Estás n'uma situação de demente. Eu disponho de tudo... Deito tudo pela janella fóra se assim me approuver. Ninguem me pede satisfações.

Beatriz — Se soubesses que allivio representa para mim não ter d'occupar-me de negocios!

Gabriella — É cada vez que precisas um tostão pedil-o por favor...

Beatriz (*sorrindo*) — Quem me dera pedir-lhe tudo, ter só o que elle quizesse dar-me!

Gabriella — Depois, a maçada da companhia obri-gatoria, de dia, de noite, sentinella sempre á vista, a esquadrinhar todos os nossos gestos, todos os nossos pensamentos... Uma pessoa está calada: — Porque não fallas? — Uma pessoa está triste: — O que tens? — Uma pessoa ri: — Hasde dizer porque ris-te... — Uf!

Beatriz — Achas melhor soffrer sem que ninguem se preocupe com o teu soffrimento, rir, sem que a ninguem communiques a tua alegria?

Gabriella — Já se vê que acho.

Beatriz (*rindo*) — Anda, põe para ahi os outros inconvenientes do casamento... Talvez me conven-ças...

Gabriella — Servia-te de pouco agora...

Beatriz (*como acima*) — Ha sempre o divorcio...

Gabriella — Bonita lei!

Beatriz — Não a approvas?

Gabriella — Nem por sombras.

Beatriz — O quê, tu assim emancipada, não és pelo divorcio?

Gabriella — Acho que elle trouxe ás mulheres um novo perigo apenas...

Beatriz — Oual?

Gabriella — O de casarem outra vez...

Beatriz (*ri*) — É o amor livre?...

Gabriella — Condemno-o tambem... E' uma forma de escravatura como outra qualquer. Marido ou amante, o homem arroga-se logo o direito de dizer-nos: quero...

Beatriz — Perdão. O Ruy nunca me disse...

Gabriella — Oh! filha não vamos mais longe do que hontem, quando elle começou a pegarhar por causa do teu chapéo roxo... E logo, com ares imperativos... que nunca mais havias de pôl-o...

Beatriz — Realmente o roxo é uma côr muito ingrata. Escurece a pelle...

Gabriella — Isso... Concorde com elle... Faze-lhe todas as vontadinhas, que te hasde dar bem... E a respeito das saias... Que não admittia... — Ai! bastava o verbo para eu reponter!... — vestidos tão curtos... E ainda o outro discurso por causa dos decotes... Minha rica, voltei para casa mais contente do que nunca com a minha sorte. Posso pôr á cabeça tudo quanto me lembrar... até um papagaio, até um urso... Posso trazer as saias pelo joelho, decotar-me até á cintura e mesmo andar de tanga...

Beatriz (*rindo*) — Tanto não pôdes... Prendem-te por offensa á moralidade. (*n'outro tom*) Mas, minha querida Gabriella, que importancia tu ligas a essas coisas, que, para mim, não representam o menor sacrificio!... Uma saia mais comprida...

Gabriella (*arrebataadamente*) — Nem sobre saias, nem sobre camisas, nem sobre calças...

Beatriz — Calças!... *shocking!*

Gabriella — Ora! Não está aqui nenhum inglez. Emfim, sobre coisa alguma eu supporto imposições.

Beatriz — Bem. Fico sciente. E agora que já ouvi a costumada diatribe contra o casamento e os classicos louvores da liberdade, farás favor de explicar-me porque não appareces-te hontem á noite... O meu *tyranno* sentiu tanto a tua falta no *bridge*!

Gabriella — Sabes lá! Eu já estava prompta para sahir, quando chegou o emplastro da tia Francisca...

Beatriz — O quê? Outra vez? Esse pastel agora não te larga a porta!

Gabriella — E' o que tu vês... Apparece com o maldito *crochet*... Installa-se... E ahi fico eu amarrada, a ouvir historias do tempo dos Afonsinhos... E heide mostrar boa cara ainda por cima... Se não estou de sorriso nos labios, temos logo interrogatorio: — O que aconteceu? que carranca é essa?

Beatriz — Oh! filha, isso chama-se uma prisão...

Gabriella — D'alto lá com ella.

Beatriz — Nós tivemos muita pena...

Gabriella — Maior tive eu...

Beatriz — Não te esqueças que, amanhã, contamos contigo para jantar...

Gabriella — Amanhã?... que secca! Não posso sahir.

Beatriz — Porquê?

Gabriella — Porque a minha governanta vae a casa...

Beatriz — E o que tem isso?

Gabriella — Tem que os criados são novos. Não me inspiram a menor confiança e eu não me atrevo a deixal-os sós...

Beatriz — Não ha nada mais facil... Dize á tua governante que mude para outro dia o passeio.

Gabriella — Deus me livre, minha filha. Aquillo é lá mulher que faça concessões. Tem um genio levado de todos os diabos. A' menor contrariedade põe-se logo com um carão de palmo e meio...

Beatriz — E tu aturas?

Gabriella — Que remedio! Preciso d'ella. E' muito honrada. Dirige tudo. Faz optimos bolos...

Beatriz — N'esse caso...

Gabriella — Ai! Beatriz! Isto de creados está uma praga. Não sômos nós que os governamos. Elles é que nos governam. Eu ainda não te disse... Vou tomar outra vez a Joaquina...

Beatriz — O quê?! Depois d'ella ter sido tão malcreada?!

Gabriella — A gente tem de fechar os olhos... Não posso dispensal-a por causa da Roxane. A Roxane só se deixa lavar pela Joaquina. Aos outros creados rosna, já atirou uma dentada á Rosa... Tu comprehendes... Não é por elles... E' pela cadeilla. Tenho medo que lhe batam...

Beatriz (*sorrindo*) — E olha que não lhe fazia mal um açoite de vez em quando...

Gabriella — Coitadinha da minha Roxane!

Beatriz — Sempre a levás a Paris?

Gabriella — Isso é outra historia... Calcula que

não consentem a cadellinha na minha carruagem! Querem mettel-a n'uma infame gaiola... Tudo uma difficuldade, uma maçada! Até me parece que desisto de viajar este anno...

Beatriz (*ligeiramente ironica*) — Por causa da Roxane?

Gabriella — E por causa do resto... O cambio n'um galope por ahi abaixo, que nem uma pessoa sabe onde elle vai parar... O meu administrador a fazer sermões, que devo poupar e mais que sim e mais que tambem...

Beatriz (*intencional*) — Tu, se quizeres deitar tudo pela janella fóra, não dás satisfações a ninguém...

Gabriella (*ingenuamente*) — Tambem não é tanto assim... (*com um suspiro*) O que me aborrece é ter de vestir-me em Lisboa...

Beatriz — E com razão. As coisas custam os olhos da cara e nunca são como as de Paris. A proposito: porque não tens pôsto aquella tua linda *toque* de geranios?

Gabriella — Ai! não me falles! A gente vive na dependencia da costureira... Estou á espera que me mandem o meu vestido de *glacé* preto. A Gandon tem-no lá ha um seculo... Com os outros não posso usar a *toque*, não fica bem...

Beatriz — E quando chegares a pôl-a está fóra da moda...

Gabriella — Não se põe o que se deseja, põe-se o que as senhoras costureiras querem dar-nos...

Beatriz (*olhando para o relógio*) — Cinco horas já! E o Ruy que está á minha espera!...

Gabriella (*de novo ironica*) — Outra vantagem do casamento... Andar uma pessoa sempre a toque de caixa...

Beatriz — Gósto de ser punctual.

Gabriella — Pois vai, corre, precipita-te... escrava ás ordens do teu senhor... enquanto eu, mulher livre...

Beatriz — Ficas ás ordens da tia Francisca e da governante e do administrador e da criada e da costureira e do cão...

Funchal, Abril de 1921.

SUPREMO ARGUMENTO

... Ton rire je ne le connais pas. Mais si l'heure de la fatigue et la vérité solitaire te font soupirer faiblement, cette plainte à peine exhalée, à travers toutes les distances, je l'entends...

MARGUERITE BERNAT PROVINS.

Supremo argumento

Uma sala Cretones. Cortinas de cassa. Mais conforto do que luxo. Mais flores do que *bibelots*. Atravez as janelas avista-se o Tejo. Da quieta rua vem um gorgelo doce de toutinegra...

Maria — Triata e alguns... Uma bonita flôr amachucada por um temporal.

Vasco — Pouco mais ou menos da mesma idade, Elegante, Olhos negros magnificos. Voz acariciadora. E um encanto, uma seducção!... — E' livrar d'elle ..

Maria parece irritada, nervosissima.. A voz treme-lhe, as mãos tremem-lhe, lagrimas tremem-lhe nos maguados olhos côr de violeta...

Vasco não está tambem *dans son assiette*. Tem o ar culpado contrito, atrapalhado e até triste, sinceramente, profundamente triste.

Vasco — Eu desejava que não me ficasses querendo muito mal...

Maria — Não fico, descança. E' melhor assim. Acabam por uma vez as inuteis reconciliações.

Vasco — Cada reconciliação era um renovar de ternura entre nós...

Maria — Era sobretudo um prolongar de agonia.

Vasco — Fiz tudo para poupar-te...

Maria (*ironica*) — Sim, usáste de varios paliativos...

Vasco — Affligia-me o teu sofrimento...

Maria (*como acima*) — Calculo...

Vasco — Maria, tu não acreditas, mas eu juro-te...

Maria (*bruscamente*) — É quem te diz que eu sofria assim tanto, quem te diz que eu não estava farta tambem?!

Vasco — Vales mais do que eu.

Maria (*desprezadora*) — Para isso não é preciso muito...

Vasco (*humilde*) — Eu sei que não te merecia.

Maria (*como acima*) — Tudo me desagradava em ti. Nunca ouvi da tua bocca a palavra que queria ouvir...

Vasco — Éras em tudo como eu desejava que fosses...

Maria — Por'isso me guardáste...

Vasco — A felicidade não se guarda. Quando não é ella que nos foge, somos nós que lhe fugimos.

Maria — Fallas como um oraculo!

Vasco — Fallo-te com o meu coração.

Maria — Tu não tens coração.

Vasco — E's injusta...

Maria (*com um riso nervoso*) — Eu é que sou injusta... eu é que sou quanto ha de peor!

Vasco — *Estás nervosa...*

Maria (*cada vez mais excitada*) — Enganas-te. Estou absolutamente calma, senhora de mim. E satisfeita, satisfeitissima como tu...

Vasco — Mas eu não estou satisfeito. Estou triste, immensamente triste..

Maria — Não sei porquê. Não vejo razão. Vives como queres...

Vasco — Ninguem vive como quer.

Maria — E imaginas decerto que fazes o que devés...

Vasco — Ninguem faz o que quer, ninguem faz o que deve. Cada um vive apenas como pode. Sômos miseros joguetes nas mãos do destino...

Maria — O destino, a fatalidade!... Palavras elasticas e tão commodas! Explicam todos os disparates, cobrem todas as falsidades, todas as covardias...

Vasco — Nunca te menti.

Maria — Sim, mentiste-me.

Vasco — Quando?

Maria — Quando me disséste que gostavas de mim... Ah! de resto, mentimos ambos... Ouve bem! Não vaes para ahi imaginar que eu morri, que eu morro d'amôres por ti! (*excitadissima*) Ouve bem... Foi um capricho, só um capricho... Porque te vestias em Londres, porque eras... ou te fingias, menos banal de que os outros... porque valsavas...

Vasco — Eu gostei de ti porque logo te advinhei

diferente e melhor do que as outras mulheres. Puz-te á parte de todas. Dei-te, na minha alma, um lugar que ninguem mais terá. . .

Maria — A tua alma. . . quer dizer. . . isso que tu chamas alma, é uma especie de hospedaria ordinaria onde eu passei por engano. . . Porque foi só por engano. Vi-te mal. Sou muito myope. Tomei-te não sei por quem.

Vasco (*com infinita paciencia*) — Maria, eu tenho tanta pena de ti!

Maria (*desabrida*) — Não preciso da tua pena.

Vasco — O que tu hasde soffrer para me fallar assim! . . .

Maria — Já te disse que não soffro. E acho inutil esta discussão. Nós estamos d'accordo, afinal. . . Tu detestas-me, eu detesto te. . .

Vasco — Não te delesto, Maria. Sou muito teu amigo. . . E não acredito que me odeies. . .

Maria — Porque sabes que nem odio mereces. . . Sim, és-me indifferente. D'aqui a pouco não te conheço. . . Esquaço-me que existes. . .

Vasco — Eu nunca poderei esquecer-te.

Maria — Grande favôr o teu! Mas, não percamos mais tempo. . . Vamos ao que importa. . . Trouxeste as minhas cartas?

Vasco (*entregando-lhe um pequeno embrulho lacrado*) — Aqui as tens. Custa-me separar-me d'ellas. . .

Maria (*amarga*) — Faço ideia!

Vasco — Ninguém me escreveu, ninguém me escreverá como tu me escrevias...

Maria — E' certo que te escrevi muito... Oh! por puro dilletantismo! Ha mulheres que gostam de bordar, de tocar piano, de pintar... Eu gosto de escrever, de reunir phrases bonitas, que me soem bem... Uma palavra é doce, harmoniosa... que me importa a sua significação? Sirvo-me d'ella como d'um enfeite, como ponho uma renda n'um vestido... Bem vêes... Até n'isso somos da mesma força... Teem igual valor os papelinhos que trocámos... (*n'outro tom*) Quanto ás tuas cartas...

Vasco — Não f'as peço. São tuas. Faze d'ellas o que te approuver.

Maria — Leva-as. Não quero conservar nada teu.

Vasco (*ternamente*) — Eu queria conservar a tua amizade...

Maria (*n'uma grande revolta*) — Para a crucificares, como crucificaste o meu amor?

Vasco — O amor passou... Não foi minha a culpa. O amor vem e vae sem nos explicar porquê. Ninguém sabe porque ama, ninguém sabe porque deixa de amar. Mas a amizade que eu te dei, a amizade que tu me deste... Ah! se pudéssemos salvar-a!

Maria (*sarcastica*) — A amizade é um sentimento muito grande, muito nobre, muito puro... Não foi feita para ti. Contenta-te com as tuas aventuras. Essas sim, estão a calhar...

Vasco (*como se não ouvisse*) — Eras aquella a

quem tudo se confia porque tudo comprehende... Eras a rara, quasi inverosimil, quasi impossivel companhia...

Maria — Senti-me sempre só ao pé de ti.

Vasco — Porque t'as contava, pareciam-me maiores, as minhas alegrias, porque as partilhavas, ficavam logo mais leves as minhas tristezas... Todas as minhas dôres, mais do que a mim te doiam... De mim tudo te interessava...

Maria — Enganas-te. Achava-te, ás vezes... muitas vezes mesmo, tremendamente maçador.

Vasco (*com força*) — Não é verdade. Por mais que te dissesse, pedias-me que te dissesse muito mais ainda... Tinhas uma immensa, anciosa curiosidade da minha vida, da minha alma...

Maria — Curiosidade de bem pouca coisa, então...

Vasco — O pouca coisa que nós sômos torna-se um infinito para aquelles que nos amam... (*com uma grande ternura*) Maria, não me deixes... Continua a ser a minha unica amiga, a minha confidente. Tenho tanto que contar-te ainda, tanto que pedir-te!...

Maria — Eu nada quero ouvir e nada tenho para dar-te.

Vasco — Sem os teus conselhos nunca mais poderei trabalhar...

Maria — Que me importa o teu trabalho!

Vasco — Desejava confiar-te um plano...

Maria — Não me interessam os teus planos.

Vasco — Se me faltar o apoio da tua intelligencia eu nada mais farei...

Maria — Farás sempre tolices.

Vasco — E quando eu sofrer?...

Maria — Julgas porventura que me preocupa o teu sofrimento?!...

Vasco (*depois d'uma curta hesitação*) — Se tu soubesses, Maria...

Maria — Eu já sei de mais.

Vasco (*a voz perturba-se-lhe e dir-se-hia que nos seus olhos ha um brilho humido de lagrimas*) — O que aqui me trouxe hoje não foi o que imaginas... Não vim entregar as tuas cartas. Vim porque preciso de ti... da tua ternura, da tua piedade... Fizeram-me mal, Maria. Torturaram-me. Maria, eu soffro, eu enlouqueço...

Maria (*irresistivelmente*) — O que é que te fizeram? O que é que tu tens, meu amor?...

Funchai, Março de 1921.

O CONVITE



O convite

Tarde de Maio, tarde luminosa. Em jarras altas, galhos de pecegueiro em flôr, dão um gentil ar japonéz á bonita sala do século XVIII. Um raio de sol veste d'ouro as adeigaçadas figurinhas de Saxe, que, na *vitrine*, ensaiam uma mesura. . . E os retratos das avós empoadas sorriem n'um renovar de juventude. A Marqueza de Fiôr da Rosa, com o seu vestido deliciosamente antiquado, velhas rendas, envolvendo-lhe o pescoço fino, cobrindo-lhe quasi as finas mãos, parece, mais do que nunca, um delicado pastel de Latour. Sentada no seu canto habitual, junto ao fogão, onde frescas, viçosas plantas vieram substituir o alegre lume do inverno, conversa com Pedro.

Marqueza (*sorrindo*) — Parece-me que acabo por succumbir á tentação. . .

Pedro (*sorrindo tambem*) — Eu acho que por ahí é que devia ter começado. As tentações não se inventaram para outra coisa. . .

Marqueza — Ha uma semana que resisto corajosamente. . .

Pedro — Uma semana de resistencia?!... Mas isso é heroico, tia Maria Francisca! Se eu fosse o Antonio José, dava-lhe a Torre Espada...

Marqueza — E' que realmente doze contos n'estas alturas...

Pedro — Os doze contos d'agora valem muito menos de que os nossos antigos doze vintens...

Marqueza — Confesso a minha fraqueza... Estou: peor de que uma creança quando deseja um brinquedo... Acordo e adormeço a pensar n'aquella linda tapeçaria, sonho com aquella suave paisagem de côres desvanecidas... outono que foi talvez uma primavera...

Pedro — Porque as folhas mortas que juncam o chão tem tons delicados de petalas...

Marqueza — E não sabe a gente se novembro desfolhou as arvores...

Pedro — Ou se a aragem de abril desfolhou as flôres...

Marqueza — E' um bosque de fadas...

Pedro (*sorrindo*) — Talvez o bosque onde Mélusine dansava, sobre perolas, ao luar...

Marqueza — Ficava tão bem n'esta sala!

Pedro — Se ficava!

Marqueza — E era mais um prazer para os meus velhos olhos...

Pedro — *Thing of beauty, joy for ever!*

Marqueza (*com uma sombra de melancholia*) — *For ever?*

Pedro — Pois não concorda com o poeta?

Marqueza — Sim... O poeta tem razão. Quando os meus olhos se fecharem, outros olhos encantados verão ainda... E eterna será a alegria que dá a beleza.

(Batem de leve á porta. Joaquim, o criado antigo, anuncia os Srs. Viscondes de Linda-a-Pastora.)

Marqueza (*n'um pasmo*) — Linda-a-Pastora?!

(E os seus olhos interrogam curiosamente Pedro; mas Pedro não tem tempo de responder. Os Viscondes entram. A Viscondessa é uma vulgar, banalissima serigaita, com cara de boneca, irreprezivelmente vestida na odiosa ultima moda. Tudo quanto traz veio de Paris... Perolas assignada *Cartier*. Chapéo assignado *Georgette*. Sapatos assignados *Elstern*. Luvas assignadas *Alexandrine*. Vestido assignado *Madeleine*. *Madeleine* — E não entro na roupa branca, porque então nunca mais acabava. .

O visconde, tão insignificante, vulgar e banal como a mulher. E, como ella, no rigor da moda. A unica differença é que as suas botas, calças, gravatas, luvas e chapéo vieram das mais afamadas casas de Londres.)

Viscondessa — Nós estavamos em divida com a Sr.^a Marqueza...

Marqueza (*cada vez mais espantada*) — Ora essa, minha senhora...

Visconde — Ha muito desejavamos ter o prazer de visital-a, mas esta vida de sociedade, immenso *encombrante*, não nos deixa um momento livre. E' um *bridg*e aqui, uma *soirée* acolá, os chás no corpo diplomatico, as festas de caridade, os *sports*...

Marqueza (*irresistivelmente*) — Forte estafa! Devem andar esfalfados!

Visconde — Absolutamente nada. E' uma questão de habito... Estamos treinados...

Viscondessa — Eu guardei uma deliciosa recordação d'aquelle dia em que conversámos tanto... E espero que a sr.^a Marqueza não esquecesse tambem...

Marqueza (*atrapalhada*) — Oh! minha senhora eu infelizmente, tenho uma cabeça d'avelã...

Viscondessa — O anno passado no dentista...

Marqueza — No dentista?!

Viscondessa — Sim, no Clarimundo... V. Ex.^a estava com uma dôr de dentes immenso maçadora...

Marqueza — E' verdade... Agora me lembro... Uma creaturinha (*atalha vivamente*) uma senhora que queria, á força metter-se comigo... ou, por outra... muito amavel, que me receitou aspirina e cosimento de papoulas...

Viscondessa — Exactamente.

Marqueza — E eu com um humor de cão tratei-a tão mal!...

Visconde — Ao contrario, a Cesaltina ficou captivada com a fidalga gentileza...

Viscondessa — No dia seguinte fui pedir noticias, mas disseram-me que a sr. Marqueza tinha partido para o campo...

Visconde (*galante*) — Onde se eternizou... por nosso mal...

Marqueza — Demoro-me sempre até o fim de Novembro, para ver florir os meus crysanthemos...

Visconde — O cysanthemo é immenso elegante. Mas eu ainda acho mais *chic* a orchidea... É V. Ex.^a?

Marqueza (*sorrindo*) — Meu Deus! A respeito de *chic*, nas flôres como no resto, eu não percebo nada...

(Ha um pequeno silencio. Os Viscondes, ella de *lorgnon* em punho, elle de monoculo, não cessam de esquadriñar todos os cantos da sala).

Visconde — V. Ex.^a tem tudo isto immenso bem arranjado...

Viscondessa — Eu já sabia pela Thérèza... (*o rosto illumina-se-lhe quando pronuncia este nome assim em ar de tu cá, tu lá...*)

Visconde (*interrompendo-a vivamente*) — A Cesaltina é amiga da Thereza. Conheceram-se no collegio. E eu tambem dou o cavaquinho por ella... Acho-a immenso *sympathica*!

Marqueza (*muito chôcha*) — Immenso...

Visconde — E com uma d'estas piadas! Não é verdade, sr. Pedro da Cunha?

Pedro (*muito chôcho tambem*) — Com um piadão...

Visconde — Mas como a Cesaltina ia dizendo, nós já sabiamos que esta sala era um encanto!

Viscondessa — Tem um ar immenso antigo...

Visconde — E immenso fino... Vê-se que sempre viveu aqui gente conhecida... Estes retratos são pessoas da familia de V. Ex.^a?

Marqueza — Sim... alguns...

Visconde (*apontando para uma magnífica copia do retrato de Madame de Pompadour, por Nattier*) — Uma sua avó, decerto...

Marqueza — Essa, não. Era uma senhora franceza.

Viscondé — Uma senhora... muito bem, d'alta linhagem...

Marqueza (*sorrindo*) — Uma burguezinha bonita que... conseguiu divertir Luiz XV, recebendo, em troca do gentil serviço, o Marquezado de Pompadour e a bagatella de quarenta milhões...

Visconde (*grave*) — N'esse tempo faziam-se largamente as coisas...

Viscondessa (*muito desdenhosa*) — Havia de ser agora em Portugal...

Pedro (*rindo*) — Nós sabemos lá o que aconteceria se alguma das nossas burguezinhas bonitas metesse em folias o sr. dr. Bernardino!... (*A Marqueza solta uma alegre gargalhada*).

Visconde — Não tenham V. Ex.^{as} illusões. Isto é tudo uma chinfrineira!

Viscondessa (*suspirando*) — Ai! Anda a gente tão mal, tão deslocada!

Visconde — Nós nunca mais estivemos *dans notre assiette*... desde que se estabeleceu a republica.

Viscondessa — O Cesar até pensou em sahir de Lisboa...

Visconde — Se não fosse a gente conhecida que aqui nos prende...

(Citam ambos, com a maior volubilidade, condes, marquezes e o unico duque que possuímos... Elles é que não os deixam ir embora... A Marqueza começou por ouvir em attitude de martyr resignada. Mas pouco a pouco, a sua imaginação vae para longe, para a tapeçaria tão linda e tão cubiçada. Está no bosque de côres amortecidas... Vê dansar Mélusine sobre perolas...)

Viscondessa — O ranchinho a que estamos habituados...

Visconde — Com quem fazemos panellinha á parte... V. Ex.^a não acha?

(A Marqueza não responde... Continua no bosque...)

Pedro (*que começa a divertir-se*) — Então, tia Maria Francisca, o Visconde pergunta-lhe se não acha?

Marqueza (*muito atrapalhada*) — Acho... Pois não havia d'achar?

Viscondessa (*em tom mysterioso*) — E a sr.^a Marqueza tem algumas esperanças?

Marqueza — Esperanças... em quê?

Viscondessa — Na restauração do throno.

Marqueza — Eu não estou ao facto...

Visconde — Pois eu sei de parte segura, que se prepara para breve nova tentativa...

Pedro — Historias!

Visconde (*formalisado*) — Perdão, sr. Pedro da Cunha. Estou bem informado. O meu amigo Conde da Certã, seu parente... julgo...

Pedro — Muito afastado...

Visconde — Assegura-me que a coisa é certa.
E ha força, ha união...

Pedro — Sobretudo união...

Viscondessa — Oh! sr.^a Marqueza, V. Ex.^a é pelo sr. D. Manuel ou pelo sr. D. Duarte?

Marqueza — Eu occupo-me tão pouco de politica, minha senhora...

Pedro — A tia Maria Francisca vive indifferente ao Estado e ao Governo dos homens, tal e qual como o Jacinto do Eça, que V. Ex.^{as} conhecem...

Viscondessa — O Jacinto?... Não tenho ideia...

Pedro — O Principe da Gran...

Visconde (*atalhando apressadamente*) — O Principe?! Oh! filha, não conheces tu outra coisa!

Viscondessa — Em todo o caso a sr.^a Marqueza deve sentir-se um peixe fóra d'agua n'este abjecto regimen...

Marqueza (*condescendente*) — Pois sim, sinto-me um peixe...

Visconde — Eu, apesar das velhas *attaches*, que ligam a minha familia ao sr. D. Manuel, inclino-me um pouco para o sr. D. Duarte. O integralismo é um partido immenso *chic*. Tem novidade. Sahe do *ram ram*... V. Ex.^a não acha, sr.^a Marqueza?

Marqueza — Realmente como diversão ao *ram ram*... (*outra vez ha um silencio. O Visconde olha para a Viscondessa, a Viscondessa olha para o Visconde. Ambos tosem...*)

Viscondessa (*ligeiramente embaraçada*) — Nós

soubemos que a sr.^a Marqueza dá um baile... para festejar o debute da sua neta...

Marqueza (*sorrindo*)— Uma grande estopada!... Mas não ha remedio... A pequena quer dansar...

Viscondessa — Ai! deve ser amoroso!... A casa presta-se tanto!

Visconde — E, como decerto tem *cotillon*, a Cesaltina desejava offerecer-lhe uma marca...

Marqueza — Grande amabilidade a da sr.^a Viscondessa, mas...

Pedro (*seccamente*)— O baile não é de subscrição...

Visconde — Nós sabemos... (*muito d'alto*) Se fosse não corriamos a foguetes...

Viscondessa — Esperamos que a sr.^a Marqueza aceite. Eu heide arranjar coisa immenso de novidade...

Visconde — A Cesaltina anda a par de tudo o que se faz lá fóra... Ouando foi da festa *persane* em casa do Conde de Montesquiou...

Pedro — Onde V. Ex.^{as} estiveram...

Visconde — Não estivemos, mas vimos no *Femina*, tão bem como se lá tivéssemos ido.

Viscondessa — E não só para o *cotillon*... Para tudo o mais em que eu possa ajudá-la...

Visconde (*fallam ambos quasi ao mesmo tempo*) — Hade permittir-me que lhe mande um cesto das minhas camelias de Cintra... As camelias fazem... muito bem, á noite, com a luz electrica...

Viscondessa — E ramos de mimosa, Cesar, não hade esquecer a mimosa...

Pedro (*á Marqueza, que continua distrahidis-*

sima) — Oh! tia Maria Francisca, estes senhores estão aqui a desfazer-se em amabilidades...

Marqueza (*cahindo das nuvens*) — Eu agradeço muito, muito reconhecida...

(Novo silencio cahe sobre a sala. Os Viscondes trocam olhares inquietos, anciosos... como quem espera uma coisa que nunca vem... E resolvem, enfim, despedir-se...)

Viscondessa — Nós recebemos ás sextas feiras, muito sem cerimonia... Só gente conhecida. Gostaremos muito de vel-a...

Marqueza — Eu saio tão pouco!

Viscondessa — Tenha paciencia, sr.^a Marqueza, não a dispensamos. Verá que se passa bem. Ha boa palestra...

Visconde — Está-se muito á vontade...

Viscondessa — Até breve, sim? (*a Pedro*) E contamos comsigo...

Pedro — Obrigado. Se eu puder...

(Os Viscondes partem)

Marqueza (*que soltou um profundo suspiro de allivio*) — Oh! Pedrinho, explica-me: quem são estes... *immenso* tolos?

Pedro — Não se sabe ao certo... Apareceram um dia ahi, com muita massa e um grande topéte. Metteram-se com toda a gente... Recebem constantemente, já vão a toda a parte... Eu mal os conheço. Fallei-lhes hoje pela primeira vez.

Marqueza (*rindo*) — Mas a que cargas d'agua foi esta visita? O que querem elles de mim?!

Pedro — Pois a tia Maria Francisca não percebeu?... E' verdade que não ouviu nem metade do que elles disseram...

Marqueza — Confesso, que estou hoje n'um dos meus dias d'abstracção... Conta-me...

Pedro — A tia Maria Francisca é uma pessoa... immenso *chic*, que dá um baile... *muito bem*... Ora, os Viscondes de Linda-a-Pastora vieram ver, se, duma maneira ou d'outra, pescavam um convite... E sahiram tão murchos, tão corridos!

Marqueza (*sincera*) — Coitados! Se eu soubesse...

Pedro — Nem sequer lhes acenou com uma esperanza! A estas horas, Cesar e Cesaltina soffrem transes mortaes...

Marqueza (*depois d'uma curta hesitação*) — Pois acabou-se... Manda-se-lhes o convite. Se tão pouca coisa pode fazer a felicidade d'alguem... Depois, mais um, menos um, que importa?... A mixórdia é já tão grande!

Pedro (*rindo*) — E amanhã cá estão elles a agradecer...

Marqueza (*horrorisada*) — D'essa me livrarei eu... (*toca a campainha, Joaquim apparece*) Sempre que vierem os srs. Viscondes de Linda-a-Pastora diga, que... que tenho muita pena, mas não estou em casa.

PORQUE JAYME RESOLVEU CASAR...

Porque Jayme resolveu casar...

Quadros, *bibelots*, almofadas de velhos damascos e de sedas *Liberty*, a classica palmeira enfeitada com um laço... Tudo enfim, o que constitue uma sala, dita elegante.

Cecilia — Trinta e nove annos. Começa a engordar. O cabello embranquece-lhe já, mas a pelle conserva-se fresca e os olhos cõr de pervinca, guardam uma extraordinaria mocidade. Bem vestida, bem cuidada. Muito potavel ainda, como se diz á porta do Marques.

Jayme — Quarenta e dois annos. Magro. Um pouco curvado. Pallido. Quasi calvo. Ar esfalfado de quem se divertiu de mais.

Jayme (*sorrindo*) — O que uma mulher quer...

Cecilia (*sorrindo tambem*) — O diabo quer...

Mas uf! Custou! E hasde concordar que fui constante...

Jayme — Não ha duvida.

Cecilia — Vinte annos a esperar por ti!

Jayme — Vinte já?! E' possível?!

Cecilia — O tempo vôa. Encontrámo-nos em 1900...

Jayme — Parece-me que foi hontem que te vi pela primeira vez na *Promenade des Anglais*. Nice resplandecia...

Cecilia — Eu reparei logo em certo rapaz que não tirava os olhos de mim...

Jayme — Tinhas a frescura d'uma flôrsinha em botão. Appetecia colher-te...

Cecilia — Lembro-me que trazias na botoeira um ramo de *bluets*...

Jayme — Lembro-me que o chapéo de sol vermelho, com que te abrigavas, punha reflexos côr de rosa no teu vestido branco...

Cecilia — Fazia um vento insupportavel...

Jayme — Deliciosamente indiscreto, tambem... Não estavam então em moda as saias curtas. Foi preciso que uma lufada erguesse de leve o teu vestido, para que eu ficasse sabendo, que tinhas, alem d'um lindo pé, o mais aristocratico tornozello...

Cecilia — Por causa do teu ar muito *stiff*, tomei-te por um inglez...

Jayme — Por causa dos teus olhos azues, sombreados de longas pestanas negras, julguei-te irlandeza...

Cecilia — O meu pasmo quando ouvi o teu nome!

Jayme — A minha surpresa quando me disseram: E' lisboeta...

Cecilia — Dois dias depois valsávamos juntos...

Jayme — E eu roubava-te o lenço perfumado de verbena...

Cecilia — O lenço e mais alguma coisa...

Jayme (*sorrindo*) — Não me recordo...

Cecilia (*sorrindo*) — Então o coração não conta?

Jayme — No fim de dois meses estávamos noivos...

Cecilia — Foi conto n'um conto de fadas. O *Prince Charmant* encontrou...

Jayme — A linda princeza...

Cecilia — Que logo perdeu o juízo por elle...

Jayme — A primeira noite de luar, em que ficámos sós na varanda, da tua *villa*...

Cecilia — *Villa* des Eglantines... Era tão bonito o nome!

Jayme — Dei-te um beijo...

Cecilia — Só um?!...

Jayme — Muitos... Sem conta, pezo nem medida... Mas refiro-me ao primeiro, nos teus olhos...

Cecilia — Eu protestei: E' muito mal feito!

Jayme — Eu prometti: Nunca mais torno...

Cecilia — Depois, eu balbuciei: Já agora, que começámos...

Jayme — Eu aconselhei: O melhor é continuar...

Cecilia — E se bem o disseste...

Jayme — Melhor o fiz. Ah! ditoso tempo!

Cecilia — Tão curto!... Um dia achei-te distraído...

Jayme — Não falles n'isso agora...

Cecilia — Depois começáste a arranjar desculpas para não apparecer...

Jayme — De que serve lembrar?

Cecilia — E recebi finalmente aquellas duas linhas que me iam matando... — Esquece-me. Não te mereço. — Ah! Jayme, o que eu soffri!

Jayme — Coitadinha!

Cecilia — Por causa da tal *écuyère*...

Jayme — Deixa lá. Eu já nem sei que ella existiu...

Cecilia — Mas, sei eu. Estavas doido por essa creatura!

Jayme — Foi uma cabeçada...

Cecilia — Eu conheci-a?

Jayme — Viste-a, decerto, no Circo...

Cecilia — Era uma alta, magra, que tinha uma amazona vermelha?

Jayme — Não. Era uma baixa, gordalhuda, que usava uma penna de pato no chapéo...

Cecilia — Pois tu deixáste-me por causa d'uma mulher gordalhuda, de penna de pato?...

Jayme — Coisas que dão nos miolos da gente.

Cecilia — E partiram juntos, já se sabe...

Jayme — Fômos para a Italia...

Cecilia — Durou muito tempo o idyllio?

Jayme — Quasi nada...

Cecilia — Porquê?

Jayme — Embeicei-me por outra...

Cecilia — Do Circo tambem?

Jayme — Tambem. Era então a minha mania.

Cecilia — *Écuyère*?

Jayme — Pouco mais ou menos... Essa furava arcos, montada n'um cavallo branco...

Cecilia — Fugiste com ella?

Jayme — Safám'o-nos para a Suissa... por causa do *clown*...

Cecilia — Que era teu rival...?

Jayme — Meu antecessor.

Cecilia — Ah! .. E depois?

Jayme — Ora, minha filha, depois... as mulheres são como as cerejas, o mau é começar...

Cecilia — Entretanto eu chorava... escrevia-te...

Jayme (*irresistivelmente*) — Ah! lá isso, parecia que finhas corda!...

Cecilia — Achavas de mais?!

Jayme (*embaraçado*) — Ao contrario... davas-me até muito prazer.

Cecilia — O que dizias tu de cada vez que recebias uma carta minha?

Jayme — Dizia: Ahi está mais uma!

Cecilia — E não admiravas a minha constancia, a minha persistencia?!

Jayme (*sem o minimo entusiasmo*) — Pois então não admirava?

Cecilia — E quando eu promettia que ia ter contigo?

Jayme (*arrebataadamente*) — Punha-me logo a caminho para outro sitio ..

Cecilia (*triste*) — Assim me tinhas horror?!

Jayme — Horror nenhum... Mas como nunca, andava só, receiava qualquer desaguisado...

Cecilia — Vi-te uma vez, em Paris...

Jayme — E' verdade. Ha dez annos...

Cecilia — No *Boulevard da Madeleine*, defronte da florista. Os nossos olhos cruzaram-se. Julguei que o coração me saltava do peito... E não tiveste uma palavra, um gesto...

Jayme — Ora essa! Eu tirei o chapeo...

Cecilia — Tambem não faltava mais nada senão seres grosseiro... Mas nem sequer paraste!

Jayme — E' que eu ia com pressa...

Cecilia — O que sentiste?

Jayme — Um baque cá por dentro...

Cecilia — Como me achaste?

Jayme — Muito bem. O melhor possível.

Cecilia — Mas eu empalideci...

Jayme — Não dei por isso.

Cecilia — De quem gostavas tu n'esse tempo?

Jayme (*pensativo*) — Em 1910?... Se queres que te diga, não me lembro... Ou era da *Josette* do *Palais Royal* ou da *Paulette* do *Bataclan*...

Cecilia — Ou d'ambas, talvez...

Jayme — Tambem pode ser...

Cecilia — E eu n'aquella tortura!

Jayme — Acredita, filha... Lá de vez em quando assallava-me o remorso...

Cecilia — Com razão.

Jayme — O que fazias tu esse anno em Paris?

Cecilia — O que fiz toda a minha vida... Corria atraz de ti... na ancia de rehaver o teu amor...

Jayme — Era muito amavel da tua parte...

Cecilia — Consultava todas as *voyantes* celebres...

Jayme — Para quê?

Cecilia — Para saber... coisas de ti.

Jayme — E o que te anunciavam essas senhoras?

Cecilia — Que tu não valias...

Jayme (*atalhando, com um sorriso*) — Dois caracoés.

Cecilia — E que eu perdia o meu tempo...

Jayme — Isso não precisavas tu que ellas te dissessem...

Cecilia — Ainda o confessas!

Jayme — Aguas passadas...

Cecilia — Em 1911 foste para o Brazil...

Jayme (*irreflectidamente*) — Atraz d'uma domadora d'ursos...

Cecilia (*amarga*) — Nem a ursos me poupaste!

Jayme (*philosopho*) — Com ursos... ou sem ursos, o resultado era o mesmo.

Cecilia — Certas aventuras diminuem, ridicularizam...

Jayme — Tudo se perdoa quando se ama.

Cecilia — Mezes depois, adoecias gravemente...

Jayme — Por pouco não ia d'esta para a melhor...

Cecilia — Quando me deram a noticia fiquei como doida... Arranjei não sei que pretexto, parti no primeiro vapôr...

Jayme — Já eu estava na convalescença...

Cecilia — E não quizeste ver-me!

Jayme — Podia fazer-me impressão ..

Cecilia — Não foi por isso. Foi por causa da tal mulher dos ursos...

Jayme (*sincero*) — Onde ella ia já, Nelly, a domadora! Mal cheguei ao Brazil, perdi a cabeça por uma mulata linda...

Cecilia (*horrorisada*) — Até mulatas!

Jayme — Já se vê que as fiz de todas as côres, como dizem os francezes...

Cecilia — Não posso pensar que beijaste uma preta!

Jayme (*conciliador*) — Um beijo só, nas tuas mãosinhas brancas, purifica-me de tudo...

Cecilia — Eu sei lá se tu vaes fazer como da outra vez!... Posso lá ter confiança em ti!

Jayme — As circumstancias são tão differentes...

Cecilia — Em qué?

Jayme — Ha vinte annos finha o sangue na guelra...

Cecilia (*ingenuamente*) — E agora onde o tens?

Jayme (*com um suspiro*) — Agora estou arrasado!

Cecilia — Valha-nos' isso! Mas, como foi que te lembraste, enfim, da minha humilde pessoa, porque te resolveste a responder ás minhas cartas?

Jayme — Teimaste tanto! Agua molle em pedra dura...

Cecilia — Tanto dá até que fura. Mas houve de certo, mais alguma razão...

Jayme — Sentia-me cansado, farto de tantas viagens, tantas aventuras, tantos temporaes, com um

desejo, uma necessidade de arribar! E quem podia ser o porto d'abrigo, que acolhesse o pobre navio des-arvorado... senão Cecilia, a minha fiel Cecilia?...
Escrevi-te: — *On revient toujours à ses premières amours...*

Cecilia — Eu respondi: Volta, volta, quanto antes, a correr, por grande velocidade...

Jayme — Tomei o Rapido...

Cecilia — E aqui estás...

Jayme (*como um echo*) — E aqui estou.

Cecilia — Encontras-me muito mudada, certamente... Já não te pareço a flôrsinha em botão...

Jayme (*galante*) — A flôr desabrochou...

Cecilia — Não tarda que se fane...

Jayme — Isso ainda vem longe!

Cecilia — O soffrimento gasta...

Jayme — As mulheres tem sete folegos como os gatos.

Cecilia — Conheceste-me na primavera...

Jayme — Faltava-te ainda qualquer coisa... O outono é que amadurece a fructa...

Cecilia — Estava na minha radiosa manhã...

Jayme — Tem mais encanto o crepusculo.

Cecilia (*com um sorriso triste*) — Mas já vae no fim. Resta apenas um fiosinho de claridade. Não tarda a noite.

Jayme — Ha noites estrelladas... Pois o meu sol, Cecilia, tambem está no seu ocaso. Isto já deu o que tinha a dar! Ah! muito bem vae saber-me o descanso, n'um cantinho muito confortavel, muito apapricado...

Porque tu hasde apaparicar-me... Estou mesmo a ler-te nos olhos...

Cecilia — Heide adorar-te!

Jayme — Eu gosto de tudo a horas... Methodo, regularidade ..

Cecilia — Heide servir-te como a tua escrava. Que doçura, para uma mulher, tem esta palavra: *servir!* Lembras-te do que diz Annunzio, no *Fogo?*

Jayme (*impaciente*) — Oh! minha filha, pelo amor de Deus, deixa lá Annunzio e todos os romances em paz.

Cecilia — A nossa vida é um romance...

Jayme — Foi... foi... Agora, felizmente, acabou-se.

Cecilia (*muito terna*) — Não acabou tal. Ence-támos o capitulo mais doce: Encontrei, enfim, o meu amor, que andava perdido...

Jayme (*entre dentes*) — Contanto que o capitulo não tenha muitas peripecias...

Cecilia — Hade chamar-se: Quando Jayme ficcu pertencendo exclusivamente a Cecilia...

Jayme — A esse respeito não resta a menor du-vida. Podes estar socegada.

Cecilia (*inquieta*) — Nunca hasde ter saudades?

Jayme — De quem?

Cecilia — De todo esse mulhero...

Jayme (*sincero*) — Nunca.

Cecilia — Estás bem certo?

Jayme — Certissimo. Ouve lá: tu nunca tivéste uma indigestão?

Cecília (*admirada*) — Tive... de coelho á caçadora... mas, a que proposito?

Jayme — E agora quando te embrasdo coelho?..

Cecília — Sinto uma repugnancia... Revolta-se-me o estomago...

Jayme — Pois ahí tens o que me acontece quando penso em mulheres...

Cecília (*radiante*) — Queres só, só o meu amor?

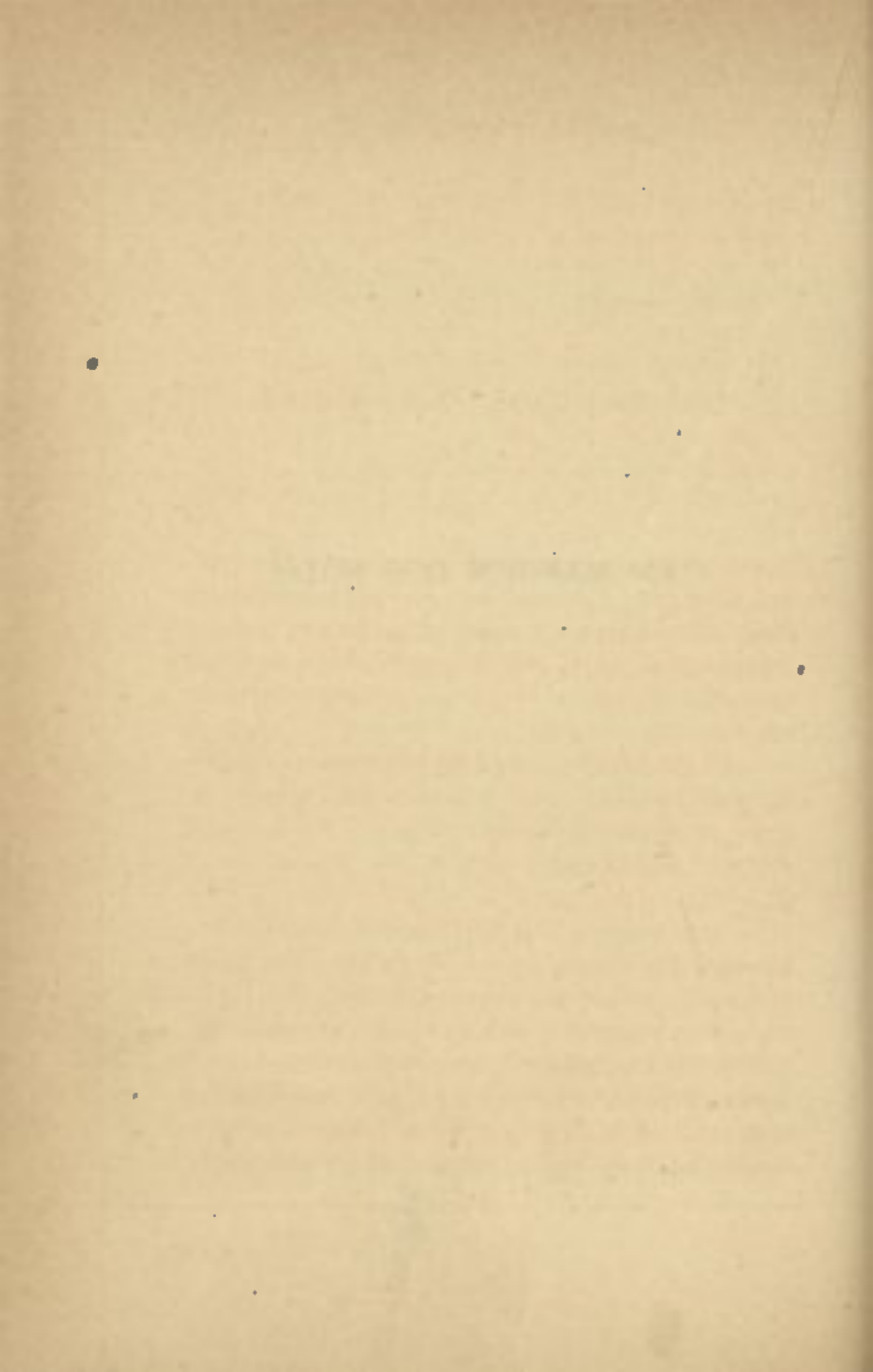
Jayme — O teu amor... e sobretudo que te preocupes com o meu bem estar, para que nada me falte..

Cecília — A minha ternura velará de noite, de dia, a cada hora, a cada instante...

Jayme — E quando eu estiver doente?... E's boa enfermeira, espero...

Lisboa, Agosto de 1920

EM MARGEM DOS MAIAS



Em margem dos Maias

Vae longe o tempo em que o conde de Gouvarinho assombrou o parlamento com o seu discurso celebre sobre a cruz e o trapezio. Toda uma geração desapareceu, outra geração surgiu. Mais de trinta vezes morreram e se renovaram as folhas das arvores.

— O Gouvarinho deve ser velhissimo! — dizem os socios do Turf, mas ninguem lhe conhece, ao certo, a idade. E o caso é que... *il marche encore*, na accepção virtuosa da palavra, já se vê...

Atravez todas as luctas, vicissitudes, desillusões e chinfrins dos ultimos annos, calumniado pelos correlligionarios, perseguido pelos adversarios, desacatado no seu interior pela sr.^a condessa, que ainda não perdeu aquelle habito desagradavel de mandal-o á Tabua, Gouvarinho conservou-se, quasi como o conhecemos, na saleta verde e oiro de S. Marçal, entre os seus retratos de familia. Usa a mesma vistosa luneta.

Traz ainda bem erguida a frente inspirada d'orador. A sua palavra, sempre fluente e facil, continua a distillar doutrina.

Encontrava-se em Gouvarinho, gosando umas férias apraziveis, apoz laboriosos mezes de trabalho e estudo, quando rebentou a revolução de cinco d'outubro.

E, no seu velho solar, sob os nobres platanos, a que o outono dava aquelle ruivo ardente, que tinham d'antes os cabellos da Sr.^a Condessa, o Conde exprimiu esta opinião profunda: — Desmastreou-se a nau do Estado! — E este grave vaticinio: — Não tardam as luctas intestinas!

Meu dito, meu feito! Isto é: a nau do Estado já ha muito andava desmastreada, mas quanto a luctas, todos sabem que, depois de implantado o regimen do amor e fraternidade, ninguem mais teve um momento de socego n'esta terra.

Gouvarinho portou-se sempre á altura. Acompanhou moralmente todos os movimentos monarchicos, abstendo-se todavia, de qualquer concurso activo, porque, actos bellicos e violentos jamais entraram no seu temperamento ou nas suas ideias. — Gladiador só de palavras! — Essas e o seu coração mantiveram-se, sem o menor desfallecimento, ao serviço da Causa. Não lhe faltaram contudo ingratições e dissabores. No proprio dia em que uma folha monarchica de grande nomeada, lhe atirava a ferroadasinha, accusando-o de entendimentos e transigencias com os vermelhos, o Conde de Gouvarinho, antigo ministro,

ex-sustentaculo da ordem era preso á porta da Havana, como conspirador e arruaceiro!

Em 1915, n'aquella tarde funesta, em que o mais illustre dos nossos estadistas entrou n'um electrico pela porta e sahiu pela janella, quiz a sua má sorte que o conde se encontrasse no local do sinistro e agarrado brutalmente pela gola do casaco, foi conduzido ao Governo civil, entre apupos e ameaças da população, como portador de bombas!

Tudo elle soffreu com o animo dos fortes e a paciencia dos justos, mas quando, em uma noite de pranchadas no Rocio, um policia lhe deu ordem de prisão, chamando-o jovem syndicalista, Gouvarinho começou a encavacar, pareceu-lhe que a medida estava mais do que cheia e propoz á Sr.^a Condessa, irem fixar a sua residencia «n'uma d'essas capitães da civilisação, Paris ou Londres...» A Sr.^a Condessa, porém, declarou logo, que tinha aqui as suas relações, os seus habitos, o seu *bridg*e e que de S. Marçal... só para a tumba. O Conde, já se vê, resignou-se.

Ultimamente filiar-se no partido integralista por lhe parecer muito original e audacioso o seu vôo para o absolutismo. Surgiram as dissensões com o Sr. D. Manuel. A *Monarchia* foi acomettida d'aquelle fogacho que nós sabemos. . .

-- Os meus jovens e talentosos amigos exageram, excedem-se — observou gravemente o conde, que, em toda a sua vida publica, mostrara cordura e moderação.

Todavia não teria abandonado as fileiras se, quando

se tratou de devolver o titulo, a Sr.^a Condessa não batesse com o pé no chão, assegurando cathegoricamente que, de cavallo para burro, é que ella não passava.

Foi então que despontou no espirito de Gouvarinho a ideia genial de fundar o partido imperialista.

— Para restaurar uma coisa que nunca existiu... murmurou a Sr.^a Condessa, com aquelle risinho escarnicadeiro, que, todos nós e especialmente o Conde, conhecemos. Porém, o antigo ministro observou, muito d'alto, que era sempre o lamentavel erro das pessoas ignorantes, metterem-se a censurar o que não percebiam. Mais cordato, explicou:

— Exactamente por nunca ter havido imperio em Portugal é que essa formula de governo, usada com tanto exito em certos paizes da Europa e ainda não corroida, entre nós, pelo microbio da rotina, podia salvar a nação do inevitavel desastre a que a conduziam os actuaes governantes.

A Sr.^a Condessa encolheu então os hombros, declarando que lavava as suas mãos de mais essa tolice...

E o partido constituiu-se rapidamente, com aquelle successo que encontra sempre no nosso meio, como aliaz, em todos os meios intelligentes, qualquer grande disparate. Vieram adhesões de todo o paiz.

No Chiado, o Conselheiro X, herdeiro e sobrinho dilecto de saudoso Accacio, que Deus haja, correu a abraçar o Conde, assegurando-lhe que a causa Imperialista tivera sempre toda a sua sympathia e que,

punha á disposição do illustre chefe a sua modesta pessoa, o seu fraco saber, os seus parcos rendimentos.

E, por uma tarde doce d'este lindo inverno, o Conde reuniu no salão nobre de S. Marçal, para deliberarem, alguns dos vultos principaes do partido.

As provincias fizeram-se representar, o que inquietou sobremaneira a Sr.^a Condessa, que de muito mau humor e, depois de ter mandado varias vezes o conde ao sitio do costume, recommendou: — Vê, ao menos, se essas bestas limpam os pés, para não me estragarem os tapetes. E deixa as janellas abertas por causa do mau cheiro e dos microbios.

Entre outros veio o Euzebio Silveira, secco como uma castanha, que se installou na sua quinta da Lageaça, desde que um patriota exaltado he deu um mergulho no tanque do Rocio, por achar suspeito o seu annel d'armas.

O Conde abriu a sessão com um brilhante e substancioso discurso. Depois tomaram-se varias deliberações, das quaes cito apenas as que se me afiguraram mais notaveis: Escolha d'um local para edificação do palacio e cavallariças do Imperador, com todos os requesitos de hygiene e conforto moderno.

Confiar desde já a qualquer escultor de nomeada a execução do monumento que hade honrar e perpetuar a memoria das victimas da primeira tentativa de restauração.

— Instauração, observou o Conde, nós não restauramos, instauramos.

Bem assim, reservar uma verba para a compra de corôas e outros ornamentos funebres, destinados ás mesmas victimas.

— Caso o novo regimen não possa implantar-se sem effusão de sangue, como seria para desejar — observou de novo o Conde, sempre inimigo de sarrafuscas. No que diz respeito ao saneamento da moral publica, tão descurada n'estes ultimos tempos, resolveu-se regulamentar a altura das saias e o nivel dos decotes das senhoras, abaixando as primeiras e levantando os segundos; igualmente pôr um limite aos assumptos das conversações ditas elegantes.

O sobrinho dilecto d'Accacio lembrou tambem que a entrada dos *clubs* e outros estabelecimentos, onde tantos exemplos e espectaculos perniciosos estão contaminando a nossa mocidade, fosse permitida apenas ás mães de familia ou senhoras, que, pela sua idade, comportamento e reputação, se tornassem créadoras do respeito publico.

Achou ainda da mais alta conveniencia, que se completasse, com qualquer capa, roupão ou mantelete, o vestuario da estatua, chamada da Verdade, cujo manto da phantasia lhe parecia deficiente para os efeitos da decencia.

Euzebio, que se tem dedicado ultimamente ao estudo da flauta, deplorou o atrazo em que vivem as nossas provincias, com relação á musica e outras Bellas Artes, aconselhando, que, além da fundação de novas phylarmonicas, se promovessem concertos classicos em todas as cabeças de concelho.

Immediatamente um cavalheiro d'aspecto solemne e grave, aproveitando o alvitre do sr. Silveira, chamou tambem a attenção do futuro governo para a dansa, que achava devia tornar-se de ensino obrigatorio.

— Porque decerto todos V. Ex.^{as} notaram, que n'este paiz não se sabe dansar...

O Conde de Salsede — o ineffavel Damaso appareceu conde logo que a republica supprimiu os titulos— considerava d'absoluta necessidade a reforma dos tratados de Genealogia e Heraldica, que declarou d'uma lamentavel insufficiencia.

Por exemplo: a familia Salsede, descendente em linha recta do Barão D. Ordonho Gutierre, das Asturias, nem vinha mencionada no Sanches de Baena! E, decerto, como ella, muitas outras de origem illustre, mas, emfim, elle queixava-se da sua, que n'este mundo cada um sente as suas dôres...

Um discurso vehemente de Palma Cavallão, que os caprichosos baldões da sorte atiraram da extrema esquerda para a extrema direita, e, n'estes ultimos mezes, desilludido da politica, escrevia a chronica da moda, n'um jornal elegante, assignando *Frivoline*, sendo então recrutado para as fileiras do novo partido, fechou a sessão.

O Conde de Gouvarinho profundamente commovido, com um largo gesto, que envolvia toda a assistencia, exclamou: — Meus Senhores, para demonstrar o meu grato jubilo por tantas e tão elevadas ideias que acabaes d'expôr, permitti que me sirva da phrase, concebida ha tempos na nobre Coimbra por um alto

personagem, em quem, embora adversario politico, eu reconheço e admiro o talento robusto, a eloquencia pujante: -- queria que a minha alma fosse livro para n'ella gravar as vossas palavras!...

Lisboa, Dezembro de 1921.

ANTONINHA

Antoninha

Uma *nursery*. Moveis inglezes. Gravuras inglezas. Toda a nossa anglomania em acção.

Lili, DiDi, Antoninha e Zézé acabaram d'entrar.

Miss, esgrouviada e angulosa, diz-lhes no seu extraordinario *charabia*:

— Pequenos creanças, Quininho tem má constipação. *Mami* não quer vae jardim. *Please* brinca em *nursery* e não faz barulha por causa de minha cabeça dôr...

Acabadas estas recomendações, *Miss* installa-se n'uma boa cadeira, entre almofadas e entrega a sua alma, ensossa como a côr do seu cabello, á leitura d'um d'esses candidos romances britannicos, em que o chá e o beijo alternam, igualmente inoffensivos.

Lili e DiDi, pequeninas bisbilhoteiras em botão, examinam curiosamente o quarto, os brinquedos, a *toilette* de *Miss*, trocam impressões, criticam...

Zézé (arregalando os olhos para um urso branco que Quininho aperta ternamente contra o peito)

— Esse usso é novo?

Quininho (consciente da sua importancia de

proprietario) — Foi que me dêam de prémio po é nã guitá cando me puzeam xisnaspismos. E' acasi do tamanho d'um usso vivo...

Zézé — Ê cando tive doente tamem me dêam pemio po tomale o pugante e olha que nã fiz uma caêta. Deam-me um tambô maió de qué tu...

Didi — Ha annos, ainda eu era pequena... quando tirei um dente sem dizer um pio, tive uma boneca, mandada vir de Paris, com o enxoval completo.

Quininho — Com cáçádo e tudo?

Didi — Da melhor qualidade.

Lili — Eu, quando foi da febre typhoide, tive um berço, com cortinados de renda, lençoes à jour...

Zézé (a Antoninha) — E tu qué que tiveste?

Antoninha (tristemente) — A mim nunca dão nada.

Lili — Minha rica, isto não é só receber, é preciso tambem merecer.

Zézé (que não gosta de perder tempo) — A que se binca?

Quininho — Ê cá hoje é que escoio a binca-deia...

Lili (sacudida) — Tanto escolhes tu como nós...

Quininho — Ê é que sou o menino doente... Vocês vieam pa me entetê...

Lili (desdenhosa) — Que amabilidade!

Zézé (impaciente) — A que se binca?

Lili (formalisada) — O Quininho que diga...

Quininho — Ê qué bincá á guêve dos eleticos

Zézé — Antão é sou gada feio...

Quininho — O *gada feio* sou ê...

Zézé — *Antão* é sou *condutol*...

Quininho — E ellas são as *senhoas passageias*...

Didi (*tomando logo o commando*) — N'esse caso arranjem cadeiras para formar o electrico.

(Os pequenos e Antoninha arrastam cadeiras.)

Lili — Nós duas vamos sentadas. A Antoninha vae na plataforma, com uma cesta; é a mulher da hortaliça.

Antoninha (*timidamente*) — Eu antes queria...

Didi (*authoritaria*) — Não tens nada que querer. Isto não é nenhuma republica.

Lili — Hasde ir para onde te mandarem.

Zézé (*impaciente*) — *Pincipia-se* ou não se *pincipia*?

Didi (*sentando-se ao lado de Lili. Voz affluatada*) — Por aqui, querida amiga?

Lili (*muito delambida*) — Infelizmente... Re-bentou um *pneumonico* ao meu automovel e tive de sahir...

Didi — Isto está um horror!

Lili — Perfeitamente um horror!

Didi — Nem na Siberia, nem na Noruega nem na *Pagatonia* se viu uma coisa assim!

Lili — A Camara é a culpada de tudo.

Didi — E o governo, minha amiga?... Onde fica a *elepcia* do governo?

Quininho — Vá. Peçam os *bietes*!

Lili — Um bilhete para o Dáfundo.

Didi — Um bilhete para Santa Apolonia.

Antoninha — Um bilhete para o Rocio.

Zézé — *Ê cá nã dou biete, ê cá tou em guêve...*

(Ficam todos indecisos sem saber como continuar)

Quininho — E mais o *qué* que se faz? Só isto nã tem gaça...

Didi — Pode fazer-se um assalto...

Lili — Visto que nos occupamos da questão *socia-vel*...

Quininho — *Qué qué o assato?*

Lili — E' o povo furioso, atacando, quebrando...

Zézé (*enthusiasmado*) — As mezas, as cadeias... e tudo?...

Didi — Tudo.

Zézé — *Antão, ponto! Vamos lá.*

Quininho — *Ato lá. Quem assata pimeio sou ê...*

(Atira-se furiosamente a uma cadeira, bate com ella no chão. Zézé segue-lhe brilhantemente o exemplo.)

Lili (*imperiosa*) — Vocês dizem: Em nome do povo soberano...

Quininho — Em nome do povo *sobano*!... (*Prega com outra cadeira no chão*)

Didi (*esganiçando-se o mais que pôde*) — Lá vae uma bomba de dynamite! *Bum! Bum! Cata-bum!* Ha victimas. A Antoninha cae fulminada...

Antoninha (*com velleidades de resistencia*) — Porque heide ser eu?

Didi (*cortante*) — Porque não fazes falta a ninguem. (*esganiçando-se outra vez*) *Bum! Bum!* (Miss dá signaes de visivel desagrado)

Quininho e Zézé (*berrando como possessos*) —

Bum! Bum! Catabum bum! Lá vae a bomba! Fuminou a Antoninha... As senhoas fogem...

Zézé — Quem foge *pimeio* são os *senhôs*...

Quininho — *Antão* depois as *senhoas*. E vem a *gada républicana*... E acode a *poliça*... *Bum! Bum!* Lá vae mais!...

Miss (*horrorisada*) — *What an awfull, tremendous noise!* Pequenos creanços, pela segunda vez eu manda não quer *barulha*. *Please* brinca *quieto* ou eu põe punição vocês...

Didi (*de mau humor*) — Diga então a *Miss* em que nos havemos de divertir...

Miss — Pode conta uma bonita historia...

Antoninha (*com uma desusada animação*) — Isso era engraçado e não faziamos bulha. Tu não gostas, Quininho?

Quininho — *Ê cá nã sei histoiias*...

Antoninha — Mas sei eu e se tu quizeres...

Lili (*supremo desdem*) — Hade sair coisa de geito!

Antoninha — Cada uma de nós conta o que souber. Começa tu...

Lili — As minhas historias não são para vocês!

Quininho — *Antão* a Antoninha que diga...

(Sentam-se todos de roda de Antoninha. Lili e Didi affectam uma indiferença superior)

Antoninha — Era uma vez uma fada pequenina...

Zézé — De que tamanho?

Antoninha — Do tamanho da minha unha...

Quininho — *E po qué* que ella *nã quecia*?

Antoninha — Tinha de ser assim pequenina, para viver dentro d'uma casca de noz e fazer os seus vestidos com as folhas das rosas...

Zézé (*que já tem o espirito pratico*) — *Antão* os vestidos *muchavam*...

Antoninha — Na terra das fadas as rosas não murcham.

Didi (*com um risinho*) — São rosas de papel.

Quininho — E o *qué* qu'ella comia?

Antoninha — Uma abelha côr de oiro, dava-lhe todas as manhãs o seu quinhão de mel.

Zézé — E o *qué* qu'ella bebia?

Antoninha — Um passarinho trazia-lhe no bico uma gotta d'agua que luzia como uma estrella.

Quininho — E *adonde* tomava banho?

Antoninha — Dentro d'uma conchinha.

Quininho — E *cando* a fada adoecia?

Antoninha — As fadas nunca adoecem, nunca morrem.

Zézé — *Antão* ellas são muito velhas!

Antoninha — Ha fadas velhinhas, que andam todas curvadas e, em vez de varinha, trazem um bordão.

Quininho — E *qué* qu'ellas fazem?

Antoninha — E' mau encontral-as. Podem tornar a gente, n'uma pedra, n'uma arvore e se não apparece a fada nova, que quebre o encanto...

Quininho e Zézé ouvem muito interessados. O urso tem uma attitudo grave, attenta, sentado entre os joelhos de Quininho. Reina um doce socego na

nursery. Miss chegou á pagina emocionante em que *Nicholson*, o Pastor, declara a sua casta chama á virtuosa *Arabella*. . . Os olhos d'Antoninha tomam uma expressão doce de sonho, dir-se-hia que vêem todas essas coisas maravilhosas: fadas vestidas com pétalas de flôr, abelhas côr de oiro, gottas d'agua que luzem como estrellas. . . Mas Lili e Didi já segredam, entre risinhos. . . E Lili declara arrogante, desprezadora:

— Que chorrilho d'asneiras!

Didi (*ar desabusado, blasé*) — Ainda haver quem se lembre de fadas!

Lili — Bem se vê que és provinciana!

Didi — Só na charneca!

Lili (*tentando pôr os pequenos do seu partido*)

— Como se o Zézé e o Quininho acreditassem. . .

Didi — Elles lá por dentro estão a rir ás gargalhadas!

Lili — Anda, Quininho, dize-lhe que és superior a esses disparates.

Didi — E tu, Zézé, mostra-lhe que já não és nenhuma creança.

Zézé e Quininho hesitam atrapalhados. Sentem uma grande curiosidade de saber que mais fez a fada velhinha do bordão. . . Teem, como todas as creanças, a sede do maravilhoso, do inverosimil. Mas, nas suas almas em embryão, o falso orgulho predomina já. Acabam por obedecer a esse odioso sentimento, que dá sempre razão ao mais forte contra o mais fraco. . .

Quininho (*assoando-se com estrondo*) — É cá nã sou nenhuma *quiança*...

Zézé — É cá já sou *gande*... Se tu nã sabes fica sabendo...

Didi — A Antoninha é que não passa d'uma pateta.

Lili — Estão absolutamente fóra de moda as suas fadas do tamanho de formigas!

Didi — E são d'um ridiculo! (*fallam ambas ao mesmo tempo com a maior volubildade*).

Quininho (*a Antoninha*) — E's pateta. E's, sim, és...

Zézé — E's uma *fomiga fóa* de moda, *idicula*...

(Sob a inesperada chuva d'improperios Antoninha curva a cabeça, confusa, humilhada).

Quininho — *Pus antão s'as fadas nã pestam*, a que se *binca*?

Didi — Vou eu contar-lhes uma historia (*muito preciosa*). Era uma vez uma senhora muito bonita...

Quininho — Assim *cuma* quem?

Didi — Como a mãesinha... alta, elegante, de cabello ondeado no Gésar, vestida pela Martin...

Lili (*desprezadora*) — A Martin só veste actrizes.

Zézé — *Qué qué atizes*?

Didi (*apoz uma curta hesitação*) — São senhoras que não andam na sociedade.

Zézé — *Pu qué* que não andam?

Didi (*como acima*) — Porque teem ideias avançadas.

Zézé — *Qué qué avançadas*?

Didi — Ideias... ideias russas.

Quininho — Assim *cuma* quem ?

Lili (*viperina*) — Como a Antoninha, por exemplo...

Antoninha (*vermelha*) — Eu não sou russa. Não matei o imperador...

Lili — Se não mataste, eras muito capaz de matar...

Quininho — E's, sim, és *ussa*.

Zézé — E depois, a *senhoa* ?

Didi — Casou com um homem da *élite*...

Quininho — *Dadonde* ?

Didi — Quer dizer: um fidalgo, um titular, como o meu pae. Tinham todos os *confortos* da *civilidade*. Automovel de mil cavallos. *Tennis*. Uma *miss*, uma *mademoiselle* e uma *fraulein* para as creanças...

Zézé -- *Adonde* estavam as *quianças* ?

Didi — Em casa, n'uma *nursery*. Duarte, o mais velho, era lindo!

Quininho — Assim *cuma* eu ?

Zézé — *Cuma* eu ainda é mais bonito...

Didi — Vocês ambos juntos não lhe chegavam aos calcanhares. Duarte estudava para... duque. *Orchidea*, a pequena, uma belleza tambem! Trazia no bello um laço côr de rosa...

Lili (*espevitada*) — Azul é mais distincto.

Didi — Côr de rosa vae melhor á pelle.

Lili — Já está tão visto!...

Didi (*furiosa*) — Tu não tens nada com os laços que usam as minhas heroínas. Mette-te com o que te diz respeito...

Lili — Sou muito senhora de dar a minha opinião.
(Quininho e Zézé bocejam).

Quininho — *É* não acho piada nenhuma n'essa
histoia...

Didi — Ainda não chegámos ao ponto interessante. Justamente com essas duas creanças vivia uma pequena, sobrinha dos donos da casa. Era trigueira, de cabelo preto, desasada, vestida em costureiras baratas...

Zézé (*olhando maliciosamente para Antoninha*)
— Assim *cuma* a Antoninha?

Lili — Tal e qual.

Didi — Tu não sabes. Eu é que conto. A pequena tinha todos os defeitos...

Quininho (*que começa a enthusiasmar-se*) —
Ea gulosa, máquiada, pôca, mettia os dedos no naiz, dizia palavões...

Zézé (*animadissimo tambem*) — *Xujava* as calças, *estagava* o fato...

Quininho — *Ea replicana*, não tinha *elegião*, nunca ia á *egueja*...

Didi — Sim, era livre pensadora... pedreira, pedreira... Como se diz, Lili?

Lili (*depois de reflectir um minuto*) — Pedreira... libertina...

O relógio bate solemnemente, com toda a gravidade d'um relógio britannico, as cinco horas da tarde. *Miss*, automatica como um boneco de corda, fecha o romance, annuncia:

— Pequenos creanças, vem toma chá...

Lili e Didi levantam-se, sacodem de leve as saias de musselina, compõem, n'um gesto de feminina *coquetterie*, os caracos que lhe cahem em cachos sobre as orelhas e preparam-se para sahir adiante, como de direito, lhes compete... Mas Zézé e Quinho precipitam-se, empurram-n'as, querem passar primeiro, apressados, vorazes, na ancia dos bolos... Ha uma desordem, á porta, energicamente reprimida por Miss. Porém, na confusão, esquecem-se de Antoninha, que fica só na sala.

E, enquanto Lili e Didi debicam *bonbons*, com o seu arsinho precocemente enjoado de tudo, Zézé e Quinho devoram pasteis, ao desafio; na alma de Antoninha surge uma dolorosa interrogação: Porque hade ella ter sempre o peor logar em todas as brincadeiras?... Creada, cozinheira, mulher da hortaliça, quando as outras são princezas... Fulminada nos assaltos d'onde as outras sahem sem uma beliscadura... Porque a calumniam, porque destroem tudo o que ella ama: as suas bonecas, as suas fadas? Porque a acham desasada, feia? Porque a chamam russa, actriz? Porque a maltratam, porque a abandonam?!

Porquê?! Porquê?! Ah! eterna, anciosa pergunta de todos os desherdados da sorte! Pergunta absurda, inutil que jamais encontrou, jamais encontrará resposta...

IN ILLO TEMPORE

...O death in life, the days that are no
more!

TENNYSON.

In illo tempore

D'anles. Ha mil annos... quando reinava a chimerã d'azas doiradas. Um divino passaro azul cantava na imaginação das raparigas. A vida abria-se, cheia de mysterio, ante os olhos curiosos, maravilhados. Esperava-se a cada instante um milagre, um prodigio. Cada alma tinha o seu D. Sebastião.

A cêrca das Salesas. Laranjeiras em fiôr. Alegres de boas noites. Ruasinhas bordadas d'alfazema e rosas de lodo o anno. E' a hora do ultimo recreio, que reune o pensionado.

— *Malbrough s'en va-t-en guerre!* — cantam, em enthusiasmada desafinação, as mais pequeninas. — Sels a ollo annos, a touquinha branca do uniforme, a fita estreita de aspirante a *Anjo*, pondo uma mancha vermelha sobre os bibes claros. E riem, correm, de mãos dadas, n'uma alegre *farandole*.

Os *Anjos* — Nove a doze annos, fita vermelha mais larga, o cabello muito aperlado n'uma lança, acabando em fórma de pincel — jogam as escondidas. Encolhe-se uma, cingindo contra as perninhas magras, o vestidinho curto, atraz do banco onde *Soror* Thereza, grave e pallida, lê a *Imitação de Christo*. Outra faz-se loda pequenina, sob o rebordo do velho lanque onde uma rolla veio pousar de leve as azas...

Esguias, desengonçadas, na idade ingrata, treze a quatorze annos, as *aspirantes* a *Filhas de Maria*, rodeiam *Soror Francisca*, a monja côr de marfim, que lhes conta o mais doce milagre da *Visitação*; quando Jesus mostrou á Beata *Margariða* o seu coração, que sangrava pelas iniquidades dos homens.

As *Filhas de Maria* — as *grandes*, quinze a desesseis annos, fita larga azul, a fita que concede tantos direitos e impõe tantos deveres, tantas responsabilidades, uniforme preto, cabello penteado em lisos bandós, ar modesto, recolhido — passeiam, conversando.

Eduarda — desessels annos. A mais alta, a mais elegante, a mais imponente das *grandes*. Nas procissões de maio é ella sempre que ergue, entre as mãos d'um talhe perfelto, tão parecidas com as mãos da *Baroneza de Chantal* — *Santa Joanna*, aristocratica fundadora da *Visitação* — o estandarte branco das *Filhas de Maria*.

Suzanna — quinze annos. Pallida, magrinha, olhos timidos de myope, olhos que enganam... E' a mais sonhadora, a mais imaginativa, a que ousa interrogar, com maior audacia, a vida. — Preciso cortar-lhe as azas todos os dias — diz *Soror Marla José*, *Soror Minerva*, como lhe chamam as *grandes*.

Eduarda — Nunca me impressionou tanto uma tomada d'habito.

Suzanna — Foi tambem a mais linda a que tenho assistido.

Eduarda — As noviças encheram o côro de lyrios.

Suzanna — E ficou como o jardim do *Cantico dos Canticos*.

Eduarda — Para receber Maria Ignez, a esposa do Senhor...

Suzanna — Como ella estava branca, branca!

Eduarda — E d'uma transparencia! Parecia uma renda, entre rendas...

Suzanna — Tinha o vestido que a mãe lhe deu para o seu primeiro baile.

Eduarda — Onde não quiz ir.

Suzanna — Porque desprezava as alegrias do mundo.

Eduarda — Quando ajoelhou um raio de sol poz-se-lhe na cauda de setim.

Suzanna — Foi *Soror* Margarida Maria que lhe poz a corôa de lorangeira.

Eduarda — Signal de predestinação... *Soror* Margarida Maria é uma santa.

Suzanna — O Sr. Padre Domingos assegura que ella conserva ainda a innocencia baptismal.

Eduarda — E faz milagres. Converteu a Castelhinho...

Suzanna — Em pleno inverno, quando passava na cerca, uma açucena desabrochou-lhe aos pés...

Eduarda — E uma roseira, que parecia morta, só porque as suas mãos lhe tocaram, reverdeceu, floriu...

Suzanna — Em rosas d'ouro, dizem...

Eduarda — A' noite, na cella de *Soror* Margarida Maria, voam pombas...

Suzanna — *Soror* Maria José não quer que se contem essas historias, chama-lhes superstições.

Eduarda — *Soror* Maria José tambem é santa.

Suzanna — A' maneira de S. Francisco de Sales...

Eduarda — Tu sabes o que fizeram do cabello de *Soror Maria Ignez*?

Suzanna — Levou-o a mãe.

Eduarda — Para offerecel-o a Nossa Senhora, talvez...

Suzanna (*mysteriosa*) — Eu ouvi dizer... Mas não repitas. E' segredo. Vão dal-o a um rapaz que a amava loucamente...

Eduarda — Conta. Eu não repito.

Suzanna — Um rapaz lindo como o Archanjo S. Gabriel e que por causa d'ella, quer fazer-se frade, tambem...

Eduarda — Eu logo pensei que havia um romance na vida de *Soror Maria Ignez*.

Suzanna — Recusou todos os bens da terra, até o maior de todos, o amor...

Eduarda — Só o amor divino é perfeito.

Suzanna — Mas tantas almas se perdem pelo outro!

Eduarda — O amor divino dura toda uma eternidade, o profano é ephemero como as nuvens que passam no céu.

Suzanna — Se eu fosse *Soror Maria Ignez* havia de lembrar-me do tal rapaz, parecido com o Archanjo S. Gabriel...

Eduarda — E a tua alma ficava em peccado...

Suzanna — Que pena serem peccado as coisas de que a gente mais gosta!

Eduarda — O inimigo vale-se de mil artimanhas para nos levar á tentação.

Suzanna — Aqui estamos protegidas, os anjos ve-
lam por nós, mas, depois no mundo...

Eduarda — O mundo é tão mau, dizem...

Suzanna — Mas tão largo, tão bonito!... Tu
nunca sonhas com o mundo?

Eduarda — Sim, ás vezes... E tu?

Suzanna — Oh! Eu, constantemente!

Eduarda — Não tens medo?

Suzanna — Tenho medo e... tenho pressa de
conhecel-o.

Eduarda — Eu peço a Deus que me dê vocação...
Ah! Se Jesus me escolhesse como escolheu Maria
Ignez!...

Suzanna — Também eu queria ser freira, mas só
mais tarde, depois de ter vivido muito, passado por
muitas aventuras, corrido muitas terras, atravessado
muitos perigos, muitas tentações... Iria então expiar
os meus peccados na ordem mais austera, n'um con-
vento de Carmelitas como Luiza de la Vallière...

Eduarda — Eu preferia levar ao meu celeste Es-
poso uma alma sem mácula.

Suzanna — Mas afinal nenhuma de nós tem vo-
cação.

Eduarda — E o Sr. Padre Domingos diz, que no
mundo podemos fazer muito bem.

Suzanna — Praticando as obras de misericor-
dia...

Eduarda — Casaremos, já se vê...

Suzanna — Que remedio! Jesus não nos cha-
mou. Tu já tens um ideal?

Eduarda (*perturbada*) — Sim... Penso vagamente...

Suzanna — Como é o teu ideal?

Eduarda — Desde que li «*Récits d'une soeur*»... Ah! se eu encontrasse Albert la Féronays!...

Suzanna — Albert la Féronays não me entusiasma. Em primeiro lugar, era um doente...

Eduarda — Eu seria a sua enfermeira, como Albertine...

Suzanna — Mas a gente não se casa para ser enfermeira. E, depois, Albert era santo de mais, era já do céu... Eu quero um homem da terra.

Eduarda (*espavorida*) — Com peccados e tudo?!

Suzanna — Sim... com alguns peccados...

Eduarda (*reprehensiva*) — Jesus! Tu não tens escrupulo?

Suzanna — Eu o ensinarei a arrepender-se.

Eduarda — Mas ao menos, hade ser religioso...

Suzanna — Não faço questão. Se não fôr, cá estou eu para convertel-o.

Eduarda — Isso é presumpção. Deves confessarte...

Suzanna — Tu achas?...

Eduarda — Decerto. E nos livros que tens lido ainda não encontráste ninguém... que fosse assim... como tu gostarias?

Suzanna (*muito séria*) — Eu já vou na minha segunda paixão.

Eduarda (*vivamente*) — Por quem?! Dize. Oh! dize...

Suzanna — Promettes não contar á Pilar ?

Eduarda — Nunca conto nada á Pilar.

Suzanna — Pois então, fica sabendo... Amei perdidamente D. Lourenço d'Almeida. Tinha-o sempre diante dos olhos, branco e loiro, um S. Miguel, d'espada em punho, a combater os infieis...

Eduarda — Por'isso tu coravas, na classe de historia, quando *Soror* Anna Margarida...

Suzanna (*sorrindo*) — Sim... Era por isso. Mal lhe pronunciava o nome...

Eduarda — E agora ?

Suzanna — D. Lourenço já não me interessa. Estou apaixonada por um rei... Vê se adivinhas...

Eduarda — Ah! percebo... Aquella tua composição sobre a batalha d'Aljubarrota era d'um enthusiasmo, tinha tantos pontos d'admiração, tantas reticencias!... D. João I, a Ala dos Namorados...

Suzanna — *Frio, frio*... Estou a mil leguas d'Aljubarrota...

Eduarda — D. Manuel, então ?

Suzanna — Cada vez te afastas mais! Vou dar-te um *alamiré* .. Não é de cá, o meu...

Eduarda — Prompto. Advinhei: Carlos Stuart. Tu ha dias disséste...

Suzanna — *Frigidissimo*... Ainda ficaste mais longe...

Eduarda — Em França ?

Suzanna — *Quente, quente*...

Eduarda — Henrique IV e o seu penacho branco ?...

Suzanna — *Qui m'aime me suive?*... Pois ainda não acerlâste.

Eduarda — Então, realmente, não sei...

Suzanna — E' Luiz XV, o homem mais lindo do seu tempo, Luiz, o Bem-Amado.

Eduarda — Suzanna, que louca vaidade, que louca ambição!

Suzanna — Quem sabe? Ha na vida tantas coisas extraordinarias, tão raras surpresas!

Eduarda (*pensativa*) — E' verdade que já se viu pastoras desposarem principes... Talvez tu cases com um rei...

Suzanna — Formoso como o *Bem-Amado*... E talvez tu cases com um santo...

Eduarda — Que terá os olhos de Albert la Féronnays... Talvez o Senhor te reserve o mais alto destino...

Suzanna — E a ti a mais doce missão...

Apenas começa a declinar a tarde. Ainda as *boas noites* não cerraram os calices perfumados. Um sino lange docemente... E' a hora de recolher. Forma-se de novo, o *rang*. Adiante as pequeninas, depois os *Anjos*, depois as *Filhas de Maria*... E a caminho da capella, nos claustros sombrios, vizinhas frescas, alegres como as dos passaros, entoam o cantico suave:

«Com minha Mãe estarei,
Na santa gloria um dia
Com a Virgem Maria...»

Lisboa, Agosto de 1920.

NEURASTHENIA

En mon âme d'ennui jamais ne s'élève
Le désir d'un désir, ni le rêve d'un rêve !

ANDRÉ FONTAINAS.

Neurasthenia

Cintra ao cair das folhas. Um canto de jardim abandonado.

Maria — Cincoenta annos. Tem no olhar a bondade triste e comprehensiva dos que soffreram. No sorriso a piedosa serenidade dos que se resignaram.

Anna — Sem idade, sem expressão. Uma sombra, um corpo a que a alma fugiu.

Estão sentadas n'um velho banco de pedra. Maria coze. Anna tem as mãos inertes sobre o regaço, a cabeça descae-lhe para o peito n'um gesto de profunda lassidão, os olhos fitam teimosamente a terra.

Maria — Repara n'aquelle passarinho que anda a esvoaçar entre os ramos do castanheiro... E' elle, talvez, que ouvimos cantar todas as manhãs...

Anna — Nunca ouvi.

Maria — Abençoada alegria, abençoada despreocupação a dos passaros! Deviamos ser como elles... (*Anna continua immovel*) Então, Anna, olha, peço-te...

Anna — Não posso levantar a cabeça.

Maria — Um pequenino esforço...

Anna — Para quê?

Maria — Vale a pena, asseguro-te.

Anna — Nada vale a pena.

Maria — Queixas-te que o sol te faz mal. Não ha sol hoje. Está um dia côr d'aquellas perolas, minhas preferidas. Sabes quaes são...

Anna (*falla sempre no mesmo tom de voz monotonico, igual, sem inflexões*) — Não sei.

Maria — Então, já esqueceste que eu adoro as perolas levemente cinzentas?... A proposito: porque não usas o teu colar?

Anna — Peza-me.

Maria (*sorrindo*) — Dá Deus nozes a quem não tem dentes! Se eu tivesse perolas punha-as sempre. Até dormia com ellas... Dizem que se tornam mais lindas, mais pallidas, ao contacto da pelle. Tu d'antes gostavas immenso de joias...

Anna — Pois eu gostei d'alguma coisa?

Maria — De muitas coisas, até...

Anna — Não me lembro.

Maria — Mas eu heide lembrar-te... Para começar: queres que mande vir os teus livros?

Anna — Já não leio.

Maria — E porque não lês?

Anna — Porque é inutil, porque é vão tudo o que dizem os livros.

Maria — Ha livros que consolam...

Anna (*seccamente*) — Não preciso que me consolem.

Maria — Ponhamos de parte os livros, visto que não te sentes em disposição para leituras. Pensei esta manhã que seria uma optima ideia termos aqui um piano. Se te cançasse tocar... como estás um pouco fraca...

Anna — Tudo me cança.

Maria — Ouvias-me... Prometto-te desde já os Nocturnos de Chopin e, mil vezes, se quizeres, o Largo de Haëndel, a que chamavas o Lago...

Anna — Não entendo.

Maria — Sim, hasde entender e o que é mais, hasde gostar. A musica faz bem aos nervos e ao coração. E' uma confidente, uma companheira, uma grande evocadora tambem... Verás que bons concertos organizarei em tua honra. Teremos de tudo, desde Wagner, o grande, Ravel, o complicado, até a banalidade *troublante* das valsas ciganas...

Anna — Não, não quero.

Maria — A musica é evocadora, já te disse... Nunca toco essas valsas, sem que veja o *Pré Catelan* n'aquella luminosa tarde de Maio. Voltavamos das corridas. Havia uma extraordinaria animação. Todas as mulheres tinham vestidos claros. Dansava-se. Uma americanasinha delgada, quebradiça, parecia uma penna nos braços d'um gigante loiro... Tu rias, declaravas: — Acabo por dansar tambem — Lembra-te?

Anna — Tudo passou, tudo se desfez em pó...

Maria — Alto lá. O *Pré Catelan* não se desfez, que eu saiba... E as corridas do outomno são ainda

mais elegantes do que as da primavera. As folhas doiradas estalam sob os pés pequeninos das parisienses... quer dizer: a respeito de pequeninos, temos fallado! N'isso levamos-lhes nós a palma. Não ha como os pés e os tornozellos das portuguezas. Os teus... Attenção, Anna... Eu estou engatilhando um madrigal... Prepara-te. Tens que agradecer.

Anna — Isso não me interessa.

Maria — Vá lá uma pessoa ser amavel!... Mas acabou-se. Desisto do madrigal. Do piano é que não desisto. Escrevo logo para Lisboa, queres?

Anna — Não. Só a ideia me faz mal.

Maria — Nem livros, nem piano! Oh! a grande caprichosa! Isto não pode continuar assim, Anna. Tens d'entreter-te com qualquer coisa.

Anna — Deixem-me. Estou doente.

Maria (*ternamente*) — Dize-me o que sentes, o que te doe...

Anna — Viver...

Maria — Se não teimasses em fechar os olhos e os ouvidos... Se quizeses escutar a lição das coisas... Tanto que se aprende no campo! Foi elle que me ensinou a amar a vida, a perceber-lhe o encanto, a doçura...

Anna — Tudo é triste, tudo é amargo!

Maria — Porque tu não sabes ver. Achas desolador, talvez, o jardim sem flôres...

Anna — Nem reparei que não havia flôres...

Maria — Como no delicioso jardim, descripto por *Beaunier*, a unica flôr é a luz... E tão suave, tão

discreta, que parece feita para os teus olhos maguados...

Anna — Os meus olhos só desejam a escuridão.

Maria — Entristece-te, decerto, o cahir das folhas...

Anna — Nem dei por ellas.

Maria — As arvores estão quasi despidas, mas as arvores ensinão-nos a ter esperança...

Anna — Para mim não ha esperança.

Maria — As folhas que seccam e morrem no outono, voltam a desabrochar, tenras e verdes, na primavera...

Anna — Nada volta.

Maria — Tudo se renova. Até a herva dos caminhos, mil vezes espesinhada, teima em renascer...

Anna — Para que outros pés a calquem...

Maria — Para que a illumine o sol e a beije o orvalho da manhã...

Anna — Do que serve a herva dos caminhos?

Maria — Tudo serve, tudo tem uma razão d'existir.

Anna — Eu já morri, esqueceram-se d'enterrar-me...

Maria (*tentando gracejar*) — Pois tractaremos das pompas funebres, um d'estes dias. E até lá, se quizessees ajudar-me... Tenho tanto que cozer para os pobres!

Anna — Não posso.

Maria — Estás uma preguiçosa terrivel! E' isso que te faz mal. Nunca ouviste dizer que a ociosidade...

Anna — Já não presto para nada...

Maria — Porque não avalias talvez quanto os infelizes...

Anna — Ninguem é mais infeliz do que eu.

Maria — Os mais fracos, os mais pobres precisam de nós.

Anna — Ninguem precisa de mim.

Maria — *Rien n'est melleur á l'âme*

Que de rendre une âme moins triste...

Sentirias menos o teu soffrimento se te occupasses um bocadinho do soffrimento dos outros...

Anna — Os outros não soffrem.

Maria — Ha mães que vêem os filhos com fome e não teem que lhes dar, que vêem os filhos com frio e não teem com que os cubram...

Anna — Ter fome, ter frio... Isso não é soffrer.

Maria — Vives encerrada no circulo estreito da tua dôr... Não tentas libertar-te...

Anna — D'este carcere não se foge.

Maria — Procura... Encontrarás sempre uma janella aberta...

Anna — Nem uma fresta por onde entre um raio de luz!

Maria — Sobre nós estende-se, infinito, o céu...

Anna — Fica longe. Não o alcanço.

Maria — Hasde mudar de ideias... (*sorrindo*) Precisas mudar de vestido tambem... Está vergonhoso, indecente esse roupão! Até nodas tem!

Anna — Ninguem me vê.

Maria — Ninguem?!... Então eu não sou gente?

Anna (*supplicante*) — Tu desculpas...

Maria — Enganas-te. Não desculpo. Acho insupportavel uma mulher desmazellada. E, depois, Anna, não é pelos outros que temos obrigação de tractar de nós, de vestirm'o-nos bem. E' por respeito proprio, por uma especie de pudor... Lembra-te que o mais amavel, o mais encantador dos santos considerava o aceio uma virtude quasi, queria que a sua devota fosse sempre a mais elegante. Tu, educada na casa de S. Francisco Sales...

Anna — Já tantas vezes te pedi que não me fallasses no passado...

Maria — Porque foges á tristeza doce da saudade? A saudade é ainda um bocadinho do bem perdido. E se já não podes ter esperanza...

Anna (*seccamente*) — Tambem não posso ter saudades. Estou cançada, Maria...

Maria — Pois vamos para casa. Começa a escurecer. Não vejo para trabalhar. E ha tanta humidade! Sentes frio, Anna?

Anna — Nunca sinto frio.

Maria — O mesmo não digo eu. Estou toda arrepiada! São traiçoeiras estas tardes de Cintra.

Anna — Eu deito-me já, sim? Apagam-se as luzes... Tomo o meu veronal...

Maria (*docemente*) — Hasde rezar primeiro...

Anna — Rezar?! A quem?! Para quê?!

Maria (*sorrindo*) — Todos os dias a mesma pergunta! Rezar a Deus, a Nossa Senhora, aos Santos... Deixo isso á tua escolha. Tu é que sabes das

tuas devoções... Para lhes pedires saude, paz, resignação... o que quizeres, enfim...

Anna — Eu não quero nada !

Já o mysterio da noite desce sobre o jardim abandonado. As arvores escorrem melancholia. Ouve-se, ao longe, o grito nostalgico dos pavões...

Lisboa, Junho de 1920.

IMAGINAR

Si je te tenais dans mes bras, c'est là
qu'il finirait l'adorable voyage et je veux
voyager encore...

MARGUERITE BERNAT PROVINS.

Imaginar

Em Paris. Um quarto d'hotel a que, alguns detalhes d'elegancia e conforto, disfarçam a banalidade triste. Uma colcha de damasco côr de oiro velho cobre a cama. Sobre as mezas ha photographias, livros, *bibelots*, flôres. . .

Sobre a commoda, entre bordados e rendas, alinha-se um bonito serviço de *toilette*.

E todas essas coisas intimas, delicadas, exhalam um perfume doce em que fluctua o jasmim.

Clara acaba d'entrar, tira o chapeo, despe a sua grande capa de *petit gris*, desprende as violetas, que lhe enfeitaram o regalo, mergulha-lhes os pés n'um pequeno copo de crystal, com o cuidado enternecido dos que amam verdadeiramente as flôres. . . Dá um rapido olhar ao espelho. Constata que é impeccavel o córte do seu vestido. — Ah! decididamente ninguem a veste como *Jenny*! — Depois n'um gesto preguiçoso e lento, começa a despen-tear-se. . . Jesus! Como lhe pesavam já as fartas tranças que fazem o seu orgulho e o seu martyrio!

O cabelo desenrola-se, cahe, em ondas, sobre os hombros frageis.

Desata, depois, o colar de perolas que lhe cinge o pescoço fino. Tem para as joias o mesmo cuidado enternecido que teve ha pouco para as flôres. Dá outro olhar ao espelho. Sorri de se ver tão bonita. . .

N'esse momento alguem bate levemente na parede fronteira. Clara applica o ouvido. Uma voz d'homem, quente, musical, pergunta :

— *Êtes-vous là ?*

Surprehendida, Clara responde machinalmente :

— *Oui. Je suis là . . .*

A voz torna com uma inflexão mais doce :

— *Et dire qu'il n'y a que ce mince cloison qui nous sépare !*

— *Monsieur qu'est-ce qui vous prends ?*

— *Madame il me prends que je suis fou de vous . . .*

Clara começa a achar divertida a extranha situação e tão harmoniosa a voz que a interroga. . .

— *Et quand vous est-il arrivé cet accident ?*

— *Il y deux minutes à peine, en vous regardant, monter l'escalier . . . Je n'ai pas aperçu votre figure, j'ignore la couleur de vos yeux, le sourire de votre bouche, mais . . . cette grâce, cette élégance... Madame, il n'y a qu'une française ou une déesse, pour monter un escalier comme ça.*

Clara ri. . .

— *Alors, Monsieur, il faut que je sois déesse . . .*

Do outro lado ha uma exclamação d'espanto.

— *Comment ! Vous n'êtes pas française, parisienne ?*

— *Parisienne, cela se peut . . . Toutes les femmes élégantes sont un peu parisiennes . . .*

— *Qu'êtes-vous donc ?*

— *Tâchez de découvrir . . .*

— *Roumaine ?*

— *Pas le moins du monde.*

— *Russe ?*

— *Dieu m'en garde ! Avec ces sales bolchévistes . . .*

— *Italienne ?*

— *D'un pays où fleurit l'oranger, mais pas celui de Mignon . . .*

— *Espagnole, alors ?*

— *Non, vous n'y êtes pas.*

— *Eh ! bien ! Dites . . .*

— *Inutile, Monsieur. Vous n'en seriez guère plus avancé . . .*

— *Mais, Madame, vous ne sortez pas tout de même de chez les sauvages . . .*

— *Pas tout à fait, Monsieur. Nous ne pratiquons plus l'anthropophagie. On nous a prouvé que c'était plutôt indigeste . . . Nous ne nous promenons plus tout nus, avec des plumes sur la tête . . . Nous craignons les rhumes . . .*

— *Quel dommage !*

— *Plait-il, Monsieur ?*

— *Mais, bien sûr, Madame, que s'il vous pre-*

nait la fantaisie de vous promener dans cette toilette là, pour ma part, je n'y trouverais le moindre inconvénient.

— Monsieur, vous devenez insolent.

— Madame, je deviens surtout affreusement curieux !

— C'est là un défaut terrible dont il faudra vous corriger . . .

— Je me corrigerai plus tard quand vous m'aurez dit votre nationalité . . .

— Ça jamais.

— Pourquoi donc, petite Madame ?

— Parce que, mon petit Monsieur, je ne tiens pas à ce qu'on me demande une fois de plus, si c'est du côté des Balkans . . .

Do outro lado ha uma alegre gargalhada.

— Ils ont donc la rage de Balkaniser tout le monde ? !

— À ce qu'il paraît et pour ma part, Monsieur, je commence à en avoïr assez . . .

— Mais, je crois bien, Madame, moi aussi, 'en ai plus qu'assez . . .

— Comment ! Vous aussi !! Alors vous n'êtes pas français ? . . .

— Non, Madame.

— Tiens ! qu'êtes-vous donc ?

— À votre tour : tâchez de découvrir . . .

— La revanche ?

— Madame, les dieux qui étaient des gens sages, en faisaient leur plaisir . . .

— *Laissez donc les dieux tranquilles . . . Dites, d'où venez-vous ?*

— *De la planète Mars . . . Vous savez qu'elle est habitée. Sans doute vous avez lu Flammarion . . .*

— *Non Monsieur. Je ne l'ai pas lu. Il m'embête . . .*

— *Madame, le grand astrologue serait au désespoir s'il vous entendait . . .*

— *Je me fiche de tous les astrologues du monde. Allons à ce qui importe . . .*

— *J'y vais, Madame. Tout doucement . . . rien ne presse . . . Donc, nous disions que j'étais en train de me ballader dans les montagnes de Mars . . . Car vous savez qu'il y a des montagnes, pourvues du plus grand confortable, comme en Suisse. Mon sort, bon ou mauvais — c'est vous qui déciderez — a voulu que je vous aperçusse . . . Aussitôt je me jette à vos pieds . . .*

— *Vous tombez de bien haut, Monsieur. Est-ce que vous n'avez rien de cassé ?*

— *Mon coeur est en très mauvais état. Je compte sur vous pour le raccommo-der . . .*

— *Monsieur, vous placez mal votre confiance.*

— *Madame, vous allez me soigner.*

— *Non Monsieur, je vais tout simplement vous dire bonsoir et vous souhaiter un heureux retour dans ces montagnes pourvues du plus grand confortable . . .*

Do outro lado a voz sobressalta-se, supplica :

— *Madame, je meurs si vous me quittez comme ça . . .*

— *Monsieur, je prierai pour le repos de votre âme . . .*

— *Encore une minute, une toute petite minute !*

— *À condition que je saurai . . .*

— *Mais, moi aussi, je veux savoir . . .*

— *Devenez donc, gentil . . .*

— *Le deviendrez vous ?*

— *Peut-être . . .*

— *Eh bien ! Madame . . . Je suis portugais !*

Ah! como Clara ri!

— *Madame, on dirait que vous vous moquez . . .*

E Clara ri ainda mais . . .

— *Madame, tout de même, ce n'est guère aimable . . .*

E dir-se-hia que nunca mais pára o riso de Clara ! . . .

— *Mais, vraiment, Madame, je ne le trouve pas si ridicule que çâ, mon pauvre pays, car enfin . . . s'il n'est plus, il a été . . .*

— Ah! creio bem, no tempo de Vasco da Gama ou quando aquelle excellente D. João de Castro sacrificava as barbas . . .

Do outro lado um pasmo . . .

— O quê ? ! Também é portugueza ? . . .

— Portuguezissima .

— E temos estado a jogar o jogo dos disparates !

— Que pena ! quebrou-se o encanto.

— Eu conheço-a com certeza . . .

— Talvez não . . .

— Ora, como quer você que n'aquelle corredorsinho estreito de Portugal, no Chiado, que é um cubículo . . .

- Eu nunca ando no Chiado.
- Por onde anda, então?
- Nas nuvens...
- O céu de Lisboa raras vezes tem nuvens.
- Por'isso eu raras vezes estou em Lisboa.
- Pode saber-se onde vive?
- Póde. No largo espaço como os passaros.
- Dá licença que faça ainda outra pergunta?
- Se não fôr muito indiscreta...
- E' casada ou solteira?
- Nem uma coisa nem outra. Sou viuva, pela graça de Deus... quer dizer, infelizmente...
- Viuva, com essa idade?
- Você sabe lá a minha idade!
- Sei que é deliciosamente nova.
- Desconfie das apparencias. Olhe que a mocidade é um producto que anda muito falsificado...
- Não a sua.
- O verão de S. Martinho imita tão bem a primavera! Senhor... faz favor diz-me o seu nome...
- Eduardo. Gosta?
- Muito. Lembra-me os Stuarts e o Carlos Eduardo dos *Maias*...
- Ah! leu os *Maias*?
- Mil vezes. Eu tenho uma paixão pelo Eça.
- Eu tambem tenho uma paixão, mas não é pelo Eça... Quer que lhe diga por quem?
- Guarde os seus segredos...
- Não posso. Estou na idade das confidencias e do amor...

- Quantos annos tem ?
- Já lhe disse: exactamente os precisos para amar e ser amado.
- Isso é sempre relativo . . .
- Como relativo ?
- Romeu quando se apaixonou por Julieta . . .
- Ai! não me falle n'essa gente, implico com elles de morte.
- Guizot quando amou *Madame de Lieven* . . .
- Estavam ambos *ramollis* . . .
- Tomara você escrever as lindas cartas d'amor que elle escrevia !
- Pois fique sabendo que eu escrevo ainda melhor . . . As cartas d'amor são o meu forte. Se quer experimentar . . .
- Obrigada. Já tenho uma correspondencia grande de mais.
- Correspondencia amorosa ?
- Não me confesso.
- Faz mal. A Santa Madre Igreja manda . . .
- Só uma vez por anno, na Quaresma. E ainda nem sequer chegámos ao Advento . . .
- Que pena! Eu desejava tanto ouvir os seus peccados! . . .
- Para quê ?
- Porque os peccados d'uma mulher bonita . . .
- Quem lhe disse que eu sou bonita ?
- Não é ?
- Só para os que gostam de mim.
- Então deve estar linda n'este momento. Vá

depressa ver-se ao espelho... (*um silencio*) Já vio?

— Já.

— E que tal?

— Nada por ahí além...

— O seu espelho mente, sr.² D... E' verdade, como se chama?

— Clara. Agrada-lhe?

— Immenso. Diz comsigo...

— Você nem me vio a cara...

— Vi-lhe a harmonia dos movimentos, a elegancia...

— Bem sei. Só uma franceza...

— Eu accrescentei: ou uma deusa... E já lhe ouvi o riso... Que claridade no seu riso, Clara!

— Clara! Alto lá. Dobre a lingua. Nós não comemos no mesmo prato.

— Desculpe. Não dá geito nenhum dizer sr.⁴ D. Clara... E eu tambem não exijo que me chame sr. Eduardo...

— Por esse andar, d'aqui a pouco, estamos: tu cá tu lá!

— Quanto mais depressa, melhor...

— Prefiro ir devagarinho, explorando o terreno...

Vamos a saber: é casado ou solteiro?

— Solteirissimo e ainda muito mais...

— Mais?!

— Sim, livre, liberrimo.

— O quê? Nem mesmo uma pequenina ligação?

— Nem sequer uma *passade*... Estou com escriptos...

— Casa com escriptos n'este tempo... Deve ter grande defeito!

— Engana-se, o proprietario é que é difficil. Nem todos os inquilinos lhe servem.

— D'onde vinha quando me encontrou?

— De admirar o pôr do sol na Praça da Concor- dia. Aposto que nunca reparou...

— Você imagina então, que o sol se põe só em sua honra, para prazer dos seus olhos?

— Eu imaginava... O que quer? Cada um tem as suas illusões... E a sr.^a D... Ah! decididamente não posso. E a Clara, d'onde vinha?

— De *Bagatelle*, o meu passeio favorito.

— Quem a acompanhou?

— Fui só, com os meus pensamentos...

— Não tenho a ventura de conhecer os seus pen- samentos...

— Mas, conhece, decerto, o lindo parque que a galanteria d'um principe offereceu ao capricho d'uma rainha...

— Clara, se eu fosse principe...

— Dé graças a Deus por não ser. Os principes d'agora estão em maus lençoes...

— Realmente, coitados!...

— Ah! vai longe o bom velho tempo em que elles passeiavam negligentemente, empoados e desdenho- sos, com as suas casacas de seda e os seus punhos de renda, sob as arvores de *Bagatelle*!... Mas como

aquella paisagem é deliciosamente evocadora! A cada passo imagino que vou encontrar, gentil e frívolo, o Conde d'Artois...

— Eis uma apparição que me deixaria perfeitamente indifferente.

— E se lhe apparecesse Lamballe, em toda a sua languida graça?

— Clara, uma só graça me attrahe e seduz: a sua graça... De todos os vestidos que passaram em Bagatelle, um só me interessa: o seu vestido... E parecem-me poucas todas as rosas da *roseraie* para as lançar aos seus pés pequeninos...

— Que amabilidade!

— Heide provar-lhe que sou ainda muito mais galante de que os principes empoados...

— Oh! não ha duvida que sabe dizer lindas coisas!

— Se me deixasse ir dizer-lhas de mais perto...

— Perdiam todo o seu encanto: a pontinha de mysterio que as envolve...

— Gosta assim tanto do mysterio?

— Só elle dá valor e interesse á vida.

— Não deseja então conhecer-me? Eu ganho immenso em ser conhecido intimamente.

— Faço ideia... Mas prefiro que fique por aqui a nossa intimidade...

— Porque não sabe o que podia ser para mim...

— Sei. Nada mais nem menos do que tenho sido, do que sômos sempre uns para os outros: o doce engano primeiro e depois o fatal, o inevitavel desengano...

- Clara, os meus olhos procuram já os seus olhos...
- Pois mais vale que não se encontrem.
- Porquê ? !...
- Para não terem de separar-se.
- Clara, se as nossas mãos se unissem...
- Eduardo, as mãos unem-se para logo se desunirem.
- Clara, eu sinto que se prendeu, enfim, o meu coração...
- Os corações não se prendem, são eternos vagabundos.
- Clara, Clara, nada ficará então do encanto d'esta hora ? !
- Ficaré... uma curiosidade que não se satisfiz...
- Eu estou habituado a satisfazer todas as minhas curiosidades.
- É um mau habito, Eduardo, deve perdê-lo. E ficará um desejo que não se realizou...
- Mas eu gosto de realizar todos os meus desejos!
- Faz mal. Desejo que se realiza transforma-se logo em desillusão.
- Só isso me deixa ?
- Deixo-lhe tambem a deliciosa pena do que podia ter sido e não foi...
- Eu para penas não tenho geito.
- Quem vive sem penas, Eduardo ? !

E durante um quarto d'hora ainda, a gentil esca-

ramuça continua... Eduardo supplica... Clara recusa... Mas, como é deliciosamente teimosã, com qualquer coisa de imperioso, de irresistivel, aquella voz d'homem! Clara zomba das palavras... tão vãs, sempre as mesmas! Porém a voz encanta-a, perturba-a... Ah! decerto, nunca ouvio outra voz assim! Pouco a pouco fraqueja, uma tentação invade-a, enleia-lhe a vontade... Já é quasi n'um murmurio que diz não. Uma vez, uma vez só, elle pede tão pouco, afinal!

E Eduardo ganha a batalha...

Pois bem, encontrar-se-hão amanhã, no Museu Carnavalet, defronte do retrato de *Madame de Grignan*...

— Mas não se ponha para ahi a fantasiar coisas... Demoro-me um minuto apenas, mal terá tempo de conhecer a côr dos meus olhos...

• Durante toda a noite, no quarto onde fluctua um suave perfume de jasmim, Clara sonha acordada. A sua imaginação trabalha n'um doce afan. Dá a Eduardo a expressão que prefere, a bocca, o cabello que mais lhe agradam, o coração que melhor convem ao seu coração...

O tempo passa... Nasce a manhã, uma pallida, discreta manhã de Paris. Clara continua a sonhar...

O tempo passa... Vem a tarde já... Descem sobre a cidade os tenues nevoeiros...

E' a hora do *rendez-vous*. Mas Clara hesita... Um vago receio apodera-se da sua alma... E se Eduardo não fôr como ella quer que elle seja? Se

não tiver os olhos, o sorriso, o coração que ella quer
que elle tenha ?

Finda a tarde côr de oiro e côr de perola...

No Museu *Carnavalet*, defronte do retrato de *Ma-
dame de Grignan*, Eduardo esperou em vão.

Clara resolvera não trocar o seu sonho, o seu doce,
perfeito sonho, pela imperfeita, amarga realidade.
Recusara vel-o para poder continuar a imaginal-o...

Paris, Novembro de 1920.

A ARCA DE NOÉ

Emquanto a vida não fôr este sonho brando,
Tenho um prazer maior... il-o sonhando...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

A arca de Noé

Noite de inverno. Ouve-se o lento, monotono pingar das golleiras. Um grande lume aquece e alegra a vasta sala. As taças da Índia transbordam de camelias vermelhas. Sob a luz suave, discreta, dos candieiros d'azeite, tudo lem um ar intimo, aconchegado. E' o delicioso, o amovavel *home* da provincia, a querida casa onde se vive e não se passa apenas...

Pedro, senlado junto do fogão, lê. Defronte, aninhada n'uma ampla poltrona, Gracinha lê, ou antes .. finge ler tambem. A cada instante os seus olhos afastam-se do livro e procuram fugtivamente Pedro. Já duas ou tres vezes tentou chamar-lhe a allença, lossindo, canlarolando, fazendo observações, mais ou menos tuteis, a *Joy*, que se lhe enroscou aos pés. — *Joy*, não quero barulho, por causa do llo Pedro... *Joy*, nada de te espreguiçares, incommodas o tio Pedro .. *Joy*, que maneiras são essas?!... Coçar as pulgas na sata, diante do llo Pedro?!... —

A cadellinha, profundamente adormecida, não faz um movimento. E não ha meio de arrancar Pedro áquella absorvedora leitura... Enfim Gracinha exclama :

— Tio Pedro, esse livro deve ser muito interessante...

Pedro — E' realmente muito interessante.

Gracinha — Como se chama ?

Pedro — *L'homme qui assassina*, de Claude Farrère...

Gracinha (*toma um ar entendido*) — O que eu não sei é como o tio Pedro pode dormir só, depois de ler essas coisas, á noite ! Eu, quando a Riquinha me emprestou a *Mão do Finado* e outros romances de crimes, andei espavorida, não pregava olho... A Anna tinha de ficar no meu quarto...

Pedro — Se eu me vir muito assustado recorro á Anna...

Gracinha — Estou certa que o tio Pedro é mais valente do que eu, mas, olhe que, ás escuras, a gente começa a imaginar coisas, a sentir barulhos... A mim põem-se-me os cabellos em pé !

Pedro — A mim também...

Gracinha (*resoluta*) — Então deixe isso para amanhã... Tudo faz menos pavor, menos impressão á hora do sol.

Pedro — O sol é astro que ainda não tive a honra de saudar desde que cheguei. Apre, Gracinha ! Muito chove na tua terra !

Gracinha (*sentenciosa*) — Chove só quando deve chover. Quem governa lá em cima sabe o que faz.

Pedro — Longe de mim duvidar...

Gracinha — As coisas querem-se a tempo. Inverno molhado traz sempre uma linda primavera. O jardim pella-se por esta águinha do céu ! E' ver a ancia com que elle a bebe ! E a primeira manhã bo-

nita, depois d'estes temporaes?... Tudo fresco, lavado .. A terra a cheirar muito bem, assim toda perfumada, como as senhoras quando vão para uma festa... As ultimas gottas a brilharem nas folhas, que até parecem diamantes! Os passaros, saltando de ramo em ramo, a participarem uns aos outros: Rico dia! Rico dia!

Pedro — Tu então, comprehendes a lingua dos passaros?

Gracinha (*simplesmente*) — De tanto que os oiço... A viver com elles desde que nasci. (*levanta-se e vai á janella*) Alegre-se, tio Pedro! Amanhã temos um tempo de rosas...

Pedro (*ironico*) — Já hontem me prometteste...

Gracinha — Hontem foi porque o achei tão machado, a declarar que se ia embora... Para animal-o arranjei aqueille *palão*... Mas hoje é verdade. Eu leio no céu melhor de que nos livros. Sei muito bem o que me annuncia uma certa estrellinha, que já lá anda, com o nariz de fóra, a rir entre as nuvens...

Pedro — Pois as estrellas têm nariz e riem?! Ah! está mais uma coisa que eu ignorava... Ah! Gracinha, muitas descobertas fazes tu! Muito te deve a sciencia! Passaros que conversam, estrellas...

Gracinha (*espevitada*) — Se o tio Pedro, em vez de perder o seu tempo lá pelo Chiado...

Pedro (*rindo*) — Raras vezes vou ao Chiado, Gracinha.

Gracinha — Se não vae ao Chiado vae a logares

parecidos ou peiores, onde, os passaros que fallam são d'outra qualidade...

Pedro (*divertido*) — Muito gostava que me explicasses...

Gracinha (*entre risonha e zangada*) — Se me puxa pela lingua eu ponho para ahi tudo...

Pedro — Isso é o que eu desejo. Conta lá, de que qualidade são os taes bichos?

Gracinha — Assim de muitas côres, muito vistosas, muito frisadas, todas almiscaradas...

Pedro — Todas?! Pensei que passaros era masculino...

Gracinha — Estes são... feminino.

Pedro — E fallam?

Gracinha — *Ti, ti, ti, ti* para um lado, *ti, ti, ti, ti* para outro, sorrisinho para aqui, tregeito para acolá e o tio Pedro, feito palerma... a dar o cavaquinho por ellas...

Pedro — Feito palerma é muito amavel da tua parte!

Gracinha — Eu não estou com meias medidas. Digo as coisas como ellas são...

Pedro — Mas, onde foi que me encontráste...?

Gracinha — Nas quartas feiras da tia Maria do Céu, nas quintas feiras da tia Joanna, nos sabbados...

Pedro — Misericordia, Gracinha! Poupa-me os outros dias da semana. Dize lá: o que viste tu?

Gracinha — Vi-o todo dengoso, no meio d'ellas, a papaguear tolices, de sucia... E muito mais e muito peor...

Pedro — Peior ainda ?

Gracinha — Sim senhor... Sim senhor... Uma vez no canto da janella, com a tal maluca de cabello encarnado, a quem chamam *le pont d'Avignon*...

Pedro — *Le pont d'Avignon* ?! Porquê ?

Gracinha — O tio Pedro não sabe a historia d'aquella ponte onde passava toda a gente ? (*canta*) *Sur le pont d'Avignon... Les messieurs qui passent...* Parece que o coração d'ella é assim muito concorrido...

Pedro — E o que fazia eu na celebre ponte ?

Gracinha (*furiosa*) — Beijava-lhe os dedos, dizia-lhe em ponto de reбуçado: «Ah! quem pudesse comel-a toda!» E ella, ás voltas e reviravoltas com os olhos, respondia: «Pois coma, que eu dou licença...» E lá o que o tio Pedro mais comeu é que eu não sei...

Pedro — Não comi mais nada, Gracinha, aborre-ci-me logo. Era muito indigesto...

Gracinha — Ora ahi está o tal feitio que eu não posso aturar!

Pedro — Qual feitio ?

Gracinha — O dessa gente de Lisboa que tão depressa quer como não quer, deseja e mal alcança, já acha que não vale a pena; pede uma coisa e, se lh'a dão, faz uma careta... E' como a Pilar, quando cá esteve na primavera, não podia ver uma flôr sem colhel-a. Eu supplicava: — Deixa-a lá, coitadinha, basta-lhe a vida tão curta que tem... — Qual historia! Não me attendia. Era logo que a flôr dizia muito

bem com o vestido e que cheirava e mais por isto e mais por aquillo... Dois minutos depois, torcia-a distrahidamente entre os dedos e deitava-a fóra...

Pedro — Somos uns desalmados!

Gracinha (*convencida*) — E são.

Pedro (*ironico*) — O Miguel tambem?

Gracinha — Naturalmente... (*com uma pontinha de coquetterie*) Eu não me illudo. Todos esses encantos que elle celebra, em estylo sublime, com immensos adjectivos, immensas virgulas e outras pontuações: a minha radiosa mocidade, as minhas penas de cysne innocente, os meus cabellos de oiro e de prata, a minha bocca em botão, os meus olhos não sei de quê, etc., etc., etc., etc. . .

Pedro — E' d'uma eloquencia o primo Miguel!

Gracinha — Pois sim, mas se eu, em vez de responder: O mel não se fez para a bocca do asno, dissesse: Priminho Miguel, os meus labios d'oiro e o meu cabello em botão e o cysne innocente e... o resto da trapalhada está tudo ás suas ordens, é só chamar-lhe um figo quando quizer, o caso mudava logo de figura... Acontecia-lhe como ao tio Pedro com o *Pont d'Avignon*. Achava indigesto... Enjoava-se...

Pedro (*com um olhar d'entendedor*) — Duvido...

(E, porque talvez á semelhança do coração, os olhos teem razões que a razão desconhece, o olhar de Pedro demora-se, encontra o olhar de Gracinha...)

Gracinha (*irresistivelmente*) — Eu ficava assim toda a vida...

Pedro (*sorrindo*) — Assim como ?

Gracinha (*perturbada*) — Como temos estado, muito entretidos, a ler...

Pedro — Realmente tens-te dedicado immenso á leitura esta noite! O livro deve ir quasi no fim... E' um romance ?

Gracinha (*importante*) — O Paulo e a Virginia. Uma coisa muito bem escripta, de grande fama!

Pedro (*ironico*) — Muito divertida ?

Gracinha — A respeito de divertimento... temos fallado! Talvez a culpa seja minha, mas dá-me um somno...

Pedro — Não é a primeira vez que o romance d'aquelle excellente Bernardin faz o effeito do veronal...

Gracinha (*interessada*) — Já mais alguém ador-meceu ?

Pedro — Resonaram todos durante a primeira leitura, em casa de *Madame Necker*.

Gracinha — E o bom do homem teimou em publicar !

Pedro — Teve razão. Dias depois estava celebre.

Gracinha — Custa a crêr !

Pedro — A celebridade é caprichosa como a gente de Lisboa. Ninguem percebe porque a alcançou, porque a perdeu... quando a tem pela cabeça ou pelos pés...

Gracinha (*ar entendido*) — E' para onde lhe dá.

Pedro — Tal e qual.

(Recomeça a chover torrencialmente.)

Pedro — Que diluvio! Hasde concordar que a tua estrellinha enganou-se...

Gracinha — Só o Papa é infallivel. Mas, tinha graça se fosse um diluvio a valer, como o da Biblia... E esta sala a Arca da Alliança... Já se vê, o tio Pedro fazia de Noé e eu da mulher de Noé. . Não achava boa ideia?

Pedro — Optima.

Gracinha — A *Joy* representava os animaes...

Pedro — Está claro.

Gracinha — Quanto aos filhos de Noé...

Pedro — Não me parece que se possam arranjar de pé para a mão...

Gracinha — Mas faz-se de conta... que já nasceram alguns e que estão para nascer outros e que são assim e mais assado... O tio Pedro nunca imagina coisas?

Pedro — Já lá vae o tempo das lindas imaginações!

Gracinha — Tio Pedro, como se hade chamar o nosso primeiro filho?

Pedro — Escolhe tu o nome.

Gracinha — Então é Pedro... Pedrinho e tem os olhos azues do pae...

Pedro (*malicioso*) — Noé tinha os olhos azues?

Gracinha (*córando*) — Como estava combinado que o tio Pedro...

Pedro — Perfeitamente. Pódes continuar...

Gracinha (*á vontade, outra vez*) — Depois nasceu a pequena, Gracinha, como a mãe, d'olhos...

Eu não sei bem de que côr são os meus. Veja lá, se faz favor...

Pedro (*após um demorado exame*) — Doirados, parece-me...

Gracinha — Se o tio Pedro não está bem certo, pode verificar outra vez... (*Segundo exame*)

Pedro (*sorri, ligeiramente perturbado*) — Não ha que duvidar, são doirados, Gracinha.

Gracinha — Depois, ao terceiro filho, põe-se o nome do avô... José... depois vem outra pequena, que chamamos Sophia...

Pedro — Não seria melhor ficarmos por ahí?... Quatro filhos, n'estas alturas, com a carestia da vida...

Gracinha (*erguendo as mãos*) — Nós podemos lá estar de braços cruzados!... Lembre-se que temos de povoar o mundo...

Pedro — E' verdade... E quando virá a pomba com o raminho d'oliveira?

Gracinha (*vivamente*) — Ai! Deus queira que venha o mais tarde possível! Eu sinto-me muito bem na Arca, não tenho pressa nenhuma de desembarcar.

Pedro — Pois parece-me que vão sendo horas... A tua mãe não quer que te deites tarde...

Gracinha — Ainda não tenho somno.

Pedro — Eu já tenho algum...

Gracinha (*amuada*) — Metter-se uma pessoa na cama com as gallinhas!

Pedro — Éra assim na Arca...

Gracinha (*como acima*) — Não era tal. Só os pequenos recolhiam cedo. Os Noés entravam depois da meia noite...

Pedro (*sorrindo*) — Quando iam ao theatro ..

Gracinha — Nós fomos ao theatro...

Pedro — Sê razoavel. Amanhã continuamos.

Gracinha — Amanhã é d'aqui a tanto tempo!

Pedro — Faltam apenas umas horas. (*ternamente*) Boa noite, *Madame* Noé... minha mulher...

Gracinha — Então, sê não ha remedio... Boa noite, senhor Noé... meu marido...

Pedro — Desejo-te sonhos lindos.

Gracinha (*de todo o seu coração*) — Por muito lindos que sejam, nenhum valerá este que eu sonhei acordada...

Lisboa, Agosto de 1920.

VIAGEM A CITHARA

L'amour, l'amour qu'on aime tant
Est comme une montagne haute,
On la monte toute en chantant
On pleure en descendant la côte...

ANDRÉ TRUFUET.

Viagem a Cithara

I

Partida

Madeira, a sempre linda. No mez d'Ábril, quando as glycinias dão flôr. Toda a terra rescende como um immenso bouquet.

Elle e Ella — Desculpem mas não posso revelar os nomes, obriguei-me a guardar-lhes o incognito — sobem uma d'essas íngremes ladeiras, calçadas de pedrinhas bicudas, em que, só por milagre e á custa dos mais extraordinarios acrobatismos, os pés da gente se equilibram. Porém, julgar-se-hia que *Elle* e *Ella* caminhavam sobre seda, tão facéis, harmoniosos são os seus passos...

Elle — Pensou decerto em nós o poeta quando escreveu o verso celebre: «Aquelles dois que vão juntos ...»

Ella — Dize antes em italiano... E' tanto mais doce!

Elle — Não posso. Tenho má pronuncia...

Ella — Então em francez... Sempre é mais musical...

Elle — *Ces deux qui vont ensemble...* (muito terno) Agora tu podes acabar em italiano, se quizeres...

Ella — Não. Fica uma salada russa... Continua tu...

Elle (cada vez mais terno) — *Et semblent au vent si légers...* Não é verdade que te sentes leve, leve?

Ella — Como uma penna...

Elle — Eu é como se me dessem azas...

Ella — Acertamos tão bem o passo!

Elle — Como se eu tivesse os teus pés pequeninos...

Ella — E eu os teus... (*amavel*) que para homem tambem não são muito grandes...

Elle — Os teus parecem andorinhas...

Ella — Isso é quando eu ponho os meus sapatinhos de setim preto, com a roseta de *tulle*... Hoje tenho sapatos brancos...

Elle — Assim alvinhos são... não me lembra o nome de nenhum passaro branco...

Ella — Pombas, por exemplo...

Elle — Pombinhas minusculas...

Ella — E não só os nossos pés se harmonizam. Mal eu olho para as montanhas ou para o mar, tu olhas tambem...

Elle — O que tu achas bonito, logo eu acho lindo...

Ella — Se respiro o ar perfumado...

Elle — Imediatamente me entra pelo nariz uma tal onda de aromas...

Ella — Realizamos a communhão perfeita... Tu és eu...

Elle — Eu sou tu...

Ella — Um só corpo...

Elle — Uma só alma...

Ella (*angelical*) — Quando me doe a cabeça, penso que é a tua...

Elle (*ligeira ironia*) — E sentes-te mais alliviada...

Ella (*vivamente*) — Ao contrario, doe-me duas vezes...

Elle — Eu imagino que te pertence a minha saude de ferro e dou graças a Deus, todos os dias, por te ter creado tão robustasinha, com estes musculos...

Ella (*sorrindo*) — Musculos acho de mais...

Elle — Tens razão. E' melhor não confundirmos tanto. Guarda a tua fragilidade. Sê a graça...

Ella — E tu a força...

Elle — Sê a hera flexivel...

Ella — E tu o tronco...

Elle — O tronco que enlaçarão os teus viçosos braços...

Ella — Lembra-te que a hera onde se agarra fica...

Elle — Eu quero que jamais se desate o abraço da minha hera...

Torna-se mais aspera, mais ingreme a feroz la-deira. O sol escalda...

Ella (*com a respiração um pouco oppressa*)

-- Paremos um bocadinho, sim ?

Elle (*sollicito*) — Estás cansada ?

Ella — Ia contigo ao fim do mundo sem me cançar, mas para termos tempo de ver tudo bem... Isto é tão bonito !

Elle — Uma belleza !

Ella — Gosto tanto d'este mez !

Elle — O mez das glycinias...

Ella — O mez côr de lilaz...

Elle — Em todo o caso eu prefiro o mez azul, quando floriem os jacarandás...

Ella — Se tu preferes, tambem eu prefiro...

Elle — Já se vê, do que eu gosto, gostas tu... (*ficam a olhar um para o outro em beatitude*).

Elle (*um torrão d'assucar*) — Dá me um beijo...

Ella (*como uma papoula*) — Pode vir gente...

Elle — Não se avista viv'alma... Este sitio é d'uma commodidade !

Ella — Mas se, de repente, apparece...

Elle (*muito decidido*) — Pois que appareça seja quem fôr... o Rei, o Bispo, o Papa...

Ella — Oh !

Elle — Que mal faz um beijo?... Vê lá se a lua se esconde quando lhe appetece beijar o mar e se não é com a maior sem cerimonia que as abelhas beijam as flôres e se as rolas estão com meias medidas...

Animada por tão altos exemplos, *Ella* offerece a

facesinha mimosa aos labios d'*Elle*. Um beijo sonoro estala...

Elle — A tua pelle é d'uma doçura!

Ella — E a tua não lhe fica a dever nada...

Elle — São pelles irmãs como as almas...

Ella — Ainda estamos muito longe?

Elle — Um bocado... Encosta-te ao meu braço. Sobes assim melhor o pessimo caminho.

Ella — Não quero que lhe chames pessimo. E' o meu caminho do céu...

E caminho do céu acima, continuam gorgeando as ineffaveis, divinas tolices do amor...

Riem as brisas e os passaros nas frescas ramagens, ri a agua nas levadas cantantes. Surge já ao longe a casa mysteriosa, Cythara toda branca, entre myrtos e rosas... Na ancia de chegar, *Elle* e *Ella* apressam o passo... *Ella* tropeça, o seu pésinho delicado, bate com força d'encontro a um aspero pedregulho. Dá um grito, fica um momento com o dolorido pésinho no ar...

Elle (*assustado, sollicito, consternado*) — Magoaste-te, meu amor?

II

Volta

Dias depois. A mesma ingreme ladeira. Enfeitam cada muro de quinta, os cachos roxos das glycinias. Em baixo, muito azul, resplandece o mar.

Elle e Ella descem, caminho da cidade. *Ella* canta a meia voz a aria de Samsão e Dalila: *Mon coeur s'ouvre à ta voix...*

Elle (impaciente) — Se acabasses com a musica...

Ella (abespinhada) — Incomoda-te a minha voz?

Elle — Não é a tua voz... E' a repetição d'esse estribilho...

Ella — Estribilho?

Elle — Ha já não sei quantos dias não oiço outra coisa... *Mon coeur* e... mais *mon coeur*...

Ella (ironia gelada) — Ignorava a tua antipathia pela opera de Saint Saëns...

Elle — Acho deprimente o papel de Samsão. Um homem que assim se deixa tosquear!

Ella (pimpona) — E' porque, se eu quizesse não te cortava tambem...

Elle — Minha rica, comigo não te mettas a Dalila...

Ella — Não ha perigo. Falta-te muito para te pareceres com Samsão... Mas, já que te queixas do meu estribilho, deixa-me dizer-te que, se julgas mais agradável, mais divertido esse teu costume de trautear o Hymno da Carta desde pela manhã até á noite...

Elle — Podias prevenir-me...

Ella — Tenho outro genio. Supporto e calo-me ..

Elle (*entre dentes*) — Vê-se bem... (*n'outro tom*) Mas agora, por tão pouco... sim... parece-me que por causa do Samsão e da Dalila e do Hymno da Carta não vale a pena ficares amuada.

Ella — Tu é que começaste...

Elle — Eu só te pedi...

Ella — Pedir?! N'esse tom?! Isso, meu caro, chama-se ordenar. E' a tal historia, já te consideras senhor e dono.

Elle — Eu é que me considero?! Eu!... Eu!...

Ella (*pyrrhonica*) — Sim. Tu. Tu.

Elle (*dignò*) — Não me entendes!

Ella (*tragica*) — *Personne ne comprend personne...*

Elle — Já cá faltava a citação!

Ella — Tambem te entende com os nervos?

Elle — Bastante.

Ella — Que hysterismo!...

Elle — Hysterismo?! Ri-se o roto do esfarrapado!

Ella — Já cá faltava o proverbio...

Elle — Constato que tudo te desagrada na minha pessoa...

Ella — Já ha muito fiz igual constatação...

Elle — Somos... um pouco differentes (*conciliador*) o que nos não impede de gostarmos immenso um do outro, não é verdade?

Ella (*enthusiasmo muito relativo*) — Immenso.

Elle — E agora não impliques mais comigo...

Ella — Se tu não implicares tambem...

Elle — Um beijo para fazermos as pazes, queres?

Ella (*rindo*) — Vá lá. (*offerece-lhe a sua face-sinha mimosa, mas logo depois, n'um tregeito d'enfaço*) Crédo! Como a tua barba pica!

Elle (*fazendo uma careta*) — O que puzeste tu, na cara, que me deixou os beiços todos lambuzados?

Ella — Puz pó d'arroz, como toda a gente... Querias talvez que andasse com o nariz a luzir?

Elle — Acho que não precisas...

Ella — Eu é que sei do que preciso.

Elle — Como disseste tantas vezes que só desejas agradar-me...

Ella — No que for rasoavel. Quanto a imposições...

Elle (*muito digno*) -- Oh! longe de mim a ideia d'impor-me...

(Silencio algo tempestuoso).

Ella — Que manhã tão bonita, tão serena! Faz bem á alma olhar para esta paisagem!

Elle (*desdenhoso*) — Já vi isto tantas vezes!

Ella — Nunca a gente se cança.

Elle (*como acima*) — E' sempre o mesmo.

Ella — Não é tal. Hontem havia nuvens no céu, o mar estava esverdeado...

Elle (*superior*) — Tu hasde concordar que um homem não pode passar a vida, contando as nuvens do céu, verificando a côr das ondas...

Ella (*seccamente*) — Quando se tem o sentimento do bello...

Elle — E depois a paisagem madeirense não me diz nada. Acho-a, além de monotona, estreita. .

Ella — E's o primeiro. . .

Elle — Serei.

Ella — Nem sequer te dignas admirar as montanhas?

Elle (*cada vez mais desdenhoso*) — Oh! minha joia, em qualquer bilhete postal da Suíça, tu encontras. . .

Ella — Isso já é vontade de contradizer!

Elle — E' simplesmente conversar, dar a minha opinião, que desculparás não ser igual á tua. . .

Ella — Igual á de toda a gente que tem um bocado de gosto. . . A Madeira sempre foi considerada. . .

Elle (*ironico*) — Como a perola do Oceano. . .

Ella (*sarcastica*) — Tens muito espirito!

E, continuam trocando. . . discordancias. Riem as brisas e os passaros nas frescas ramagens, ri a agua nas levadas cantantes. . . Já se approximam da cidade. . . Anciosos de chegar apressam o passo. . . Ella tropeça, o seu pésinho delicado bate com força d'encontro a um aspero pedregulho. Dá um grito. . . etc., etc., como no capitulo anterior. . .

Elle (*furioso*) — Que diabo! Não vês onde pões os pés?

O INUTIL, DINHEIRO

O inutil dinheiro

Um jardim da Madeira. *Bougainvilles* roxas e vermelhas cobrem os muros. Junto aos negros cedros desabrocham malmequeres. Roseiras, que jamais se cançaram de florir, abraçam os altos pilares, veslem os caramancheis. Sobre um velho lanque curvam-se, pezadas de perfume, as daturas. Enle relva canla alegre, a voz d'um regato. Ao longe, de encontro á rocha, responde triste a voz do mar.

Mab — Pouco mais de vinte annos. Nasceu do casamento d'amor enle um portuguez e uma irlandeza. A mãe, que era romanlica, deu-lhe esse nome de fadas. E a sua beleza iolra, com qualquer coisa de diaphano, d'aereo, parece ler vindo do *fairy land* lambem. Mas, nos olhos azues, sombreados de longas pestanas escuras, já a humana, a mortal Irsteza locou. *Mab* está tysica, *Mab* vae morrer...

Nuno — Trinta e cinco annos. Muito allo. Muito forte. Um gigante com olhos bons de creança. São millonarios. Adoram-se. Pouco depois de casarem *Mab* adoeceu. Mandaram-n'a para a Suissa, para a Italia, para todos esses logares de luxo e de miseria, onde passam, calmho da morte, os doentes ricos... Uma ullima es-

perança no suave, brando clima, trouxe-os á Madeira. Mab está deitada sobre uma *chaise longue*. Ao lado, Nuno, seriado, quasi ajoelhado, endireita-lhe a cada instante as almofadas, aconchega-lhe a manta contra o corpinho magro, afaga-lhe as pallidas mãosinhas onde correm veias azuladas. E os seus olhos seguem-n'a, devoram-n'a, com uma ansiedade dolorosa.

Mab — Que lindo está o mar! Eu adoro o mar! Queria fazer uma grande viagem. Viver mezes, annos sobre o mar... Dize, Nuno... Hasde levar-me...

Nuno — Dar-te-hei um *yacht*...

Mab — Que se chamará Gaivota... E hade ser branco...

Nuno — Será como a rainha Mab o desejar...

Mab — Correremos o mundo inteiro. Todos os mares, desde o Mediterraneo azul...

Nuno — Sim, todos.

Mab — Eu quero ir ao Japão...

Nuno — Iremos ao Japão, meu amor.

Mab — Quando as cerejeiras estiverem floridas. Heide comprar um kimono todo bordado de flôres de cerejeira...

Nuno — Ficarás uma linda *mousmé*...

Mab — Outro amarello, d'aquelle amarello quente, que vestia a Imperatriz de Loti... Outro azul claro com pinturas exóticas...

Nuno — Dar-te-hei os mais ricos kimonos...

Mab — Quero ir a Constantinopla, a Stamboul...

usar um véo como as turcas... (*desconsolada*) Mas não me fica bem. Tenho os olhos azues...

Nuno (*n'um enlevo*) — Tudo te fica bem...

Mab — E quero ir á India, ver coisas extraordinarias, perigosas, conhecer um Rajah, assistir a uma caçada de tigres...

Nuno — Irás á India... O mais poderoso, o mais brilhante Rajah, hade organizar em tua honra, a mais extraordinaria caçada...

Mab — E a Jerusalem?... Eu preciso conhecer Jerusalem... Toda a Terra Santa, Nazareth onde viveu Nossa Senhora...

Nuno — Levar-te-hei á Terra Santa ..

Mab — Onde iremos depois?... Eu desejava viajar tanto, mas o mundo é tão pequeno!

Nuno — Quem sabe? O amor faz milagres... Por amor de ti, eu descobrirei novas terras, ilhas encantadas...

Mab (*tica um momento pensativa, depois, os seus inquietos olhos azues, desviam-se do mar, voltam-se para o jardim*) — Não ha bastantes rosas aqui...

Nuno — Os canteiros estão todos floridos...

Mab — Mas eu ainda queria mais... queria andar sobre um tapete de rosas...

Nuno — Prometto-te que, d'amanhã em diante, todas as rosas dos jardins da Madeira enfeitarão o caminho onde tocarem os teus pés...

Mab (*sorrindo*) — Serão todas para mim, só para mim?...

Nuno — Só para ti.

(Ao fundo, contra a ramagem sombria do cedro, um pavão desdobra a cauda luminosa)

Nuno — Repara, Mab, que lindo leque, as mais bellas côres do oriente reuniram-se ali...

Mab -- Eu prefiro os pavões brancos, que nós não temos...

Nuno — Porque ainda não os desejas, mas tel-os-hás...

Mab — Dás-me tudo o que eu desejar?

Nuno — Sim, tudo...

Mab (*sorrindo*) — E se eu te pedir uma estrela?

Nuno — Irei ao céu buscá-la.

Mab (*brincando com os anéis*) — Estão tão largos! Até tenho medo de perdê-los...

Nuno — Quem te manda ter os dedos tão delgadinhos?

Mab (*coquette*) — Tu dizes que são dedos de fada...

Nuno — Não são?

Mab — Talvez... (*triste*) As mãos emmagrecem-me todos os dias. D'aqui a pouco ficam feias...

Nuno (*com uma grande ternura*) — Eu adoro-as assim...

Mab — Tão fracas! Não podem nada...

Nuno — Podem acariciar-me... E' quanto basta...

Mab (*passando-lhe a mão pelo cabelo*) — Tu achas?

Nuno (*beijando o dedinho onde brilha um grande rubi*) — Tenho ciumes d'este rubi...

Mab (*coquette*) — Porquê?

Nuno — Porque se atreve a focar-te...

Mab — Nuno, eu já não gosto de rubis...

Nuno — De que gostas tu, então?

Mab — Nuno, eu quero opalas. Quero uma grande opala, que mude de côr como o mar...

Nuno — Dar-te-hei a mais bella opala...

Mab — Roxa, azul, amarella, rosada e muito transparente...

Nuno — A opala que tu sonhaste...

Mab — Quero tambem uma turqueza...

Nuno — Terás mil turquezas...

Mab — Tu sabes que é uma pedra perigosa?

Nuno — Perigosa em quê, meu amor?

Mab — A turqueza empallidece quando a sua dona deixa de ser amada...

Nuno — Juro-te que jamais hade empallidecer a turqueza que eu te dêr...

Mab — Quando eu fôr uma velhinha...

Nuno — As fadas não envelhecem...

Mab — Sim, eu quero envelhecer... Só não envelhecem os que morrem... Eu heide viver cem annos... sempre ao pé de ti...

Nuno (*procurando disfarçar a sua tortura*) — Cem annos acho tão pouco para passal-os contigo!

Mab — Pequenina, toda franzida, um pouco tropega já, andarei agarrada ao teu braço...

Nuno — Bem junto ao meu coração...

(Nuvens toldam o céu. Esconde-se o sol. Fica sombrio o jardim, que ha pouco illuminava uma doirada luz.)

Mab — Parece que o tempo mudou...

Nuno — O sol recolheu ao seu palacio de nuvens... A rainha Mab deve recolher tambem...

Mab — Mas damos antes um passeiosinho...

Nuno — Não vais cançar-te...

Mab — Dois passos apenas... Até o portão, para avistar a estrada... Diverte-me ver gente... (*Levanta-se. Nuno ampara-a. Seguem devagar. Mab colhe um malmequer que desfolha sorrindo...*)
Il m'aime... Un peu... Beaucoup... Passionnément... À la folie... E' verdade, Nuno?

Nuno — Pois tu não sabes, minha ternura?

Mab — Sei, mas gósto que m'o repitas...

Nuno — E's o meu amor, a minha paixão...

Mab (*sorrindo*) — E a tua criança muito amimada...

Nuno — A quem satisfação todos os caprichos...

Mab — Não te esqueças que hoje me prometteste um *yacht*...

Nuno — E pavões brancos...

Mab — E todas as rosas dos jardins da Madeira...

Nuno — E uma opala côr da lua...

Mab — Eu disse côr do mar...

Nuno — Tens razão, côr do mar...

Mab — E uma turqueza que jamais perderá o seu firme azul...

Nuno — E uma turqueza...

Já se avista a estrada. Ouvem-se vozes alegres, alegres risos. Um grupo de raparigas passa... Vestidas de claro, sobraçam grandes ramos de giesta. Vêm do Monte, talvez... E, dir-se-hia que passa, com ellas, um fresco aroma de campo. Affrouxa o andar miudinho de Mab. A cabeça loira descahe sobre o peito de Nuno. Um ataque de tosse suffoca-a. Fica um momento calada, pallida, como se todo o sangue lhe fugisse das veias, depois, n'uma pobre voz magoada, em que lagrimas tremem :

— Nuno, tu dás-me opalas... Compras-me um *yacht* e os pavões reaes... Se eu desejar uma estrella, vaes ao céu buscal-a... Mas a saude, a saude Nuno, onde é que tu m'a compras, quando é que tu m'a dás ?

...Entre relva, canta alegre a voz do regato...
Ao longe, de encontro á rocha, responde triste a voz do mar...

Funchal, Março de 1920.

Indice

| | |
|---|-----|
| Confidencias | 7 |
| Saber gostar, saber soffrer, saber esperar. | 21 |
| A consulta | 33 |
| Viver. | 43 |
| O enterro de Izabel | 55 |
| A amizade d'ella | 69 |
| Como elles começam. | 85 |
| O que elles promettem. | 97 |
| Como elles acabam. | 107 |
| O que elles dizem depois. | 123 |
| A recita de caridade | 135 |
| Independencia | 149 |
| Supremo argumento | 161 |
| O convite | 171 |
| Porque Jayme resolveu casar. | 185 |
| Em margem dos Malas | 199 |
| Antoninha | 209 |
| In illo tempore | 223 |
| Neurasthenia | 233 |
| Imaginar | 243 |
| A arca de Noé | 259 |
| Viagem a Cithara | 271 |
| O inutil dinheiro | 283 |

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO NA IMPRENSA
DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA,
NA RUA DO DIARIO DE NOTICIAS,
57 A 61, AOS 27 DE MARÇO
DE 1922



PORTUGALIA — EDITORA

CORRÊA, Limitada

75, Rua do Carmo, 75 — Lisboa

| | | | |
|---|--------|---|-------|
| AMEAL (JOÃO) <i>Semana (A) de Lisboa.</i> <i>Maior-Dezembro</i> MCMXX..... | 3\$50 | BOTTO (ANTONIO) <i>Canções</i> | 5\$00 |
| AZEVEDO (D. MARIA PAULA DE) <i>Portugal para os pequeninos (Os grandes portugueses)</i> | 2\$50 | CARNAXIDE (VISCONDE DE) <i>No outono da vida</i> | 2\$50 |
| BELDEMONIO (BARROS LOBO) <i>Viagens no Chiado</i> | 2\$50 | CARVALHO (D. MARIA DE) <i>Folhas</i> | 3\$00 |
| CARVALHO (D. MARIA A. VAZ DE) <i>Cartas a Luiza (moral, educação e costumes)</i> | 2\$50 | CASTRO (D. FERNANDA DE) <i>Ante-manhã</i> | 1\$00 |
| CONDE DE SABUGOSA <i>Rainha (A) D. Leonor, 1458 1528, 1 vol. de 384 pag. com 15 estampas</i> | 15\$00 | COLAÇO (D. BRANCA DE GONTA) <i>Dansas da roda</i> | 2\$50 |
| COSTA (DR. SOUSA) <i>Ressurreição dos mortos, romance</i> | 2\$50 | COLAÇO (THOMAZ RIBEIRO) <i>Hora da sesta</i> | 2\$00 |
| FERRO (ANTONIO) <i>Cotette</i> | 8\$00 | COLAÇO (THOMAZ RIBEIRO) <i>A' margem das crónicas</i> | 1\$00 |
| <i>Gabriel d'Annunzio e Eu</i> | 3\$00 | DURÃO (AMERICCO) <i>Agua da fonte</i> | 2\$00 |
| <i>Leviana, novela</i> | 1\$50 | <i>Primeiros versos</i> | 2\$00 |
| LOBATO (GERVASIO) <i>Primeira confessada (esgotada)</i> | 7\$50 | DELGADO (D. BEATRIZ) <i>Tantalo</i> | 2\$00 |
| LEITE (D. BERTHA) <i>Lenda (A) da Praia do Guincho</i> | 3\$00 | DELGADO (D. BEATRIZ) <i>Amorosa</i> | 3\$00 |
| LUZIA <i>Os que se divertem (A comedia da vida)</i> | 2\$50 | ESPANCA (FLORBELA) <i>Livro de maguas</i> | 2\$00 |
| <i>Rindo e chorando</i> | 3\$50 | FERRO (ANTONIO) <i>Arvore do natal</i> | 1\$20 |
| MARIA (D.) MAGDALENA <i>Sombras na estrada</i> ... | 5\$00 | <i>Teoria da indiferença</i> .. | 1\$20 |
| PINTO (DR. MANOEL DE SOUSA) <i>As mãos da vida</i> | 2\$50 | FONSECA (TOMAZ DE) <i>Musa pagã</i> | 1\$00 |
| <i>Para onde vaes Maria</i> | 3\$50 | GOMES (AUGUSTO FERREIRA) <i>Proccional, poemas</i> ... | 2\$00 |
| | | GUIMARÃES (ALFREDO) <i>Meiga</i> | 1\$00 |
| | | LEAL (GOMES) <i>Carta aos cristãos e ás feras, profecia do seculo XX</i> | 5\$00 |
| | | PIMENTA (DR. ALFREDO) <i>Coimbra (poema de saudade e desafrenta)</i> ... | 5\$00 |
| | | <i>Livro das chymeras</i> ... | 3\$50 |